



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LUIZ AUGUSTO RAMOS PEDRO

**RELAÇÕES SOCIAIS PRESENCIAIS E AS MEDIADAS PELAS TECNOLOGIAS
DA INFORMAÇÃO:** o caso do Curso de Tecnologia da Informação de uma
Instituição de Educação Superior.

São Leopoldo - RS

2018

LUIZ AUGUSTO RAMOS PEDRO

**RELAÇÕES SOCIAIS PRESENCIAIS E AS MEDIADAS PELAS TECNOLOGIAS
DA INFORMAÇÃO:** o caso do Curso de Tecnologia da Informação de uma
Instituição de Educação Superior.

Dissertação apresentada para aprovação no
mestrado do Programa de Pós-graduação em
Ciências Sociais da Universidade do Vale do
Rio dos Sinos - UNISINOS.

Linha de pesquisa: Identidade e Sociabilidade

Professor Orientador: Dr. Carlos Alfredo Gadea
Castro

São Leopoldo - RS

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

316.47

P372 Pedro, Luiz Augusto Ramos

Relação social mediada pelas tecnologias da informação: o caso dos discentes de uma instituição de educação superior / Luiz Augusto Ramos Pedro. - São Leopoldo - RS: UNISINOS, 2018.

140 f. ; il. color ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alfredo Gadea Castro

1. Relações sociais 2. Interação presencial 3. Interação mediada por computador 4. Educação superior I. Título

CDU 316.47

Ficha elaborada pelo bibliotecário Luís Eduardo Gauterio Fonseca

LUIZ AUGUSTO RAMOS PEDRO

**RELAÇÕES SOCIAIS PRESENCIAIS E AS MEDIADAS PELAS TECNOLOGIAS
DA INFORMAÇÃO:** o caso do Curso de Tecnologia da Informação de uma
Instituição de Educação Superior.

Dissertação apresentada para aprovação no
mestrado do Programa de Pós-graduação em
Ciências Sociais da Universidade do Vale do
Rio dos Sinos - UNISINOS.

Linha de pesquisa: Identidade e Sociabilidade

Aprovado em ____ / ____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Dr. Carlos Alfredo Gadea Castro - UNISINOS

Dr. José Luiz Bica de Mélo – UNISINOS

Dr. Jonathan Rosa Moreira – UNI PROJEÇÃO

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos docentes do PPGCS/UNISINOS pela fidalguia, profissionalismo e oportunidades de aprendizado que me foi disponibilizada ao longo do curso.

De forma particularizada agradeço ao professor Carlos Gadea por toda dedicação e conhecimento que foram imprescindíveis para que eu pudesse concluir este trabalho.

Agradeço de forma especial o professor José Sergio de Jesus pelas orientações e transmissão de conhecimentos ao longo do trabalho o que muito contribuiu para a qualidade de minha dissertação.

A Professora Francisca Carla do NUPI/ UNIPROJEÇÃO, pela colaboração e ensinamentos divididos ao longo do trabalho.

Aos funcionários do PPGCS pela presteza e simpatia. Em especial à Maristela Simon (UNISINOS) e Hamoniely Felix da Rocha (UNIPROJEÇÃO)

Aos colegas de mestrado principalmente a Gisela e Rosa pela amizade e estímulos ao longo do curso.

Agradeço a minha esposa Glaucia Ramos e aos meus Filhos Rafael Ramos e Natalia Ramos pela compreensão, apoio e por estarem sempre ao meu lado durante toda esta empreitada.

Por fim agradeço a minha mãe Iracema Azedias Ramos Pedro e ao meu pai Manuel Ramos Pedro (in memorian) por todo apoio e estímulo aos meus estudos.

EPÍGRAFE

“Combati o bom combate, terminei a
corrida, guardei a fé”.

(Paulo de Tarso)

RESUMO

As interações sociais, no contexto atual, podem ser realizadas presencial ou mediadas por dispositivos de tecnologia da informação e comunicação. Considerando o contexto acadêmico, sobretudo na educação, pressupõe-se que as interações dos estudantes são influenciadas pelas novas tecnologias, principalmente, quando o enfoque está nos cursos da área tecnológica. A Internet assume, portanto, papel de destaque neste contexto. Por outro lado, as interações presenciais são substanciadas pelas relações e estruturas sociais. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi observar como se dá a interação presencial e a interação mediada por computador, em um ambiente educacional, considerando um grupo formado por acadêmicos de cursos superiores da área de tecnologia de uma instituição de educação superior privada do Distrito Federal. Para tanto, optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa, com mediação de grupo focal e aplicação da técnica de análise de conteúdo. Revelou-se que, para o grupo estudado, mesmo com forte aderência às novas tecnologias da informação e comunicação, há preferência pela interação presencial quando se trata de interações sociais mais aprofundadas.

Palavras-chave: Relações sociais; Interação presencial; Interação mediada por computador; Educação superior.

ABSTRACT

Social interactions, in the current context, can be carried out face-to-face or mediated by information and communication technology devices. Considering the academic context, especially in education, it is assumed that the interactions of students are influenced by new technologies, especially when the focus is on technology courses. The Internet therefore plays a prominent role in this context. On the other hand, face-to-face interactions are substantiated by relationships and social structures. Thus, the objective of this study was to observe how face-to-face and computer-mediated interaction occurs in an educational environment, considering a group formed by academics of higher education in the technology area of a private higher education institution of the Federal District . For that, a qualitative methodological approach was chosen, with focal group mediation and application of the content analysis technique. It was revealed that, for the group studied, even with strong adherence to the new information and communication technologies, there is a preference for face-to-face interaction when it comes to deeper social interactions.

Keywords: Social relations; Face-to-face interaction; Computer-mediated interaction; College education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação de interconexões de rede de computadores	45
Figura 2 - Símbolo do aplicativo Snapchat	49
Figura 3 - Símbolo da rede social LinkedIn	50
Figura 4 - Símbolo da rede social Twitter	51
Figura 5 - Aplicativo de comunicação Skype	52
Figura 6 - Símbolo do aplicativo de relacionamento Tinder	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perguntas mediadas no grupo focal	56
Quadro 2: Categorias de análise	57
Quadro 3: Perguntas mediadas no grupo focal	57
Quadro 4: Organização dos dados degravados	68
Quadro 5: Matricial das categorias de análise – Interação	69
Quadro 6: Matricial das categorias de análise – Conteúdos transacionais	70
Quadro 7: Matricial das categorias de análise – Ferramentas tecnológicas	71
Quadro 8: Matricial das categorias de análise – Tempo de conexão	72

LISTA DE SIGLAS

ARPA	<i>Advanced Research and Project Agency</i>
ARPANET	<i>Advanced Research and Project Agency Internet</i>
GDF	Governo do Distrito Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
ISP	<i>Internet Service Provider</i>
HTTP	<i>Hypertext Transfer Protocol</i>
PC	<i>Personal Computer</i>
PDAD/DF	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicações
WAN	<i>Wide Area Network</i>
WWW	<i>World Wide Web</i>
URL	<i>Uniform Resource Locator</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	19
2 SOCIABILIDADE	19
2.1 Simmel e a sociabilidade	19
2.2 Relações sociais	23
2.3 Identidade de jovens discentes	26
CAPÍTULO II	31
3 REDES SOCIAIS E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÕES	31
3.1 Redes sociais	31
3.2 Redes sociais virtuais	41
3.3 Aplicativos de redes sociais	48
CAPÍTULO III	54
4 METODOLOGIA	54
4.1 Abordagem metodológica	54
4.2 Tipo de pesquisa	54
4.3 Técnicas de coleta de dados	55
4.4 Instrumento de coleta de dados	55
4.5. Ambiente de estudo	58
4.6 Caracterização dos respondentes	59
4.7 Procedimentos de geração de dados	60
4.8 Preparação para análise dos resultados	61
5 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS	63
5.1 Grupo focal: respostas predominantes	63
5.2 Grupo focal: pré-análise e exploração do material	68
6 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	73
6.1 Tipos de interações sociais utilizadas pelos atores	74
6.2 Ferramentas tecnológicas de interação social	76
6.3 Conteúdos transacionados nas interações mediadas por computador	78
6.4 Tempo de conexão em redes sociais para interação, nos espaços acadêmicos e em outros âmbitos sociais	80
6.5 Considerações acerca da sociabilidade e identidade juvenil identificadas	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICE I - Degravação do grupo focal	91

1 INTRODUÇÃO

Este estudo, que tem por tema “Relações sociais presenciais e as mediadas pelas tecnologias da informação: o caso do Curso de Tecnologia da Informação de uma instituição de Educação Superior”, consiste em um trabalho que buscou observar as relações de interação mediadas por dispositivos de Tecnologia da Informação e Comunicações (TICs) entre os discentes de um curso de Tecnologia da Informação (TI) de uma Instituição de Educação Superior (IES) privada, localizada no Distrito Federal na cidade de Taguatinga.

Observa-se que, neste palco onde se desenrola a pesquisa, existem outros grupos sociais interagindo. Destacamos os seguintes: docentes, pessoal técnico administrativo e comunidade.

Entende-se que, cada vez mais, as relações mediadas por TICs estão se tornando comuns na sociedade e o aperfeiçoamento das tecnologias, barateamento dos custos dos equipamentos e o acesso à internet de alta velocidade permitem que um maior número de pessoas usufrua desta facilidade no seu cotidiano. Uma das constatações mais frequentes é o uso das mídias sociais para a realização de interações entre as pessoas. A plataforma mais corriqueira é o *Facebook* que é utilizado para diversas atividades, dentre elas, pode-se destacar, a marcação de encontros e a troca de informações.

Durante o tempo em que trabalho em Instituição de Educação Superior, principalmente nos anos como diretor da Escola de Tecnologia, pude observar como o grupo de jovens discentes dos cursos de Tecnologia utilizam cada vez mais os meios de TICs para estabelecer seus relacionamentos e suas interações sociais.

Por se tratar de um universo bastante interessante, utilizarei como cenário de minha pesquisa uma IES Privada de uma região da periferia do Distrito Federal (Taguatinga). Dentre os seus diversos cursos, a IES, ambiente de estudo, oferta alguns cursos na área de tecnologia, tais como análise e desenvolvimento de sistemas, redes de computadores e sistemas de informação. Os discentes do curso de sistemas de informação formam o grupo social que será o foco desta pesquisa. Assim, o universo será composto pela comunidade discente do curso de sistemas de informação, especificamente, contando com a amostra constituída pela comunidade discente dos 3º, 4º e 7º semestres.

Foi realizado um estudo teórico em busca de subsídios que pudessem sustentar a construção de um debate que sirva como ponto de partida para discussões das questões sociais que transitam em torno deste grupo social. Relações sociais são criadas com base no momento em que os atores sociais interagem entre si, criando uma interdependência, ou estabelecem contatos de reciprocidade. Para Simmel, a sociedade é o produto das interações individuais:

A sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que caem no conceito geral de interação. A sociação é, assim, a forma realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam seus interesses. (SIMMEL 1983, p.60)

Nessa perspectiva, torna-se necessário resgatarmos o conceito de Círculos Sociais, construído por Simmel, para trazer luz sobre o fenômeno da ampliação das redes centradas no indivíduo, na atualidade. Simmel teve como lócus para sua observação empírica a Europa Ocidental do início do século XX. Simmel não poderia prever a enorme mudança nas práticas das interações sociais desenvolvidas pela evolução ocorrida nas TICs, a partir do final da década de 1970.

Segundo Fontes (2014), analisar sociabilidades, sob a ótica de Simmel, significa visitar o conceito de redes sociais e discutir sobre este assunto. Para Simmel, considerando a análise de Fontes, um dos pontos estruturais de sua teoria é saber se a noção de redes tem algo de novo, substancial e diverso das outras principais abordagens da teoria sociológica, que é o fato de indicar uma possibilidade concreta para a superação da dicotomia entre agência e estrutura, entre os lugares do indivíduo e da estrutura social na determinação dos fenômenos sociais.

A vida cotidiana se estrutura em sociabilidades, pelas quais os indivíduos se localizam em uma geografia social que organiza o viver em campos bastante bem demarcados, localizados institucionalmente e especializados segundo o que se objetiva, segundo o que se busca por satisfação de interesses. Os chamados círculos sociais, na expressão de Simmel, cunham individualidades, na medida em que as experiências cotidianas são únicas, de conteúdos relativamente idiossincráticos, mas com formas adequadas a um campo histórico no qual se ancoram as instituições. Indivíduos, na modernidade, circulam cada vez mais, escolhem suas trajetórias biográficas – elas mesmas estruturadas em sociabilidades e em inserções sociais. (FONTES, 2014 p. 116)

O propósito de estudar a influência que as TICs têm, nas interações do grupo social supracitado, surgiu quando assumi a direção da Escola de Tecnologia de uma IES da Taguatinga, periferia do Distrito Federal. Nesse momento, tive a oportunidade

de perceber que as novas tecnologias da informação já faziam parte do cotidiano destes discentes e que as TICs influenciavam fortemente as suas interações sociais, pois eles fazem uso de ferramentas de TICs para se comunicar, trocar experiências do dia a dia, estudar e, até mesmo, ter relacionamentos amorosos.

Por outro lado, suspeita-se que as interações presenciais coexistam às interações mediadas por dispositivos de TICs. Assim, os discentes parecem ter diferentes formas de interação, quando se observa cada constructo isoladamente (o presencial e o mediado por TICs). Contudo, em análise mais profunda, é razoável perceber novas configurações sociais que intercedem às interações presenciais e às interações mediadas por TICs.

É preciso estudar as TICs e sua utilização na busca por respostas para o que está acontecendo nos novos processos sociais e também na influência destas tecnologias nos antigos processos. Para Lévy (1999, p. 123), “a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada) e suas palavras de ordem: interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva”. Desta forma, observamos e analisamos como esta realidade pode sinalizar a criação de novas configurações identitárias, no ambiente acadêmico, priorizando novas relações sociais ou modificando as já existentes.

Essa dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo, estudamos a sociabilidade e a correlação às definições de interação presencial e interações mediada por computador. O segundo capítulo versa sobre as redes sociais apoiadas em ferramentas tecnológicas, estas acontecem no ciberespaço, bem como as noções de cibercultura. Cito os principais *softwares* utilizados para estes fins. No terceiro capítulo, abordaremos a estrutura e a trajetória metodológica, grupo focal, que foi utilizada nos discentes da IES em Taguatinga. No quarto capítulo, apresentam-se os resultados dos estudos sob a perspectiva das respostas predominantes no grupo focal e a estruturação das etapas da pré-análise e exploração do material. O quinto capítulo apresenta os dados gerados pelo grupo focal e faz a sua discussão baseada no referencial teórico definido para este estudo.

Os discentes do Centro Universitário Projeção são alunos de periferia do Distrito Federal, encontram-se dentro de um universo populacional que, segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal (PDAD/DF), realizada

no ano de 2103, tem as seguintes características: são uma população que tem 54,33% de mulheres; concentra sua população em pessoas com faixa etária entre 15 e 59 anos; detém a força de trabalho em um percentual de 62,83%.

O nível de escolaridade da região onde se encontra o Centro Universitário configura-se em: 1,47% de sua população analfabeta; 7,88% da população com o ensino médio incompleto; 24,33%, com ensino médio completo, 9,91%, com o ensino superior incompleto; e 16,15%, com ensino superior completo.

O universo populacional da Região Administrativa onde se localiza o Centro Universitário, bem como a grande maioria do Distrito Federal, é formado por imigrantes de diferentes estados brasileiros. Cada grupo de imigrantes trouxe consigo a cultura local de sua região de origem, fato que promoveu uma grande diversidade cultural na região.

A inovação da tecnologia está presente nos domicílios e na forma como as pessoas se relacionam, estudam, se comunicam e convivem. Em Taguatinga, 58,26% das residências possuem microcomputador e 48,98% possuem notebook. O serviço de internet de banda larga está presente em 70,97% dos domicílios. A internet móvel vem crescendo de forma exponencial, aumentando o espaço de interação entre as pessoas.

Os alunos do Centro Universitário caracterizam-se, em sua maioria, por indivíduos que trabalham para pagar seus estudos. Uma pequena porcentagem de alunos tem seus estudos custeados pelos pais. De acordo com a distribuição em classes econômicas, situam-se, em sua maioria, nas classes C e D, com algumas ocorrências na classe B. Em sua grande maioria realizaram seus estudos anteriores, ensino fundamental e ensino médio, na rede pública de ensino (PDAD/DF) 2015/2016.

Estão distribuídos em cinco Escolas Superiores, sendo elas: 1) Escola de Negócios que congrega os cursos de Administração, de Ciências Contábeis, de Comunicação Social, de Publicidade e Propaganda, de Marketing, de Secretariado Executivo Bilíngue, de Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos, de Tecnólogo em Gestão Pública e de Tecnólogo em Logística; 2) Escola de Ciências Jurídicas e Ciências Sociais que congrega os cursos de Direito e de Serviço Social; 3) Escola de Formação de Professores que congrega as licenciaturas em História, em Matemática, em Letras, em Geografia e em Pedagogia; 4) Escola de Tecnologia que congrega os

cursos de Sistemas de Informação, de Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, de Tecnólogo em Gestão da Tecnologia da Informação, de Tecnólogo em Redes de Computador e de Tecnólogo em Sistemas para a Internet; 5) Escola de Ciências da Saúde e da Vida, com os cursos de Fisioterapia e de Educação Física.

No decorrer do período da pesquisa, pude observar que os discentes formam grupos de acordo com suas preferências. Estes grupos não têm uma formação fixa, adaptando-se aos interesses e as demandas do momento. Temos assim, muitas vezes, um discente que se reúne com os colegas para tratar de jogos *on-line*, em outro momento, ele se junta a outro grupo para tratar de relacionamentos amorosos e, em seguida, reúne-se a outro grupo trata de matérias do curso. Foi percebido também que eles se utilizam, em muitas situações, de aplicativos de relacionamento e comunicação como: Facebook, WhatsApp, Instagram e outros.

Durante a realização dos grupos focais, pude perceber que os discentes utilizam muito as redes sociais para interações mais superficiais, preferindo utilizar interações presencial para aprofundar as relações.

Verifiquei que os relacionamentos dos discentes, no ambiente acadêmico e fora dele, ainda são pouco conhecidos. Desta forma, indico a necessidade de criação de um modelo para que se possa entender como ocorrem estas interações sociais com os discentes, com o objetivo de auxiliá-los no desempenho cognitivo, profissional e, principalmente, em seus relacionamentos sociais com os diversos grupos sociais que transitam no palco de uma IES.

Este estudo teve por objetivo compreender as características das relações presencial e das relações mediada por TIC da comunidade discente dos cursos de tecnologia de uma IES privada do DF. Especificamente, esperou-se: (i) analisar em que sentido as relações presencial da comunidade discente e as relações mediadas por novas tecnologias se diferem, de modo a apontar novas configurações identitárias; (ii) identificar os principais canais de comunicação da comunidade discente dos cursos de tecnologia de um Centro Universitário localizado na periferia do Distrito Federal em suas relações sociais mediadas por dispositivos tecnológicos; e (iii) analisar os conteúdos transacionados por meio das tecnologias da informação e comunicação utilizadas para interação social.

Tendo em vista que as relações sociais da comunidade discente representam uma dimensão muito maior do que tão somente as práticas sociais diretas, quando se constata a influência das redes sociais em espaços virtuais que configuram relações sociais mediadas, neste caso, por dispositivos da TI, a pesquisa justifica-se pela busca da percepção de que se estas relações sociais são complementares ou distintas, podendo contribuir para o reconhecimento, neste caso, da comunidade discente, enquanto ser social ou para a criação de novas configurações identitárias.

Este estudo baseia sua relevância na importância de se entender como se dá a interação social dos discentes do curso de Sistemas de Informação, sua percepção das relações mediadas pelos dispositivos de TI e a influência que ela tem em seus comportamentos, linguagem, conhecimento e atividades, de modo a ampliar as discussões sobre políticas educacionais de acesso e uso das novas tecnologias que possam ser representativas e permitir espaços coletivos de convivência, interação e sociabilidades, fatores essenciais para a formação da pessoa.

CAPÍTULO I

2 SOCIABILIDADE

O Capítulo I traz considerações sobre o que é sociabilidade e correlaciona tais apreensões às definições de interação presencial e interação mediada por computador.

2.1 Simmel e a sociabilidade

Para Simmel (2006), a sociedade surge por intermédio da formação de uma complexa rede de conexões que partem da interação social dos diversos atores. Estas interações são motivadas por diversas demandas como: paixão, desejo, necessidade de reconhecimento e proteção. Ainda, segundo Simmel, estas necessidades se transformam na matéria que cria os conteúdos da vida social. Pode se entender que a sociedade decorre de um emaranhado de ações e reações que acontecem no palco diário das interações sociais.

De acordo com Simmel, a sociedade é estabelecida como o produto das manifestações de contato social, na medida em que “os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros” (SIMMEL, 2006, p.17).

A formação de uma sociedade é fruto das constantes trocas de influência entre os diversos atores sociais. Estas experiências vividas no dia a dia se manifestam por diversas razões e motivações, tornando-se elementos constituintes desta sociedade.

Coerente com o pensamento de Simmel, observa-se que “o mundo social pode ser considerado a partir de diversos ângulos e enfoques à medida que envolve um encadeamento de ações que se relacionam” (PERES, 2011, p. 97), isto porque os elementos da vida em sociedade têm diversas formas e conteúdos. Simmel afirma ainda que:

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeras outras situações fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce

efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma sociedade (SIMMEL, 2006, p. 60).

Devemos observar que, muito embora, na maioria dos casos, essas interações sociais tenham um caráter conflituoso, pois elas derivam de interesses individuais, Simmel acredita que esta disputa de interesses é um fator positivo para a sociedade, visto que esta situação, uma vez resolvida por intermédio de negociação, gerando um acordo, colabora para a sofisticação da consciência do indivíduo como parte integrante de uma unidade coletiva.

Esta interação social tem lugar entre os indivíduos nos diversos palcos em que se relacionam, marca, de forma indelével, o ponto fundamental de uma sociedade. As ações e relações desencadeadas a partir da existência física dos seres humanos, em determinado momento e em determinado território, permitem afirmar que há a plena configuração de uma sociedade.

De acordo com Simmel, a importância destas interações está no fato delas obrigarem os indivíduos possuidores de interesses e instintos a formarem uma unidade e/ou sociedade. Assim:

Tudo que está presente nos indivíduos (que são dados concretos e imediatos de qualquer realidade histórica) sob forma de impulso, interesse, propósito, inclinação, estado psíquico, movimento – tudo que está presente neles de maneira a engendrar ou mediar influências sobre outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria por assim dizer da sociação. (SIMMEL, 1983 p.166)

Simmel alerta que estas matérias que preenchem a vida, em si mesmas, não são sociais. Nem a fome, nem o amor, nem o trabalho, nem a religiosidade, nem a tecnologia, nem as funções e nem os resultados da inteligência são sociais. Tornam-se fatores de sociação, quando transformam um conjunto de indivíduos isolados em formas específicas de ser, com e para o outro. Em formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação. Simmel, desta forma, traz o conceito de sociação:

Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses querem sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas. (SIMMEL, 1983 p.166)

Percebe-se que a sociação tem um significado de intervenção capaz de propiciar a emissão ou recepção, tanto de uma ação física quanto da influência exercida por outro ator social. Segundo Simmel, a sociação permitia uma distinção entre forma e conteúdo, de maneira que este é constituído dos elementos que conferem aos seres humanos a capacidade de se relacionarem entre si por interesse ou motivação. Explicando melhor, conteúdo e matéria da sociação é “tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica (...) tudo o que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros” (Simmel, 2006, p.60).

Ao continuar suas observações sobre forma e conteúdo da vida social, Simmel verifica que os conteúdos da vida social ganharam vida própria e se tornam indissociáveis do “objeto que formaram exclusivamente para seu próprio funcionamento e realização” (2006, p. 61). Na realidade, o que tomamos do cotidiano como formas são elaboradas com arrimo em condições e necessidades práticas. Partindo-se desta premissa e propósitos determinados, moldamos este material à maneira de ser utilizado na vida social.

No entanto, podem se apresentar certos conteúdos de uso na vida social que perderam seu uso habitual. Este evento proporciona a libertação, em parte, do seu destino original que estava vinculado para uma utilização. Torna-se assim autônomo e passa a possuir um valor intrínseco “e não em função da legitimação de outra instância superior e extrínseca que ditaria como se deve formar a matéria da vida” (SIMMEL, 2006, p. 62).

Simmel define a sociabilidade como uma forma lúcida de sociação, como podemos observar a seguir:

O que é autenticamente “social” nessa existência é aquele ser com, para e contra os quais os conteúdos ou interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa libertação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade. (SIMMEL, 2006, p. 64).

Como se observa acima, a sociabilidade pode ser caracterizada pela maneira a qual os atores sociais se agrupam com o objetivo de realizar suas demandas e interesses. Nesta situação, a forma e conteúdo são, na experiência concreta, processos indissociáveis (Simmel, 2006, p. 65). Destaca-se o processo da sociação

como sendo caracterizado pela determinação da forma em razão do conteúdo. Isto, devido as formas assumidas pelos elementos constitutivos da vida social. Já a sociabilidade se caracteriza pela situação em que a forma constitui seu próprio conteúdo, com finalidade em si mesmo.

Durante o processo da pesquisa, o referencial teórico fornecido por Simmel levou-me a verificar o processo de identificação do discente como elemento do grupo social caracterizado pelo ambiente acadêmico, particularmente de discentes. Tentando buscar, por meio do conhecimento empírico, a verificação de como acontece este agrupamento social, a preocupação não é propriamente com o objetivo de formação do grupo social, no caso a formação acadêmica, mas, sim, entender como se dá o sentimento de pertencimento a este grupo; quais são o sentimento e o interesse embutidos nesta união social.

Em diferentes comunidades, esse sentimento de pertencimento está presente, não sendo exclusivo da comunidade de discentes do meio acadêmico. Podemos observar este forte laço presente nas mais diversas situações. Como exemplo, citamos “reuniões econômicas, irmandades de sangue, comunidades religiosas, bandos de bandidos”, que, muito embora tenham motivações e interesses distintos e apresentem conteúdos diferentes, têm em comum a semelhança fundamental da sociabilidade, pois “todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da sociedade enquanto tal” (SIMMEL, 2006, p.64).

Segundo o pensamento Simmeliano, Peres exemplifica a sociabilidade como: “Sair, jogar conversa fora, namorar, encontrar com os amigos, em geral, não têm outro fim principal senão o prazer e o sentimento de estar junto e de ‘praticar’ a própria sociação” (PERES, 2011, p. 105).

Por fim, segundo Simmel, existe, na sociabilidade, um processo que a torna um fim em si mesmo. Forma e conteúdo se juntam e adquirem um significado próprio, constituindo um fenômeno social que é, independente de razão, interesse ou motivação externa para que ele aconteça no interagir entre os indivíduos.

Esse conceito de sociabilidade apresentado é relevante para a fundamentação desse trabalho, pois nos traz o embasamento para analisarmos as relações sociais que acontecem no grupo social formado por jovens discentes do Centro Universitário.

2.2 Relações sociais

Thompson (1988) apresenta os seguintes conceitos de interação social: (i) “interação presencial”, (ii) “interação mediada” e (iii) “quase interação mediada”. Na interação presencial, os indivíduos relacionam-se na aproximação e no intercâmbio de formas simbólicas, compartilham um mesmo sistema referencial de espaço/tempo. Estas interações têm caráter dialógico, pois implicam em comunicação de dupla via entre os indivíduos comunicantes. Thompson lembra que normalmente este conceito emprega uma multiplicidade de representações simbólicas para transmitir as mensagens. Entretanto, ficam restritas num espaço físico determinado, já que sua transmissão depende da coincidência geográfica ou do deslocamento de indivíduos de um ambiente para outro.

Para Thompson (2002, p.78), as interações mediadas, como em cartas, conversas telefônicas ou novas tecnologias, possibilitam a transmissão de informação e conteúdo simbólico para indivíduos situados remotamente no espaço, tempo ou em ambos. O diálogo ocorre, mas, remotamente, no espaço e/ou no tempo. Por serem mediadas por um meio de tecnologia, as informações contextuais aí presentes também apresentam características singulares, como o cabeçalho de uma carta (indicando local e data da redação) ou a identificação inicial numa conversa ao telefone.

Thompson define como interação quase mediada aquela que se refere aos meios de comunicação de massa como livro, jornal, rádio, televisão, etc. Essa interação dissemina-se no espaço e no tempo, mas é monológica. Isto é, o fluxo da comunicação é predominantemente de sentido único. Thompson (2002, p. 79) afirma que o leitor de um livro é um “receptor de uma forma simbólica cujo remetente não exige (e geralmente não recebe) uma resposta direta e imediata”. Com base nas três definições trazidas por Thompson, pode se entender que existe uma busca para desvendar o processo de interação social na academia.

Goffman ([1959] 2014, p. 28) define interação como “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata”, podendo uma interação ser entendida como toda aquela “que ocorre em qualquer

ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros” (Idem, ib. p.28).

Goffman não vivenciou a era da interação mediada por computador. Porém, suas teorias são perfeitamente aplicáveis e podem ter seu alcance expandido. Logo, as teorias de Goffman podem ser utilizadas em ambientes virtuais com as devidas adaptações, vez que, nestes ambientes, também existem interações e influência recíproca dos indivíduos sobre suas respectivas ações. Porém, sem que eles estejam em situação de copresença.

Goffman (2011, p.9) caracteriza a interação presencial como uma classe de eventos que ocorrem durante a copresença e por causa da copresença. “Os materiais comportamentais definitivos são as olhadelas, gestos, posicionamentos e enunciados verbais que as pessoas continuamente inserem na situação, intencionalmente ou não”. Deste momento em diante passarei a tratar interação presencial com a denominação de interação presencial, com o intuito de caracterizar a presença física dos atores sociais.

A noção de face, portanto, não deve ser analisada individualmente. Ela é elaborada nas interações sociais experimentadas pelos atores envolvidos e é produto de uma construção social criada e recriada durante os encontros realizados em determinados palcos. Desta forma, podemos entender a face como um empréstimo realizado pelos outros atores, e não como uma característica intrínseca, unilateral e sem a concordância dos outros participantes da interação. Este fato nos permite inferir que face e interação social tem um estreito relacionamento. Goffman afirma que, “embora a face social de uma pessoa possa ser o que ela possui de mais pessoal, o centro de sua segurança e prazer, trata-se apenas de um empréstimo que lhe foi feito pela sociedade: poderá ser-lhe retirada caso não se comporte de modo a merecê-la.” (Goffman [1959] 2014, p.81).

Como os atores sociais são integrantes de um mundo social, as interações presenciadas por eles fazem parte do seu dia a dia. Como visto anteriormente, estes encontros podem ser presenciais ou mediados. A imagem simbólica que imprimimos na mente dos outros atores é constantemente uma preocupação nossa, sendo consciente ou inconsciente. Nesta perspectiva, observamos que a elaboração da representação desta face é o mais importante em nossos relacionamentos, sendo que, no entendimento de Goffman, a elaboração da face desemboca nas “as ações

através das quais uma pessoa é capaz de tornar qualquer coisa que esteja fazendo consistente com a face.” (Goffman [1959] 2014, p.81).

É importante frisar o conceito de fachada, definido no qual “o valor positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assume durante um contato particular”. A fachada que nós criamos e a criada pelos outros são resultados da mesma ordem. Todas as duas são resultados da interação social. O autor observa que a necessidade de manutenção constante e sua aprovação social fazem do sujeito seu próprio carcereiro (GOFFMAN, 2011, p.13).

A perspectiva de Goffman (2002) usa o termo “representação” para se referir a toda atividade de um indivíduo que é feita em certo período e caracterizada pela sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem, sobre estes, alguma influência. A representação de um discente, diante dos indivíduos componentes do grupo social do ambiente acadêmico, é influenciada pela cultura digital. Sua relação presencial sofrerá modificações, posto que foi criado um novo cenário para esta representação.

Dialogando com Goffman, Levy (1999) diz que existem diversas possibilidades de interação social advindas da Internet e do Ciberespaço. Estes se tornaram um novo espaço para interações sociais, possibilitam o surgimento de grupos sociais virtuais e novas conexões por meio de aplicativos de redes sociais, permitindo a criação de uma inteligência coletiva.

Para o autor, uma grande dificuldade encontrada nos dias atuais é a utilização da internet de forma individual (e-mail, pesquisas etc.), pois estamos em uma fase onde o trabalho colaborativo, fruto da conectividade proporcionada por estas ferramentas on-line, permite que sejam elaboradas diversas proposições e resoluções coletivas, virtualmente constituídas, capazes de atender as demandas sociais dos grupos organizados. Conforme o autor, “a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada) e suas palavras de ordem: interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva” (Lévy, 1999, p. 123).

Sendo assim, cada ator social lançará mão de uma série de manobras para que suas ações sejam bem-sucedidas e que sejam utilizadas para cada tipo de situação

social apresentada para o ator. Na grande parte das situações, este ator irá buscar uma orientação defensiva para que possa salvar a própria face e uma orientação protetora, a fim de salvar a face dos outros.

Essa apresentação sobre relações sociais, baseada em Thompson (1988), Goffman (2011) e Levy (1999), proporciona a discussão sobre identidade de jovens discentes, pois as relações sociais entre os discentes têm se tornado diferentes. O aumento das facilidades de mobilidade e conexão permite que a interação aconteça em vários ambientes, em casa, no clube e no ambiente acadêmico, entre outros; causa inquietação, despertando a necessidade de entender o que acontece com este grupo social em relação as suas interações. Nessa perspectiva, iremos entender, por intermédio do conceito de identidade, as interações sociais dos discentes.

2.3 Identidade de jovens discentes

As relações sociais do dia a dia, em locais já consolidados, proporcionam uma relação entres os sujeitos, previstos e esperados a este *lócus*, sem o cuidado ou reflexão que particularizem esta relação. Desta forma, as categorias e atributos de qualquer um que não pertença ao convívio social podem ser previstas pelos normais por intermédio da percepção dos primeiros aspectos deste estranho. Esses paradigmas, elaborados pelos normais, recebem uma transformação que as tornam “expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (GOFFMAN, 2004, p. 5). Os normais só se dão conta de que são preconceituosos quando surgem questões efetivas para realização de suas exigências. A partir deste momento eles percebem que rotulam os outros.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande [...] (GOFFMAN, 2004, p. 6)

Esta rotulação muitas vezes interfere no sentido de identidade dos jovens. Dizemos que uma “característica positiva” ou o “apoio a identidade” colaboram para que este indivíduo seja identificado entre seus pares: “a imagem fotográfica do

indivíduo na mente dos outros ou o conhecimento de seu lugar específico em determinada rede de parentesco” (GOFFMAN, 2004, p. 50).

Goffman entende que a sociedade determina como as pessoas devem ser, o que torna ainda essa perspectiva de dever como sendo um fato normal e natural entre todos os integrantes daquela sociedade. “A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (GOFFMAN, 2004, p. 5).

Devemos entender que só uma pessoa por vez se enquadra na imagem abordada por Goffman. Esta pessoa obrigatoriamente terá que ter preenchido os requisitos de sua identificação no passado, presente e futuro. Nos dias atuais, os atributos utilizados para diferenciar, de forma eficaz, os indivíduos, como a impressão de retina, o padrão de voz e a impressão digital, são itens que, em função deles, tornam os indivíduos essencialmente similares.

A fluidez da sociedade pós-moderna, alinhada com a velocidade dos meios de comunicação e a mobilidade dos fluxos humanos favoreceram o aumento da importância dos grupos de jovens e adolescentes. O palco de interações sociais, originado no grupo, permite que os jovens interajam com menos repressão do que no palco da representação familiar (Marques, 1996), tornando-se assim uma importante referência para os jovens nas suas relações sociais. Quando estão entre colegas, os adolescentes são menos exigidos a negociar perspectivas e encontram oportunidade de legitimar os próprios sentimentos e visões de mundo, norteados pela intensa identificação, compreensão, aceitação pelo grupo (Marques, 1996).

As Tribos Urbanas, segundo Maffesoli, são agrupamentos semiestruturados, constituídos predominantemente de pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo. Essas tribos expressam formas comuns e específicas de sociabilidade. Os seus integrantes não seguem a uma cultura dominante. Ou seja, eles optam por seguir um conjunto de comportamentos e costumes diferentes do senso comum e, por este motivo, se destacam no coletivo social.

Desta forma, como os outros grupos sociais, as tribos representam um importante contexto sócio afetivo alternativo. Especialmente, quando o adolescente busca uma maior autonomia em relação aos pais.

Na adolescência, os grupos de pares emergem como fontes importantes de identificação e referência comportamental dos adolescentes. Porém, uma particularidade das tribos é o caráter volátil de seus vínculos internos, o que tanto torna sua dinâmica social muito rica, como enfraquece as ligações entre os membros, comprometendo o engajamento em projetos cooperativos de maior duração (Maffesoli, 1992/2000).

Uma tribo define-se por uma sociabilidade frouxa, pela lógica hedonista e o não compromisso com a continuidade na linha do tempo. Expressa-se na valorização do aqui agora (Coutinho, 2001). Ao mesmo tempo, seu caráter dinâmico e em constante transformação lhe confere um potencial criativo, inovador, que não pode ser desprezado.

As tribos são comunidades empáticas, organizadas em torno do compartilhamento de gostos e formas de lazer. Os vínculos comunitários perduram enquanto se mantém o interesse pela atividade (uma apresentação musical, uma festa ou manifestação política). Os membros da tribo se portam como personagens de um enredo imaginário (Gonçalves, 1999), o que configura sua identidade de papel, uma persona: para cada situação, um papel; e, para cada papel, uma identidade que evoca a exposição de determinados elementos de subjetividade e a ocultação de outros (Maffesoli, 2000).

Trazendo à perspectiva de Goffman (2002), que discute as características da formação da identidade da pessoa, conforme os atributos, considera-se que esta mesma identidade é influenciada pela cultura digital, independente do contexto social ao qual a pessoa está inserida. Os contextos sociais variam e dentre eles está o âmbito acadêmico que é, notadamente, um espaço de interações e redes sociais suportadas fortemente pelas novas tecnologias da informação e comunicação.

Outra forma de identificarmos um indivíduo, diferenciando-o positivamente de qualquer pessoa, é por meio do conjunto de experiências e fatos conhecidos sobre ele, visto que nenhuma outra pessoa pode ter vivido as mesmas experiências que ele.

Algumas vezes esse complexo de informações está vinculado ao nome da pessoa, como ocorre no dossiê policial; outras vezes está vinculado ao corpo, como quando chegamos a conhecer os padrões de conduta de uma pessoa que conhecemos de vista, mas cujo nome ignoramos; frequentemente essa informação está vinculada tanto ao nome quanto ao corpo (GOFFMAN, 2004, p. 51).

Em uma sociedade globalizada como a que vivemos, estudos apontam para a cultura, vinculando as questões atuais à identidade, na qual esta tem se mostrado dinâmica, flexível, deslocada e fragmentada. Desta forma, Hall (2006, p.13) nos demonstra que:

[...] nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...]. Na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente.

Para Bauman (2005), a identidade cultural não se vincula somente a um conjunto de valores, como a música, a culinária, ao modo de se vestir, a religião e as tradições, para caracterizar um indivíduo ou grupo social que ele pertença.

Considerando os conceitos de identidade, Hall (2006) apresenta o que denomina “identidades culturais” como aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. Na percepção do autor, as condições atuais da sociedade estão “fragmentando as paisagens culturais de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia, de raça e de nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”. Esta mudança está alterando as identidades pessoais, influenciando a ideia de sujeito integrado que temos de nós próprios: “Esta perda de sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de duplo deslocamento ou descentralização do sujeito”. Esse duplo deslocamento, que corresponde à descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, é o que resulta em “crise de identidade”.

No entendimento de Hall (2006), existem três diferentes concepções de identidade que se relacionam às visões de sujeito ao longo da história. A primeira é denominada identidade do sujeito do Iluminismo, que expressa uma concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado e unificado, em que prevalece a capacidade de razão e de consciência. Assim, entende-se o sujeito como portador

de um núcleo interior que emerge no nascimento e prevalece ao longo de todo seu desenvolvimento, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo, de forma contínua e idêntica.

Já a segunda, a identidade do sujeito sociológico, considera a complexidade do mundo moderno e reconhece que esse núcleo interior do sujeito não era autônomo nem autossuficiente, mas é constituído na relação com outras pessoas, cujo papel é de mediação de valores, sentidos e símbolos em fim da cultura. A identidade de sujeito sociológico tem sido usada como concepção clássica de sujeito na Sociologia. A identidade é formada na interação entre o indivíduo (eu) e a sociedade. Ainda permanece o núcleo interior, o eu real, mas este é constituído pelo social, ao mesmo tempo em que o constitui.

Por último, apresenta a concepção de identidade do sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade do sujeito pós-moderno é caracterizada pela fragmentação e transformação constante, sofrendo a influência das formas como é representado ou interpretado nos e pelos diferentes sistemas culturais que nos rodeiam. Esta identidade é definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diversas em diferentes contextos que, normalmente, são contraditórias, impulsionando suas ações em diferentes direções, de modo que suas identificações são continuamente deslocadas.

A identidade formada pelos discentes na academia, particularmente na IES estudada, apresenta um componente que é influenciado pelo uso das tecnologias de comunicação. Esse aparato tecnológico é bastante comum para este grupo de jovens, a ponto de aqueles que não utilizam dos meios de comunicações, como redes sociais virtuais, por exemplo, tornarem-se afastados do grupo, pois deixam de compartilhar as interações sociais que são realizadas por intermédio desta ferramenta. Por outro lado, uma vez dentro do grupo social, existe uma interação mais íntima e pessoal, caracterizada pelas interações presenciais.

No próximo capítulo, aprofundo o estudo das redes sociais virtuais e dos aplicativos utilizados para este fim, tecendo comentários sobre a cultura digital.

CAPÍTULO II

3 REDES SOCIAIS E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÕES

Este capítulo trata de redes sociais, sob a perspectiva de Simmel (1983) e Goffman (2014), correlacionando com as considerações de Levy (1999) sobre o ciberespaço, redes sociais virtuais e a interação social mediada por computador. Espera-se, portanto, compreender quais as estruturas que estabelecem os princípios de ciberespaços, conexões e culturas em redes sociais, por meio de recursos das novas TIC.

3.1 Redes sociais

Partindo do pressuposto de que a sociedade só acontece como resultante das ações e reações dos atores sociais entre si, estes processos de interação são configurados na relação dos atores sociais. A sociedade não é fixa nem substancializada. Ela é, como afirma Simmel (1983, p.49), um “acontecer”. A sociologia, como ciência empírica, “deve ter por campo ou objeto a multiplicidade de interações”.

Portanto, nas palavras de Simmel (1983, p. 49), “para um olhar que penetrasse no fundo das coisas, todo fenômeno que parecesse constituir, acima dos indivíduos, alguma unidade nova e independente, se resolveria nas ações recíprocas permutadas pelos indivíduos”. Estes indivíduos se organizam por meio de uma estrutura que é mutável e fluida. Essa mutabilidade deriva da constante evolução dos seres humanos e estas mudanças ocorrem em todos os campos da atividade humana. Manifesta-se tanto em grandes grupos, como as sociedades, como nos pequenos grupos, tal qual na família.

A visão de Giddens (2005), em que se ressalta a importância do conceito de estrutura social, afirma que:

Estrutura social se refere ao fato de que os contextos sociais de nossas vidas não consistem apenas em conjuntos aleatórios de eventos ou ações; eles são estruturados ou padronizados de formas distintas. Há regularidades nos modos como nos comportamos e nos relacionamentos que temos uns com os outros. Mas a estrutura social não é como uma estrutura física, como um edifício que existe independentemente das ações humanas. As sociedades

humanas estão sempre em processo de estruturação. Elas são reestruturadas a todo o momento pelos próprios “blocos de construção” que as compõem - os seres humanos como você e eu (GIDDENS, 2005, p. 26).

Pode-se perceber, no texto acima, que qualquer que seja o contexto em que as relações sociais aconteçam, desde diferentes segmentos da vida humana, até as mais diferenciadas maneiras de solucionar problemas, elas se aperfeiçoam, com o passar do tempo. Essa interação entre os indivíduos é importantíssima para fortalecer o grupo na busca de novas alternativas. É preciso entender a estrutura social de um determinado grupo e verificarmos como esta estrutura pode influenciar o comportamento das relações sociais e, conseqüentemente, o desenvolvimento de redes.

Navegando por este oceano das interações sociais, entende-se que os grupos sociais têm como um dos seus objetivos principais a busca de melhorias para os indivíduos, tendo sempre em mente uma melhor qualidade de vida, essa necessidade cria formas de organização onde os atores sociais se juntam e se organizam. Dentre estas formas de organização, podemos considerar as redes sociais.

Sua origem é latina, “*retis*”, que tinha o significado de entrelaçamento de fios com aberturas regulares formando uma espécie de tecido. Este significado se perpetua até os dias de hoje. Com o passar do tempo, foram se agregando outros significados: na biologia, é um sistema de laços realimentados, “a reunião de organismos conjuntamente ligados à maneira de rede por intermédio de relações de alimentação” (CAPRA, 1996 p.45).

Neste contexto, pode-se destacar que na perspectiva de Weber (2000), as relações sociais tratam do conjunto de interações (contato, convívio) entre os indivíduos ou grupos sociais.

Por “relação” social entendemos o comportamento reciprocamente referido quanto a seu conteúdo de sentido por uma pluralidade de agentes que se orienta por essa referência. A relação social consiste, portanto, completa e exclusivamente na probabilidade de que se aja socialmente numa forma indicável (pelo sentido), não importando, por enquanto, em que se baseia essa probabilidade. (WEBER, 2000, p. 16-7)

Para entender estas interações, destaca-se o conceito de sociação que é formada pelos impulsos dos indivíduos, por motivos, por interesses, por objetivos e pelas formas que essas motivações assumem, tornando-se fundamental para

constituição da sociedade. O domínio da sociologia, para Simmel (1983, p. 47), está nas "formas que tomam os grupos de homens, unidos para viver uns ao lado dos outros, ou uns para os outros, ou então uns com os outros".

Na perspectiva de Simmel, o objeto da Sociologia não é a vida dos indivíduos, mas a realidade formada por interações ou sociações. Por intermédio da sociação, sendo realizada de diversas maneiras, os atores sociais se organizam em grupos que atendam às suas demandas. A compreensão da sociedade deve ser pautada de forma mais ampla. Ela não é simplesmente "um conjunto complexo dos indivíduos e dos grupos unidos numa mesma comunidade política" (SIMMEL 1983, p. 48). Precisamos compreender que a sociedade é originária da ação recíproca entre indivíduos.

A sociologia tem como um dos seus principais conceitos o de sociabilidade que, como já vimos, se caracteriza por ser a maneira pura de interação que sustenta as relações sociais. Assim, podemos considerar que a sociedade é formada por intermédio das interações entre os indivíduos com finalidade de atingir interesses comuns ou até mesmo de impulsos.

Sejam os instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, propósitos de defesa ou ataque, de ganho ou jogo, de auxílio ou instrução, e incontáveis outros, fazem com que o homem viva com outros homens, aja por eles, com eles e contra eles, organizando desse modo, reciprocamente, as suas condições – em resumo, para influenciar os outros e para ser influenciado. (...) desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem interesses. Esse interesse quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, formam a base das sociedades humanas. (Simmel, 1983, p. 166)

O estabelecimento desta interação, segundo Vizer, é derivada da cultura que é, de forma bastante importante, influenciada pelos processos de comunicação, sem contar que estes processos agem diretamente nas relações sociais: "pacíficas ou conflituosas, solidárias ou competitivas, de amor, de ódio, ou de compaixão entre os homens" (VIZER 2011, p.67).

Quando trata da metáfora da ponte – ou a metáfora da comunicação como fundamento da vida social, Vizer põe em evidência a paradoxal convivência indissolúvel entre a disjunção e a conjunção em toda realidade.

Disjunção e conjunção como operação epistemológica, a partir da qual construímos "sentindo". Quando a cultura ou instituição definem um campo de pensamento e de ação social estabelecendo seus limites e suas relações internas, definem um "universo de sentido", uma instituição ou "sistema" por

meio das decisões que se tomam sobre a disjunção e a conjunção; delimitam as fronteiras, limites externos e as conjunções internas que organizam e dão “identidade ao sistema” com relação a tudo que permanece fora. (VIZER, 2011 p. 73)

Sendo assim, para que um observador externo compreenda um texto, uma ação ou uma frase, ele deverá ter ciência do contexto em que se dá a comunicação. Mas, este sentido quase nunca será o mesmo que para os próprios envolvidos.

No dia a dia, afirmamos que atuamos e nos comunicamos por algum motivo ou intenção. De acordo com Vizer (2011 p.76), a comunicação surge da vontade consciente de estabelecer uma relação ou uma ação com relação ao outro. Diz também que a comunicação não é estabelecida com um fim propriamente dito, mas a fim de estabelecer, entre os demais integrantes do grupo social, o reconhecimento de uma postura, um acordo, um sentido, o que nas palavras de Vizer equivale dizer:

“Estamos de acordo?”, ou “você aceita”? Ou “estou preocupado contigo”, “ou” eu cumpro com meu trabalho”, ou “aceito sua autoridade” (ou não), ou “me deixe em paz” etc. Até os mínimos gestos “falam” na vida cotidiana, falam expansivamente da própria pessoa assim como da relação com o outro: reconhecimento, rejeição, temor, alegria, afeto, chatices, excitação, altivez, timidez, violência, exaltação, resignação. ” (VIZER 2011 p.76)

Compreendendo a ideia da comunicação, chegaremos a um conceito bastante utilizado nas ciências sociais. Trata-se do conceito de rede que serve para demonstrar uma nova realidade em termos de comunicação e interação entre os atores sociais e organizações. Estas redes estão em constante mutação, construindo-se e destruindo-se continuamente em todos os campos sociais. Da mesma forma que os grupos sociais se juntam e se conectam, fruto das demandas e interesses comuns, as redes se colocam em movimento buscando vínculos sociais e conexões de apoio mútuo, visto que uma rede envolve processos de circulação, articulação, participação e cooperação (CARVALHO, 2003).

Vivemos, hoje, em uma sociedade fluida, de muitas faces, que toma forma moldada pela velocidade das mudanças. Os atores sociais se encontram no meio de um turbilhão de novas ideias e novos conhecimentos que, muitas vezes, fazem com que as referências sociais fiquem sem uma solidez. A disponibilidade de tecnologias da informação permite que a informação esteja presente na vida do indivíduo de forma quantitativa e qualitativa, ditando padrões de consumo. Essa miscelânea altera os

padrões socioculturais, aumentando, assim, o grau de incerteza dos indivíduos e das organizações.

A revolução informacional ocorrida nos últimos anos, aliada ao processo de descentralização, ocorrido no âmbito das atribuições do Estado, favoreceu o fortalecimento do conceito de rede, como uma ferramenta de organização social e de interação entre os diversos grupos sociais componentes daquela rede em determinado momento.

Nos anos 1990, com o início da Internet, as interações sociais tornaram-se facilitadas, pois a barreira espaço-tempo ficava cada vez mais tênue, até chegar aos dias de hoje, quando esta barreira é praticamente inexistente. A capacidade de mobilização dos grupos sociais se torna muito mais eficaz. Os aplicativos de redes sociais possibilitam um rápido acionamento dos indivíduos e, por sua vez, uma mobilização de muitas pessoas em torno de determinados objetivos comuns. Além disto, a rede permite certa liberdade de expressão, pois os grupos se manifestam sem preocupação com censura ou repressão por parte do Estado.

Estas mudanças no cotidiano das pessoas, aliadas as transformações no contexto socioeconômico, aceleradas pela globalização da economia mundial, os avanços tecnológicos na produção, nas estruturas de mercado e na organização social, geraram um ambiente no qual as tecnologias de informação e comunicação são cada vez mais eficientes, em função da velocidade das mudanças de cenário. Esses sistemas flexíveis de produção fizeram com que as organizações se tornassem cada vez mais adaptativas ao ambiente fluido e voltassem seus esforços para a inovação. Estas demandas encontraram campo para seu desenvolvimento, justamente na perspectiva trazida pelas redes sociais.

Para que se possa entender esta perspectiva de capilarização da rede, em que cada nó se interliga e se conecta com vários outros, entendemos que a representação gráfica de uma rede é adequada ao objetivo de se designar um sistema, um arranjo. O sistema é constituído de componentes dispostos de forma espacial distinta, mas que possuem um relacionamento que os conecta. Por intermédio dessa conexão, os participantes da rede se fortalecem e reivindicam suas demandas, agregando atores sociais que, em determinado momento, compartilham os mesmos anseios e aspirações. Por este motivo, a Internet se torna um meio de comunicação cada vez mais popular.

O cenário da pós-modernidade motivou os grupos sociais a se estratificarem, formando grupos variáveis que se reúnem, atendendo a suas demandas específicas, não sofrendo as limitações do espaço tempo. Isso criou ambientes virtuais em que os grupos, ou redes de relacionamentos, unidos por interesses, afinidades e gostos comuns, podem transpor as barreiras do Estado.

Nestes ambientes virtuais, transitam diversas informações impactando as pessoas que interagem nestas redes. Esse público obtém essas informações na rede e, muitas vezes, as repassam sem preocupação com sua fonte ou a veracidade. Os atores sociais, desta forma, podem acreditar em informações falsas, fazendo juízo de valor sobre o que nem sempre é verdadeiro.

Nos ambientes virtuais, a interação é cada vez mais constante e rápida. Ela acontece entre os atores independentemente de sua localização geográfica. Recuero observa que a troca de informações pode ser assíncrona e conter marcadores conversacionais semelhantes aos da comunicação síncrona¹ (RECUERO, 2012. p. 79). Para Recuero, os sites de relacionamento promovem a interação entre as pessoas. Além disto, conseguem informar com facilidade e rapidez, ampliando seu alcance. Recuero afirma:

Sites de Rede Social proporcionaram canais mais amplos e permanentes de circulação de informações. Entretanto, estamos tentando colocar as coisas dentro dos mesmos modelos que já conhecíamos. Reproduzindo modelos de aprender e limitando as possibilidades. Enquanto isso, as coisas continuam acontecendo em rede. Devemos pensar fora da caixa. Pensar as Redes Sociais na Internet como novos espaços de aprendizado, compreender esses espaços e aprender a orientar esses processos. Pensar em modos de integrar as práticas sociais emergentes com processos orientados de busca por informações. (RECUERO, 2010, texto *online*, acessado em 25/07/2017)

Na mesma direção de Recuero, Lévy (2004), um dos primeiros a estudar a Cibercultura, trata sobre o futuro do ser Humano inserido na nova era da informática. Podemos verificar as implicações que esta nova realidade trouxe para as interações do homem no ciberespaço. Será este homem produto deste ambiente virtual? Terá ele sua forma de agir influenciada pelas experiências vivenciadas na telinha dos

¹ A Comunicação Síncrona, ou seja, realizada simultaneamente e em tempo real, é disponibilizada pelos Chats. Já a Comunicação Assíncrona, dos fóruns, permite deixar mensagens para um posterior contato com os outros internautas na medida em que acessarem o recurso.

equipamentos de tecnologia da informação? Lévy compartilha seu pensamento na citação abaixo:

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência depende, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria. Emerge, neste final do século XX, um conhecimento por simulação que os epistemologistas ainda não inventaram. (LÉVY, 2004, p.4)

Assim, podemos afirmar que os indivíduos dão forma a sua vida por meio do que imaginam e por meio de suas demandas. Além disso, as facilidades geradas pela informação, entregues na palma de sua mão, os impulsiona a consumir cada vez mais esta informação e o fazem por intermédio de dispositivos e tecnologias cada vez mais complexas e sofisticadas.

A velocidade das mudanças, a queda das fronteiras geográficas e o imediatismo das informações geram, nas pessoas, a necessidade de ficarem conectados à Internet por cada vez mais tempo, gerando até (em casos extremos) dependência. Toda esta demanda surgiu na esteira do avanço das Tecnologias de Informação e Comunicações que até algum tempo atrás eram ignoradas pela maioria da população. Estas tecnologias que proporcionam uma aparente facilidade de acesso ao conhecimento também possibilitam relacionamentos fáceis e amigáveis.

A resistência às novas tecnologias e às mudanças geradas pelo seu uso ainda existe em determinados grupos que se recusam a utilizá-las ou aceitá-las como tecnologias que vieram para ficar e que facilitam a comunicação, o entretenimento, as ações sociais e políticas. Porém, Lévy (2004) mostra que quase a totalidade de pessoas acredita que as inovações tecnológicas são imprescindíveis para a existência do homem pós-moderno. O coletivo humano tem sofrido uma metamorfose tecnológica contundente e nunca, na humanidade, ela foi tão evidente.

Considerando os conceitos de cultura digital de Lévy (1999), cujos atributos envolvem aspectos que reúnem elementos como comportamento, geração, novas tecnologias e até redes de sociabilidades, traça-se, assim, um paralelo com os princípios de Castells (1999). Para Levy (1999), as redes de sociabilidades constituem-se em conexões que se refletem tanto na singularidade, quanto no

comportamento coletivo, bem como definem formas de interação, comportamento e impactam diretamente na construção da identidade das pessoas.

Muito embora o termo cultura digital esteja bastante difundido na sociedade atual, existe dificuldade em defini-lo por se tratar de um conceito em construção. Esta afirmativa é confirmada por Carvalho Junior (2009, p. 10): “[...] existe uma real carência de representação conceitual para os fenômenos surgidos no âmbito da cultura digital [...]”. Como se trata de algo muito atual, este tema precisa de maiores investigações e análises.

Para que se possa continuar no mundo da cultura digital, é necessário revisitarmos o significado do que é cultura. Para Camargo (2016), “[...] cultura é tudo aquilo que resulta da criação humana. São ideias, artefatos, costumes, leis, crenças morais, conhecimento, adquirido desde o convívio social”.

Desta forma, observamos que a cultura é um reflexo da criação humana dando significado a tudo que cerca o ser humano. Por intermédio desta ação modificadora do homem, surgiu o computador e, em sua decorrência, a cultura digital. Um fenômeno a ser observado é que a cultura não se transforma em digital, mas busca uma adequação ao novo cenário que se apresenta, de novos valores e interações no mundo virtual.

O ex-secretário executivo do Ministério da Cultura, Alfredo Manevy, em entrevista, afirmou que “ele entendia a cultura digital não como uma tecnologia, mas como um sistema de valores, de símbolos, de práticas e de atitudes” (2009, p. 36). O referido secretário completa seu raciocínio quando afirma:

○ Eu entendo o homem não apenas como um animal econômico, mas também como um animal político e simbólico, que é um ponto de partida que o digital aborda. Então eu vejo a cultura digital como uma tecnologia sem dúvida nenhuma, uma etapa da tecnologia, mas fundamentalmente um sistema de práticas e valores que está em disputa permanente na vida contemporânea (MANEVY, 2009, p. 36).

Prado (2009) demonstra este entendimento quando cita as palavras abaixo:

A cultura digital é a cultura do século XXI. É a nova compreensão de praticamente tudo. O fantástico da cultura digital é que a tecnologia trouxe à tona mudanças concretas, reais e muito práticas em relação a tudo que está acontecendo no mundo, mas também reflexões conceituais muito amplas sobre o que é a civilização e o que nós estamos fazendo aqui. (PRADO, 2009, p.45)

Para Lévy, o conceito de virtual pode ser entendido em três sentidos diferentes: o primeiro, técnico, ligado a informática, uma segunda corrente e um terceiro, filosófico. No último conceito, o autor destaca que “é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato”. (1999, p.49)

Quando analisa o conceito de virtual, à luz da contemporaneidade, Lévy afirma que: “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”. (1999, p.49)

O autor reflete ainda em sua obra, Cibercultura, sobre interatividade e ciberespaço. Ele sinaliza que as diferentes mídias conectam-se e conversam, formando um ambiente de grande potencial para a interatividade de diversas formas.

A comunicação por mundos virtuais é, portanto, em certo sentido, mais interativa que a comunicação telefônica, uma vez que implica, na mensagem, tanto a imagem da pessoa como a da situação, que são quase sempre aquilo que está em jogo na comunicação. (LÉVY, 1999, p.83)

Nessa perspectiva, Castells define cultura digital em seis tópicos:

Habilidade para comunicar ou mesclar qualquer produto baseado em uma linguagem comum digital; Habilidade para comunicar desde o local até o global em tempo real e, vice-versa, para poder diluir o processo de interação; Existência de múltiplas modalidades de comunicação; Interconexão de todas as redes digitalizadas de bases de dados ou a realização do sonho do hipertexto de Nelson com o sistema de armazenamento e recuperação de dados, batizado como Xanadú, em 1965; Capacidade de reconfigurar todas as configurações criando um novo sentido nas diferentes camadas dos processos de comunicação; Constituição gradual da mente coletiva pelo trabalho em rede, mediante um conjunto de cérebros sem limite algum. Neste ponto, me refiro às conexões entre cérebros em rede e a mente coletiva” (2008)

Na citação supracitada, Castells (2008) afirma que o resultado da combinação destes pontos relacionados mostra que a criatividade não está posicionada em um lugar ou momento específico, mas sim em uma nova maneira de focar a vida. Milhares de usuários criam e interagem em uma sociedade mundial, compartilhando estratégias de sobrevivência como resultado desta interação.

Portanto, entendemos que, para compreensão deste trabalho, o conceito de Castells sobre redes sociais é mais relevante. Em sua obra, ele reflete que a caracterização do termo é feita por uma sociabilidade assente numa dimensão virtual, possível e impulsionada pelas novas tecnologias, que transcende o tempo e o espaço.

A perspectiva de Acioli complementa as afirmações de Castells, pois define que as características marcantes das redes são a igualdade e complementaridade entre os seus componentes, estabelecendo um conjunto de relações sociais “entre um conjunto de atores e também entre os próprios atores” (ACIOLI,2007 p. 2). Esse mecanismo faz com que a capacidade de expansão das redes sociais tenda ao infinito, desde que as razões precípuas pelas quais se mantém a linha de relacionamento para a realização das atividades comuns não se desvirtuem, o que não interfere na autonomia dos atores da rede em buscar a especialização como ferramenta para melhorar a produtividade e acesso a novos mercados.

Balestro et. al (2004) relata ainda que as redes são formas otimizadas de permitir um acesso ao conhecimento, bem como a sua transferência, em ambientes de alto desempenho e em contextos em que o conhecimento complexo é cada vez mais especializado e fragmentado. A capacidade de disseminar conhecimento, principalmente em Instituições de Ensino locais em que se busca compartilhar experiências, transformando as competências tácitas e explícitas em um acervo de conhecimento institucional, permite a troca e o compartilhamento de conhecimento com outras instituições.

O assunto de redes sociais é muito discutido no mundo sob várias perspectivas. Em estudo realizado pela WWF-Brasil, podemos observar que:

Redes estão em todo lugar. Falamos de redes celulares, de redes neurais artificiais, de redes sociais, de redes organizacionais, de sociedade-rede, de empresa-rede, de marketing de rede, de trabalho em rede, de redes de rede. As cadeias de lojas, bancos, lanchonetes e supermercados são consideradas redes. As facilidades urbanas e os serviços que suportam a sociedade contemporânea são todos apresentados como redes: as malhas ferroviária e rodoviária, o sistema de distribuição de energia elétrica, o sistema de fornecimento de água, os serviços de telecomunicações, o sistema de segurança pública, os serviços de saúde, os postos de atendimento das várias organizações governamentais. Isso sem falar das redes de computadores: das pequenas redes de escritório aos sistemas peer-to-peer e à World Web e à Internet (COSTA et AL., 2003, p. 8).

Alinhada com a afirmação de Costa, pode-se inferir que o entendimento de uma rede é o significado mais utilizado para nomear um sistema, uma estrutura, que tem sua característica principal a interconexão de elementos entre si, mesmo estando separados geograficamente.

A sociedade se caracterizava durante o período de influência da indústria como expressão econômica predominante e tinha como símbolo maior a máquina ou um

mecanismo organizado. No período da Sociedade do conhecimento, em que a economia se torna colaborativa e caracterizada pela tecnologia da informação, a figura de uma rede com seus nós interligados desponta como símbolo.

Porém, nem tudo que apresenta quantidade de nós, dispersão geográfica e interligação pode ser considerado como uma rede. Se tivermos um grupo de pessoas trabalhando juntas, no mesmo local, chamamos de time ou equipe. No entanto, se este mesmo grupo estiver separado espacialmente, mas trabalhando em um objetivo comum, pode ser denominada de rede. Este é um entendimento baseado apenas na configuração da forma, sem levar em conta a dinâmica horizontal proporcionada por este tipo de configuração.

Este entendimento distorce a verdadeira concepção de uma rede e seu potencial de interação, pois quando passamos a considerar tudo como uma rede, afastamos o caráter libertador que a caracteriza.

Quando tudo é rede, estruturas velhas e novas, modos convencionais e modos inovadores de fazer, estratégias de opressão e estratégias de libertação confundem-se sob uma pretensa mesma aparência. Se não puder estabelecer algumas distinções, o conceito de rede deixa de ser sentido e passa a não servir para nada (COSTA *et al.*, 2003, p. 9).

A representação gráfica de uma rede mostra pontos (nós) e linhas. Os pontos têm como significado as unidades que compõe a rede: pessoas, instituições e locais. As linhas representam os relacionamentos, interações entre os nós. Essas conexões podem ser estabelecidas entre os nós de acordo com as demandas e necessidade de cada indivíduo ou organização, o que confere as redes a fluidez que é característica do mundo pós-moderno.

3.2 Redes sociais virtuais

O incremento nas comunicações e relações humanas, acontecido no século passado, se deve ao surgimento de duas ferramentas tecnológicas que modificaram de forma contundente o mundo que conhecemos. As interações ocorridas entre atores sociais não seriam mais da mesma abrangência do que acontecia até então. O surgimento da internet e do *World Wide Web* (www) tornou o cotidiano da humanidade

diferente. A existência de grande quantidade de informações disponíveis à grande maioria da população, o acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade, ao longo do tempo, e a grande velocidade de trânsito da informação exigiu, da sociedade, uma nova perspectiva em termos de Interação Social.

Torna-se necessário, então, realizar uma contextualização histórica sobre a origem e o desenvolvimento das redes virtuais, podendo, dessa forma, ter uma compreensão sistêmica do que a Internet representa para a humanidade e para as redes sociais. Poderemos ver o que os autores nos relatam sobre o ciberespaço.

O surgimento da Internet aconteceu no contexto de um projeto de pesquisa do Departamento de Estado dos Estados Unidos, por meio da Advanced Research Projects Agency (ARPA)². Nos anos sessenta, o mundo vivia um período de muita incerteza conhecido como Guerra Fria. O ápice desse período histórico foi o final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta. O mundo vivia a bipolaridade ocasionada pela sua divisão em duas grandes partes: o lado comunista, capitaneado pela União das Repúblicas Soviéticas; e o lado capitalista liderado pelos Estados Unidos. A disputa pela hegemonia política e econômica acirrou sobre maneira a corrida armamentista. Desta forma, foram criadas a OTAN³ e seu contraponto o Pacto de Varsóvia⁴.

Neste cenário de incertezas, foi então financiado, pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, um projeto de pesquisa e desenvolvimento para criar uma rede experimental (ARPANET). Esta rede seria capaz de realizar a comutação de pacotes de informação, o que significa que cada pacote seria enviado pelo melhor caminho de rede disponível, independentemente de qualquer outro pacote do fluxo de dados. A rede tinha como premissa permitir que computadores de todos os tamanhos se comunicassem entre si, independentemente do vendedor, sistema operacional, plataforma de hardware ou proximidade geográfica, permitindo, desta forma, a criação de uma rede de redes de computadores, em âmbito global. Como explica Lévy (1999),

² Sigla para *Advanced Research Projects* e se refere a uma agência do governo americano responsável por diversos projetos, sendo o mais famoso deles a ARPANET (ARPA Network) que é a rede predecessora da Internet. Disponível em: <<https://paginas.fe.up.pt/~mgi97018/historia.html>>. Acesso em: jul. 2017.

³ Organização do Tratado do Atlântico Norte foi uma organização militar criada pelos países da Europa Central e os Estados Unidos em 1949 e era um bloco capitalista.

⁴ Foi a aliança criada pelos países do bloco socialista, em 1955, e encabeçada pela Rússia que era a principal república da URSS.

a interconexão destes equipamentos teceria os contatos, criaria um grande meio informacional e acabaria com as fronteiras.

Em um primeiro momento, a intenção era interligar bases militares e os maiores centros universitários de pesquisa dos Estados Unidos ao Ministério da Defesa (Pentágono), permitindo, desta forma, a criação de um canal de comunicação que viabilizasse uma maior velocidade nas trocas de informações confidenciais, mas que também resistisse a uma possível guerra nuclear iminente. A tecnologia empregada à época para a transmissão de dados era a Wide Area Networks (WAN)⁵, que ainda hoje sobrevive utilizando protocolos de comunicação que permitem que vários computadores se comuniquem independentemente da sua localização geográfica ou idioma falado.

Com a evolução das linguagens de programação nos anos 1970, surgiu outra ferramenta que revolucionou a comunicação: o e-mail. Conhecido no Brasil como correio eletrônico, este instrumento tornou-se imprescindível para a comunicação dos cientistas, dentro da Internet, pois permitia a troca de mensagens de texto e imagens com uma velocidade muito rápida. Nos anos 1980, a Internet teve suas primeiras aplicações comerciais e seu uso foi expandido para comunidade com a criação dos primeiros provedores de serviço (ISP)⁶.

Em 1989, foi desenvolvida WWW (*World Wide Web*), pelo pesquisador Timoty John Berners Lee⁷. O público teve contato com a *web* dois anos depois. Foram criados protocolos de comunicação fundamentais para o funcionamento deste canal. Podemos citar: o endereço URL, o protocolo HTTP e código HTML. Estas tecnologias facilitaram a utilização da internet pela população em geral. Aliado a criação dos personal computers (PCs)⁸, a internet se tornou o meio de comunicação com o crescimento mais rápido da atualidade.

Com a popularização da internet, o seu potencial foi logo percebido pelo mundo empresarial e, em pouco tempo, essa imensa rede tomou a configuração

⁵ A Rede WAN cobre áreas geograficamente dispersas, tem uma estrutura de maior custo e complexidade e possui interconexão de várias sub-redes de comunicação. Ela abrange uma grande área, podendo chegar a um país ou a um continente. Sua dimensão pode chegar a 1.000 km. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/sead/servicos-ead/publicacoes-1/pdf/Conceitos_Internet_e_Web.pdf>. Acesso em: jul. 2017.

⁶ ISP - sigla em inglês para *Internet Service Provider*. ISP são as empresas que fornecem serviços de Internet.

⁷ Físico britânico e professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT)

⁸ Computadores pessoais

que apresenta até os dias de hoje: uma rede de redes de computadores, flexível e independente, formada por redes onde instituições, empresas, associações e pessoas físicas criam suas próprias páginas eletrônicas. Na visão de Manuel Castells (1996), a gênese de formação e difusão da Internet moldou, de forma definitiva, a estrutura do novo veículo de comunicação na arquitetura de rede, na cultura de seus usuários e nos padrões reais de comunicação. Este modelo revela-se um exemplo de como a cooperação, por intermédio da tecnologia e do trabalho compartilhado, faz com que esse canal se mantenha em constante aperfeiçoamento.

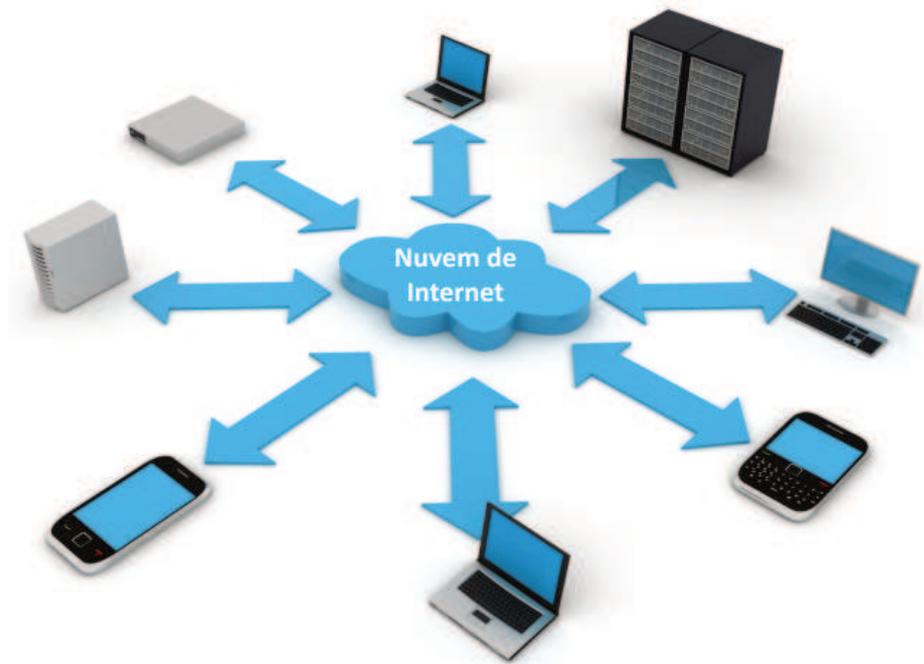
Castells (1999) nos relata em seu livro, “A Sociedade em Rede”, que, em meados de 1996, as tecnologias de informação e comunicações, aperfeiçoadas desde seu surgimento em 1980, determinaram um novo modelo de comunicação. Esse modelo, pautado em grande parte na interação entre emissor e receptor, além do leque de opções colocado à disposição deste receptor, é infinitamente maior, permitindo que ele tenha a opção de escolha sobre o conteúdo que irá consumir.

O autor relata ainda a transformação dos grupos sociais que deixam de ter uma constituição massificada, ou seja, muitos atores com objetivo único, e passam para uma configuração segmentada em pequenos grupos com interesses diversos. Sobre a mudança propiciada pela diversidade das mídias e pela capacidade de se alcançar um público específico, o autor afirma que “no novo sistema de mídia, a mensagem é o meio” (CASTELLS, 1999, p.364).

Segundo Kurose e Ross (2013, p.1), a internet é o maior sistema de engenharia já criado pelo homem. Ela é constituída de centenas de milhões de computadores conectados, como representado simbolicamente na Figura 1:

... enlaces de comunicação e comutadores; bilhões de usuários que se conectam por meio de laptops, tablets e smartphones; e com uma série de dispositivos como sensores, webcams, console de jogos, quadros de imagens, e até mesmo máquinas de lavar sendo conectadas. Dado que a internet é tão ampla e possui inúmeros componentes e utilidades, poderemos entendê-la? (Kurose e Ross, 2013, p.1).

Figura 1 - Representação de interconexões de rede de computadores



Fonte: <https://pedagogovix.wordpress.com/recursos/TICs/computacao-na-nuvem/>

Após esta visita à origem da internet, visualizaremos as redes sociais digitais ou os sites de redes sociais. De acordo com Recuero (2014, p. 1), as redes sociais não são novidade nas interações que ocorrem entre os atores sociais, mas a inclusão deste movimento no ciberespaço permite que seja criada uma nova dinâmica de interações e o surgimento de maneiras diferentes de comunicação. Como diferencial a estas tecnologias, surgem os sites de redes sociais. Desde que surgiram, permitem novas formas de se comunicar, possibilitando velocidade e qualidade na difusão das informações e conhecimento. “Consideraremos como sites de redes sociais toda a ferramenta que for utilizada de modo a permitir que se expressem as redes sociais suportadas por ela” (RECUERO, 2009, p. 102).

Pode se definir os aplicativos de redes sociais como plataformas de serviço que permitem ao usuário criar vários papéis que nas redes virtuais são chamados de perfil, conectar-se com vários outros usuários, criando um portfólio de relacionamentos, tomar conhecimento e observar as suas conexões feitas no aplicativo. Esses aplicativos funcionam como repositório de informações. Eles mantêm indefinidamente as conexões criadas, vez que são capazes de manter essas conexões de forma independente das interações. Uma vez adicionadas às conexões, ao contrário dos

laços sociais no espaço *off-line*⁹, não há desgaste pela falta de interação e desaparecimento desses laços. Eles se mantêm até que sejam retirados da rede pelos usuários das ferramentas.

Essa manutenção dos laços gera uma série de elementos diferenciais nessas redes. Por exemplo, proporciona que cada ator consiga manter uma rede muito maior de conexões do que no espaço *off-line*. Como essas conexões não dependem de investimento de tempo e sentimento para serem estabelecidas, elas se ampliam exponencialmente.

A pedra fundamental de todo esse ambiente de redes sociais virtuais foi lançada em meados dos anos 90. Neste período, começaram a surgir os *blogs* nos ambientes da internet. Trilhavam-se aí os passos pioneiros que iriam determinar de que forma se daria a reunião de pessoas no ambiente virtual. Aprofundando o conhecimento a respeito desta ferramenta, veremos o significado do termo *WEBLOG*.

O termo *weblog*, criado por "Robot Wisdom" em 1997, foi definido como uma página da WEB onde uma pessoa iria relatar os acontecimentos relevantes, em pequenos artigos, chamados de "posts". A abreviatura da palavra para o termo "blog" foi usada pela primeira vez quando Peter Merholz, a título de brincadeira, separou palavra *weblog* em *we blog* ("nós blogamos").

Pode-se dizer que o *blog* é uma versão moderna dos antigos livros em que as pessoas escreviam suas experiências diárias. É um diário em um meio virtual. Qualquer um que possua acesso à internet pode criar e manter um blog no ar sem custo e muito rapidamente. Torna-se um espaço colaborativo onde as pessoas interagem, por meio dos comentários realizados, agregados a um determinado *post*. "É uma tribuna diária. Um espaço interativo. Um local para discussões políticas. Um canal com as últimas notícias. Um conjunto de links. Suas ideias. Mensagens para o mundo"¹⁰.

Um ambiente virtual que movimentava muitos usuários são as redes sociais. Porém, antes de conhecermos algumas redes, relatarei suas origens, pois, desde o início dos anos 2000, elas trazem para seus meandros pessoas de várias faixas

⁹ É um termo da língua inglesa cujo significado literal é "**fora de linha**" e também pode qualificar alguma coisa que está **desligada** ou **desconectada**.

¹⁰ Definição do *site blogger.com*, segundo maior hospedeiro de *blogs* da Internet, mantido pelo Google

etárias, bem como pesquisadores, interessados nas múltiplas facetas que estas plataformas apresentam.

Um aspecto que chama atenção é a constatação da estratificação de público, a reunião de atores sociais com os mesmos interesses e preferências que se aglutinam para trocar experiências. Assim, “(...) não é muito incomum encontrar grupos utilizando sites para se segregarem por nacionalidade, idade, nível educacional, ou outros fatores que tipicamente segmentam a sociedade, mesmo que esta não tenha sido a intenção dos designers¹¹” (BOYD, 2007, p. 4). Sob essa perspectiva, são criados grupos virtuais que se reúnem de acordo com comportamento, demandas sócio econômicas, relacionamento ou características indenitárias dos grupos.

A interpretação de Boyd para os sites de relacionamentos nos faz compreender que são redes abertas que possibilitam as interações sociais de forma semelhante a espaços como praças e outros locais que não sofrem uma mediação. No Brasil e em diversos países, dentre estes, podemos citar o caso da Coréia do Sul, país em que sua população incorporou o uso destes sites, agregando o uso desta ferramenta ao seu cotidiano. Para a autora, este uso reforça a necessidade de manutenção e fortalecimento das conexões existentes anteriormente ao uso da rede social (BOYD, 2007, p. 6).

No entendimento de Recuero (2009, p. 102), sites de redes sociais podem ser caracterizados como *software social*. São programas utilizados na interação mediada pelo computador. Para ela, o aspecto-chave para este ambiente é a apropriação por parte dos usuários que, por muitas vezes, podem ser identificados pela sua estrutura. Assim, a autora divide os sites em duas categorias estruturadas: A primeira categoria é composta por sites que têm como finalidade tornar visíveis, para todo o público, as redes sociais dos usuários, sendo considerados como as redes sociais propriamente ditas. A segunda categoria dos sites apropriados caracteriza-se, por sua vez, em “sistemas que não eram originalmente, voltados para mostrar redes sociais, mas que são apropriados pelos atores com este fim” (RECUERO, 2009, p. 104).

¹¹ Tradução do texto original: (...) so it is not uncommon to find groups using sites to segregate themselves by nationality, age, educational level, or other factors that typically segment society, even if that was not the intention of the designers.

Observa-se que as redes sociais no meio virtual apresentam diferentes características que nos mostram a distinção entre elas e as redes sociais no espaço *off-line*. Como primeiro ponto de diferenciação, destaca-se o registro digital feito pelas interações ocorridas no ciberespaço (BOYD, 2010, RECUERO, 2012). Em caso de necessidade, estes registros estão disponíveis e podem ser recuperados. O Segundo ponto é a perenidade das redes sociais virtuais. Estas redes sofrem menos com o passar do tempo, diferente das relações *off-line*. Nestas redes, os laços não se desgastam com a falta de contato entre os atores. Esta característica confere estabilidade à rede social, são mais complexas, com várias conexões, permitindo que sejam bem maiores que as *off-line*. Este conjunto de características permite uma pluralidade de relações maiores que aquela das redes *off-line*.

Ellison, Steinfeld & Lampe (2007) realizaram um estudo, com base na rede social conhecida como Facebook¹², com a finalidade de avaliar a importância da ferramenta no suporte às interações sociais, possibilitando saber de que forma ela alterou os processos sociais, permitindo que atores que não tinham mais contato devido a distância, não encontravam barreiras para continuar com estes laços. Este estudo mostrou que a ferramenta possibilita que os atores sociais permanecessem na rede social, mesmo sem ter mais contato com ela.

3.3 Aplicativos de redes sociais

Veremos agora alguns dos *softwares* utilizados para conversação, sociabilidade e trocas de imagens. É preciso deixar claro que a interação social, da mesma forma que a interação pessoal, não se resume à conversação. Se no mundo real, a conversação faz uso de diversos símbolos e elementos que formam um panorama que torna a mensagem compreensível, no mundo virtual, nos sites de redes sociais, acontece a mesma coisa.

As interações mediadas por computador não levam apenas em consideração o texto escrito. O texto escrito está deixando de ser o principal elemento. As imagens estão exercendo papel de muita relevância nesta comunicação. Estes aplicativos permitem diferentes formas de interação, tanto síncronas como assíncronas. Pode-se

¹² [Http://www.facebook.com](http://www.facebook.com)

observar os emoticons¹³, compartilhamentos e “likes”¹⁴. Além disso, a conversação também não se restringe ao bate-papo, mas abrange as diferentes formas síncronas e assíncronas de diálogo, em exemplo às curtidas, aos compartilhamentos e aos comentários.

Passarei a apresentar alguns *softwares*, utilizados no Brasil, que possibilitam a interação *on-line*.

Figura 2 – Símbolo do aplicativo Snapchat



Fonte: <https://www.snapchat.com/l/pt-br/>

A Figura 2, que representa o símbolo do Snapchat, mostra o aplicativo que se destina a troca de imagens e mensagens de texto entre seus usuários. O que diferencia este *software* é a obrigatoriedade de se definir um tempo de duração da postagem no dispositivo do destinatário, impedindo, assim, que as imagens fiquem gravadas. Este aplicativo foi desenvolvido por três jovens universitários da Universidade de Stanford. Ele é um dos aplicativos baixados para dispositivos móveis e é bastante utilizado pelos discentes da IES verificada, inclusive os discentes o utilizam muito para trocar imagens e fotos.

¹³ Forma de comunicação paralinguística, um **emoticon**, palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone)

¹⁴ O botão “like” é uma forma de analisar o quanto você está sendo bem avaliado pelos usuários da rede social.

Figura 3 - Símbolo da rede social LinkedIn



Fonte: <https://br.linkedin.com/>

A rede social LinkedIn (Figura 3) tem sua principal função na conexão de profissionais, empresas, “headhunters”¹⁵. Essa rede social do mundo corporativo tem uma média de 342 milhões de usuários ativos¹⁶. Esta plataforma, que permite intercâmbio de conteúdos produzidos por seus usuários, tornou-se uma das mais importantes plataformas de interação no meio profissional. O assinante que possui um perfil no LinkedIn poderá manter contato com sua rede de trabalho, ficando atualizado com as novidades do mercado de trabalho. Por intermédio do LinkedIn, pode-se concorrer a vagas de emprego no mercado de trabalho. Nossos discentes interagem para conseguir estágios e até mesmo indicação profissional, enquanto ainda estão cursando a universidade.

¹⁵ Profissional que seleciona os melhores executivos do mercado de trabalho, mediador entre empresa e profissional

¹⁶ [https:// http://www.statisticbrain.com/twitter-statistics/](https://http://www.statisticbrain.com/twitter-statistics/)

Figura 4 - Símbolo da rede social Twitter



Fonte: <https://twitter.com>

O Twitter (Figura 4) é um aplicativo que se destaca por ser uma rede social para microblogs¹⁷ criada para retratar, em pequenas mensagens, o cotidiano das pessoas que podem interagir com outros usuários trocando impressões sobre assuntos mais variados. Ao redor do mundo, são mais de 310 milhões de usuários únicos, sendo que 83% dos líderes políticos mundiais já estão presentes na rede com contas ativas. Na minha pesquisa, pude observar o intenso uso pelos alunos. Eles interagem de forma bastante intensa, por meio de Tweets¹⁸ e retweet.¹⁹ Costumam retratar seu cotidiano por meio desta interação.

Além desta utilização, o Twitter é muito usado para ações de marketing *on-line*. Se bem utilizado, permite uma rápida mobilização de integrantes de movimentos sociais.

¹⁷ A postagem em média de caracteres é de 120 a 180 por *post*, os quais geralmente não ultrapassam três linhas

¹⁸ Tweet é o nome utilizado para designar as **publicações feitas na rede social do Twitter**. Literalmente, o termo inglês *tweet* significa "gorjeio" ou "pio de passarinhos".

¹⁹ Quando usuários do Twitter citam as publicações de outros usuários.

Figura 5 - Aplicativo de comunicação Skype



Fonte: <https://www.skype.com/pt/>

O Skype (Figura 5) é muito utilizado para troca de mensagens de voz e vídeo. Permite comunicação gratuita entre usuários. Uma das funcionalidades bastante utilizada é a facilidade de, mediante o pagamento de pequena monta, realizar ligações telefônicas para qualquer telefone do mundo. Pode-se inclusive realizar vídeo conferências, o que, de vez, termina com a limitação geográfica para as interações sociais.

Esta ferramenta permite uma interação social mediada por computador que se aproxima muito de uma interação presencial. Ao redor do mundo são, pelo menos, 300 milhões de usuários ativos. Destacam-se, entre eles, universidades, empresas e pessoa comuns.

Figura 6 - Símbolo do aplicativo de relacionamento Tinder



Fonte: <https://tinder.com/>

O Tinder (Figura 6) é um aplicativo de encontros onde o usuário pode conhecer novas pessoas que possuem interesses em comum. Para isso, o programa cruza as

informações de perfil com dados de geolocalização e, com isso, sugere possíveis pretendentes que estejam relativamente próximos. Este aplicativo é bastante utilizado pelos alunos, quando eles estão em busca de relacionamentos de namoro.

Após uma análise deste novo ambiente de interação social, fica claro que é preciso realizar estudos mais aprofundados, pois a velocidade de criação destes aplicativos, aliada a capacidade de mobilização que se concretiza por meio do uso dos diversos *softwares*, além da fluidez relativa ao seu uso, possibilita que os discentes troquem muito rapidamente de aplicativos, o que tornam este ambiente muito fluido e volátil, como afirma Bauman (1999).

Estas ferramentas permitem uma amplitude maior na mobilização dos jovens, muitas vezes sem a limitação de espaço. Toda esta potencialidade permite a criação de grupos sociais em diversos pontos da cidade, do estado, do país e até mesmo do exterior.

A importância da utilização desses aplicativos, no meio acadêmico, influencia no relacionamento entre os pares para posteriormente estabelecer contatos e relações profissionais. A cultura digital está presente em nossa sociedade, o que possibilita a interação entre os atores sociais, sob uma perspectiva na qual o tempo e o espaço possuem uma ressignificação fruto da fluidez proporcionada pelas novas tecnologias da informação.

CAPÍTULO III

4 METODOLOGIA

Este Capítulo apresenta a estrutura e a trajetória metodológica adotada para este estudo.

4.1 Abordagem metodológica

Para a realização do presente trabalho, foi utilizada a abordagem metodológica qualitativa. Segundo Creswel (2007, p. 186), percebe-se que, na abordagem qualitativa, o ambiente natural é onde o pesquisador irá coletar os dados diretamente, sendo ele o principal instrumento. Estes dados são descritivos e representam subjetividades inerentes aos participantes da pesquisa e ao objeto em estudo. Além disso, o autor ressalta que é preciso ter uma preocupação muito grande com o processo da pesquisa do que com seu produto. Ou seja, o pesquisador, ao estudar um determinado problema, deve verificar de que forma ele se apresenta nos procedimentos, nas atividades e nas interações sociais que acontecem no dia a dia.

A abordagem qualitativa é pautada em entender e em interpretar os dados levantados em um determinado grupo, suas opiniões e expectativas; não tem como objetivo obter números como resultado e considera que devemos levar em conta o vínculo existente entre o sujeito, com todas as suas subjetividades e o mundo objetivo em que está inserido.

4.2 Tipo de pesquisa

Entende-se que o tipo de pesquisa deste estudo é descritivo, pois trata de observação das interações sociais mediadas por computador entre discentes, de modo a tentar explicar os fenômenos envolvidos neste processo. Neste tipo de pesquisa, o pesquisador investiga os fenômenos humanos ou naturais como um observador que apenas “procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com

que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características” (CERVO; BERVIAN, 1983, p. 55).

4.3 Técnicas de coleta de dados

A fundamentação teórica deste estudo foi estruturada com base em um levantamento bibliográfico sobre o objeto de estudo, compreendendo, principalmente, os fenômenos de redes sociais virtuais e interação social mediada por computador. Para tanto, nesta fase, foi feito o levantamento de autores que têm estudado o conceito de ciberespaço, redes sociais, identidade e interação social, presencial e mediada, podendo ser destacados: Bauman, Levy, Castells, Maffesoli, Goffman, Hall, Recuero, Thompson e Weber.

Como técnica de coletas de dados, optou-se pela mediação da técnica de grupo focal, para interpretar as impressões dos discentes relativas ao assunto, bem como foram feitas observações do comportamento do grupo de discentes em tela, como foi dito anteriormente.

Cabe ressaltar que a utilização do grupo focal tem o objetivo de apreender percepções, vontades, atitudes e sentimentos em relação a um assunto do cotidiano ou de um ambiente específico de interação.

A essência do grupo focal consiste justamente na interação entre os participantes e o pesquisador, que objetiva colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos (por isso é chamado grupo focal). (LERVOLINO; PELICIONI, 2001, p.116)

Segundo Lervolino e Pelicioni (2001), A coleta de dados através do grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas basear-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços.

4.4 Instrumento de coleta de dados

Foi elaborado um questionário aberto, com dez questões abertas, que foram utilizadas para auxiliar a condução do grupo focal. Segundo Boni e Quaresma (2005, p.74), podemos fazer uso das entrevistas abertas para finalidades exploratórias, utilizando-o para o detalhamento de questões e formulações mais precisas dos conceitos relacionados ao fato social pesquisado. Destaca-se que a definição pelas perguntas partiu do que foi apreendido com base na literatura fundamental deste estudo, bem como nas vivências e observações realizadas ao longo do tempo de exercício de docência deste pesquisador.

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. O roteiro de entrevista contou com 09 perguntas norteadoras, como apresentado no Quadro 1.

Quadro 1: Perguntas mediadas no grupo focal

SEQ	PERGUNTA
01	Na opinião de vocês, existe alguma diferença entre a interação presencial e a interação pela ferramenta, usando áudio e vídeo?
02	Qual das interações sociais presencial ou mediada por equipamentos de TIC, você prefere utilizar e para que finalidade?
03	Como vocês interpretam a interação social entre vocês? Vocês usam a rede social ou falam um com o outro?
04	Quais são os aplicativos utilizados por vocês para interação social?
05	De que forma as redes sociais são importantes para vocês?
06	Nos contatos na rede social, você passa todas as suas características para as outras pessoas?
07	Já houve confusão entre o que foi postado e o que foi entendido pelo outro?
08	A interação mediada pelo computador facilita ou dificulta a interação de vocês com os outros?
09	Como se dá a interação entre vocês, alunos do Centro Universitário?
10	Quanto tempo você passa por dia no computador ou dispositivos de TIC para realizar uma interação social?

Fonte: Dados da pesquisa.

Esperou-se, portanto, que os resultados destes questionamentos pudessem ser classificados em unidades de análise, de modo a subsidiar as discussões dos resultados. Da mesma forma, as perguntas norteadoras foram distribuídas nas categorias de análise constantes no Quadro 2.

Quadro 2: Categorias de análise

SEQ	PERGUNTA
01	Tipos de interações sociais utilizadas pelos atores
02	Ferramentas tecnológicas de interação social
03	Conteúdos transacionados nas interações mediadas por computador
04	Tempo de conexão em redes sociais para interação, nos espaços acadêmicos e em outros âmbitos sociais

Fonte: Dados da pesquisa.

Distributivamente, as perguntas foram correlacionadas às categorias de análise conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3: Perguntas mediadas no grupo focal por categoria de análise.

CATEGORIA	PERGUNTA
Tipos de interações sociais utilizadas pelos atores	<ol style="list-style-type: none"> 1. Na opinião de vocês, existe alguma diferença entre a interação presencial e a interação pela ferramenta, usando áudio e vídeo? 2. Qual das interações sociais, presencial ou mediada por equipamentos de TIC, você prefere utilizar e para que finalidade? 3. Como vocês interpretam a interação social entre vocês? Vocês usam a rede social ou falam um com o outro?
Ferramentas tecnológicas de interação social	<ol style="list-style-type: none"> 4. Quais são os aplicativos utilizados por vocês para interação social? 5. De que forma as redes sociais são importantes para vocês?
Conteúdos transacionados nas interações mediadas por computador	<ol style="list-style-type: none"> 6. Nos contatos na rede social, você passa todas as suas características para as outras pessoas? 7. Já houve confusão entre o que foi postado e o que foi entendido pelo outro? 8. A interação mediada pelo computador facilita ou dificulta a interação de vocês com os outros? 9. Como se dá a interação entre vocês alunos do Centro Universitário?
Tempo de conexão em redes sociais para interação, nos espaços acadêmicos e em outros âmbitos sociais	<ol style="list-style-type: none"> 10. Quanto tempo você passa por dia no computador ou dispositivos de TIC para realizar uma interação social?

Fonte: Dados da pesquisa.

Para mediação do grupo focal, estabeleceu-se um roteiro definido, com adequação de tempo determinado. Houve ampla explicação sobre o objetivo da pesquisa e a participação foi livre, esclarecida e voluntária. Para consecução da técnica de grupo focal, foi possível contar com o uso do laboratório de Psicologia, com separação translúcida, de uma Instituição de Educação Superior do Distrito Federal, o que permitiu maior interação, discussão e engajamento dos respondentes durante a aplicação da técnica. Houve apoio de uma professora psicóloga para mediação das perguntas e registro das respostas. Foram conduzidas seis sessões de grupo focal, sendo que, em cada uma, havia um grupo específico de participantes. Cada sessão teve duração de sessenta minutos, conforme roteiro estabelecido.

4.5. Ambiente de estudo

O Grupo Projeção é composto de cinco unidades de Educação Básica e cinco unidades de Educação Superior. O Palco desta pesquisa é o Campus I do Centro Universitário que, como vimos acima, se situa na cidade de Taguatinga DF. Os discentes são distribuídos em cinco Escolas Superiores. Escola de Negócios que congrega os cursos de: Administração, Ciências Contábeis, Comunicação Social Publicidade e Propaganda, Marketing, Secretariado Executivo Bilíngue, Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos, Tecnólogo em Gestão Pública, Tecnólogo em Logística. Escola de Ciências Jurídicas e Sociais que congrega os cursos de Direito e Serviço Social. Escola de Formação de Professores que congrega as licenciaturas em História, Matemática, Letras e Geografia e Pedagogia. Escola de Tecnologia que congrega os cursos de Sistemas de Informação, Engenharia Civil, Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Tecnólogo em Gestão da Tecnologia da Informação, Tecnólogo em Redes de Computador e Tecnólogo em Sistemas para a Internet.

Os alunos do Centro Universitário caracterizam-se, em sua maioria, por alunos que trabalham para pagar seus estudos e uma pequena porcentagem tem seus estudos custeados pelos pais. Em sua grande maioria, realizaram seus estudos anteriores, ensino fundamental e médio, na rede pública de ensino (PDAD/DF) 2015/2016.

Para amostra desta pesquisa, utilizaram-se os alunos do terceiro, quarto e sétimo semestres do curso de Sistema de informação. Estes alunos foram escolhidos porque representam alunos que já têm um período de vivência e interação social com os colegas e também possuem uma familiaridade maior com os dispositivos de TIC e os aplicativos de relacionamento, eliminando assim a possibilidade de interferência nos resultados devido à inabilidade ao utilizar os dispositivos de TIC.

4.6 Caracterização dos respondentes

Os discentes que são objetos deste estudo residem em uma cidade da periferia do Distrito Federal que, segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal (PDAD/DF) 2015/2016, tem uma população com 53,80% de mulheres, uma concentração de 62,3% de pessoas com faixa etária entre 15 e 59 anos, que é representativa da força de trabalho.

O universo populacional da Região administrativa de Taguatinga, onde se encontra situado o Centro Universitário, bem como o de grande maioria do Distrito Federal, é formado por imigrantes de diferentes estados brasileiros. Cada grupo de imigrantes trouxe consigo a cultura local de sua região de origem, fato que promoveu uma grande diversidade cultural na região (PDAD/DF) 2015/2016.

A inovação da tecnologia está presente nos domicílios. A forma como as pessoas se relacionam, estudam, se comunicam e convivem é bastante influenciada pela tecnologia. As novas gerações, muitas vezes, realizam a inclusão digital das gerações mais velhas, caracterizando-se o caos em que os filhos influenciam nas escolhas da família, pois estes dominam a tecnologia e auxiliam os mais velhos nas tomadas de decisão que dizem respeito à família e envolvem assuntos abrangidos pela Tecnologia da Informação. A PDAD/DF 2015/2016 apurou que, em Taguatinga, 52,08% das residências possuem microcomputador e 48,98% possuem notebook. O serviço de internet de banda larga está presente em 76,53% dos domicílios. A internet móvel vem crescendo de forma exponencial, aumentando o espaço de interação entre as pessoas.

Especificamente, sobre os respondentes deste estudo, a pesquisa contou com a participação efetiva de 30 pessoas. Deste grupo, 2 pessoas do sexo feminino e 28 do sexo masculino. A faixa etária média do grupo foi de 22 anos, sendo que a pessoa

mais nova tinha 20 anos e a mais velha tinha 26 anos. Sobre a situação de classe social do grupo participante, considerando os parâmetros do IBGE, todos estavam compreendidos na classe C. Ainda assim, todos os participantes dispunham de acesso à Internet banda larga em suas residências e 4G, por meio de seus dispositivos móveis. Continuando com os aspectos socioeconômicos, destaca-se que cerca de 80% dos respondentes moram com os pais. Sobre a situação de residência, 50% declararam morar em casa própria e os outros 50% em casa alugada ou em situação de empréstimo. Todos os respondentes têm fonte de renda, sendo que 70% são remunerados por meio de atividades de estágio e 30%, por contratação efetiva.

4.7 Procedimentos de geração de dados

A parte empírica desta pesquisa teve início no segundo semestre de 2016, quando foram observados os procedimentos adotados pelos alunos em suas interações sociais. Os grupos focais aconteceram na semana que compreendeu os dias entre vinte seis e trinta de junho. Foi utilizado o laboratório de estudos psicológicos do Centro Universitário, que tem duas salas com visores unidirecionais que permitem a observação oculta dos participantes do grupo focal. Como apoio à aplicação da pesquisa, foi possível contar com a presença de uma psicóloga, mestra em psicologia, que é docente no Centro Universitário, mesmo ambiente deste estudo.

Durante o período de aulas, os estudantes foram informados em sala sobre o objetivo e a relevância desta pesquisa. Para esse momento, também foram informados o local, o dia e a hora das atividades, bem como o repasse de informações sobre o sigilo, a confidencialidade e a possibilidade de desistência por parte dos discentes, sem nenhum prejuízo para sua atividade acadêmica.

A professora observadora era responsável por fazer anotações, controlar o tempo e gravar o áudio. Para iniciar os grupos, havia a apresentação da equipe que conduzia a pesquisa, explicando novamente que o conteúdo do grupo era sigiloso. Salientava-se, neste momento, o caráter voluntário da participação e que a conversa seria gravada para fins de análise conjunta do conteúdo. Nenhum (a) discente desistiu de participar. Após a explicação, iniciavam-se as perguntas. Como mediador, conduzi a conversa buscando a participação de todos. Quando havia fuga do conteúdo, realizava uma intervenção para que o grupo voltasse para o foco da pesquisa. As

perguntas, desta forma, serviam para conduzir eixo central do grupo focal. Outra característica marcante é que a coleta e análise dos dados tende a seguir um processo indutivo – a pesquisa quantitativa surge ao longo do processo, em vez de figurar-se estritamente pré-formatada.

4.8 Preparação para análise dos resultados

Para análise dos resultados, os dados gerados foram degravados de modo a gerar uma planilha com a classificação das respostas em categorias de análise, definidas em tópicos. A partir daí, estes tópicos foram discutidos à luz do referencial teórico.

Em seguida, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Bardin (2011) aponta que a operacionalização da análise de conteúdo estrutura-se em três fases:

- a) Pré-análise;
- b) Exploração do material; e
- c) Tratamento dos resultados (inferência e a interpretação).

Para apoiar esta pesquisa, no que se refere às análises qualitativas por meio da técnica de análise de conteúdo, foi utilizada a aplicação MAXQDA²⁰ que permite importar, organizar, analisar, visualizar e publicar todas as formas de dados que podem ser coletados eletronicamente, incluindo entrevistas.

4.8.1 Procedimentos de pré-análise

O procedimento de pré-análise contou, a partir dos dados degravados, com a leitura flutuante, de modo a perceber, em primeiro contato, as apreensões dos participantes do grupo focal. Optou-se, ainda, seguindo a técnica, pela exaustividade, ou seja, todas as respostas foram consideradas para as análises.

²⁰ Disponível em: <<https://www.maxqda.com/what-is-maxqda>>. Acesso em: 29 jan 18.

Durante a pré-análise foi possível normalizar as respostas, mantendo somente aquelas representativas ao objetivo de pesquisa, respeitando a pertinência ao tema e a exclusividade aos objetos de análise.

4.8.2 Exploração do material

Para exploração do material, os dados degravados foram editados e separados em categorias de análise, de modo a permitir o agrupamento dos dados a partir do esquema de categorias definido para este estudo.

4.8.3 Tratamento dos resultados

A partir dos dados gerados, a terceira fase permitiu a análise dos conteúdos por meio da inferência (variáveis inferidas), ou seja, verbalizações que induzem as respostas sobre as categorias de análise.

Consecutivamente, as interpretações foram realizadas com base nas variáveis inferidas, fazendo referência ao marco teórico deste estudo.

CAPÍTULO IV

5 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Neste Capítulo, apresentam-se os resultados do estudo sob duas perspectivas. A primeira perspectiva traz as respostas predominantes por pergunta mediada no grupo focal; a segunda apresenta a estruturação das etapas de pré-análise e exploração do material, considerando a técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011).

5.1 Grupo focal: respostas predominantes

Neste item, apresentam-se os resultados da pesquisa. Inicia-se com a descrição das perguntas e das respostas gerais empíricas obtidas por meio da análise dos grupos focais.

Elencamos, a seguir, as perguntas mediadas com a técnica de grupo focal, apresentando, também, as respostas de maior ocorrência, considerando que estas podem indicar a apreensão consensual dos participantes da pesquisa sobre o objeto pesquisado. Por conseguinte, à ocasião da análise dos resultados, discutiremos as respostas à luz da teoria que pode justificar o posicionamento dos participantes da pesquisa, com relação às perguntas mediadas. As respostas completas estão em transcrição literal como apêndice deste estudo (Apêndice I).

Com relação à primeira pergunta, esperou-se compreender como se dá a interação social entre os participantes da pesquisa, de modo a entender qual tipo de interação é predominante, a presencial ou a mediada por computador:

1) Como vocês interpretam a interação social entre vocês? Vocês usam a rede social ou falam um com o outro?

Resposta: Preferem a interação cara a cara, a interação mediada pelo computador não permite um aprofundamento dos relacionamentos.

No que diz respeito à segunda pergunta, a intenção foi entender o grau de envolvimento dos pesquisados com a interação na rede social, saber se eles se revelavam de forma aprofundada, dando todas as suas características para os atores

da rede, ou se a persona configurada nas redes sociais mediadas por computador diferenciava-se daquela vivenciada presencialmente.

2) Nos contatos na rede social, você passa todas as suas características para as outras pessoas?

Resposta: “Nos primeiros contatos, não. Procuro impressionar um pouco, mudo um pouco minhas características. ”

Com relação à terceira pergunta, esperou-se compreender como se dá a interação social entre os participantes da pesquisa, no que diz respeito à interação com atores dos sexos masculino e feminino, para saber se havia diferenças significativas de comportamento e comunicação.

3) Existe diferença entre a interação com sexo masculino ou feminino.

Resposta: Com os amigos do sexo masculino, é mais fácil. A interação acontece de forma normal. Com atores do sexo feminino, a interação é mais difícil, pois existe o componente da possibilidade do namoro.

No que diz respeito à quarta pergunta, a intenção foi entender se a comunicação na interação social entre os atores da rede era funcional ou se sofria interferência de interface. Entende-se, aqui, como interação funcional, aquela cuja mensagem enviada pelo emissor é entendida pelo receptor com o mínimo de ruído possível, mantendo a clareza e o sentido original da intenção de comunicação.

4) Já houve confusão entre o que foi postado e o que foi entendido pelo outro?

Resposta: Sim, na faculdade, a comunicação é mais formal. Entre amigos, já existe uma liberdade maior.

Na quinta pergunta, esperou-se compreender como a relação mediada pelo computador facilita ou dificulta a interação social entre os discentes participantes da pesquisa. Os aspectos observados foram consoantes aos parâmetros e recursos de interface gráfico-tecnológica que podem tornar a interação e a comunicação mais intuitivas, ou seja, facilitadas pela própria arquitetura de sistema, ou se isso não é tão relevante para o estabelecimento de interação em plataformas virtuais para o grupo estudado. Por outro lado, a pergunta também incitava o uso de plataformas virtuais,

ou redes sociais, como recurso tecnológico que pode, de alguma forma, reduzir limitações ou dificuldades de interações presenciais, visto que, existem pessoas que, seja por motivo de falta de habilidade, falta de hábito, limitações de relacionamento, podem ter dificuldades de interação presencial.

5) A interação mediada pelo computador facilita ou dificulta a interação de vocês com os outros?

Resposta: Facilita. Quando não se conhece a pessoa, dá uma segurança maior, pois o outro não está presente fisicamente. Os mais tímidos e inseguros se sentem mais confortáveis.

O objetivo da sexta pergunta foi avaliar a percepção dos discentes, no que diz respeito à utilização dos aplicativos de comunicação via vídeo. Saber se, para eles, não havia diferença entre a interação presencial e a mediada por computador, numa interação utilizando os recursos de TIC, particularmente, áudio e vídeo, visto que tais meios podem contribuir para a personificação do outro.

6) Na opinião de vocês, existe alguma diferença entre a interação presencial e a interação pelo Skype, usando áudio e vídeo?

Resposta: Com a câmera, é bastante semelhante a interação presencial, porém você pode desligar o computador, ai vc tem um tempo para se preparar.

Para identificar qual são os tipos de aplicativos utilizados para as diversas formas de interação mediada por computador que os discentes utilizam, foi elaborada a sétima pergunta.

7) Quais são os aplicativos utilizados por vocês para interação social.

Resposta: Twitter nós utilizamos para mensagens rápidas de comunicações instantâneas, Facebook permite que nos comuniquemos de forma mais aprofundada formamos os grupos onde trocamos uma comunicação com fotos, vídeos e textos permite um contato inicial que pode se tornar um namoro, Snapchat e WhatsApp usamos para mensagens e vídeos permite velocidade e agilidade na comunicação e

mobilização de nosso grupos, Tinder, utilizamos especificamente para relacionamentos de namoro, Instagram usamos para troca de fotos .

Interessado em saber se existe alguma outra forma de interação social mediada que, porventura, seja utilizada pelos alunos para se socializar, elaborou-se a oitava pergunta. Ressalta-se a apreensão dos respondentes que consideram jogos eletrônicos como redes sociais, bem como a vivência no ambiente gráfico.

8) Quais outros tipos de interação mediada o seu grupo de jovens utiliza para se relacionar?

Resposta: Utilizamos os jogos *on-line*, eles permitem que nos comuniquemos durante os jogos, criamos um grupo de jogadores que interagem entre si por intermédio do contato possibilitado pelo jogo.

Com relação à nona pergunta, esperou-se compreender o tempo médio destinado pelos alunos para interação mediada por computador ou dispositivo de TIC, avaliando quanto tempo os alunos estão conectados à Internet, por meio de aplicativos de redes sociais.

9) Quanto tempo você passa por dia no computador ou dispositivos de TIC para realizar uma interação social.

Resposta: Na maioria das ocorrências, os alunos relataram que ficavam cerca de cinco horas diárias destinadas a utilização de aplicativos de redes sociais. Tivemos três ocorrências de alunos que disseram permanecer conectados por cerca de oito a dez horas diárias em média 5 horas por dia. Aconteceram ocorrência de 10 e 08 horas. A maioria dos respondentes relatou que estes aplicativos os ajudam a interagir com pessoas e se sentirem pertencentes a um grupo social ou mais.

Na décima pergunta, foi questionada a preferência dos alunos em relação ao tipo de interação que eles preferem utilizar para realizar as suas relações sociais. Foi explicado, para os alunos, o que vem a ser uma relação presencial e uma relação mediada por dispositivo de TIC.

10) Qual das interações sociais, presencial ou mediada por equipamentos de TIC, você prefere utilizar e para que finalidade?

Resposta: Os alunos relataram que para o início de um relacionamento ou para interações geograficamente distantes, a interação mediada pelo computador é bastante apropriada, pois ela não se limita a noção espaço tempo, podendo ser síncrona ou assíncrona²¹. No entanto, para interações mais aprofundadas, como namoro ou relacionamentos mais importantes, os alunos preferem usar a interação presencial, pois ela permite um contato mais presencial, permitindo a observação das expressões faciais e comportamentais do outro.

Em relação à décima primeira pergunta, procurou-se saber qual tipo de interação mediada e quais aplicativos são utilizados pelo grupo de estudante do Centro Universitário.

11) Como se dá a interação entre vocês, alunos do Centro Universitário?

R= quando não estão próximos fisicamente, utilizam o WhatsApp ou Facebook, pois a forma de interação é mais econômica e rápida. No entanto, quando estão próximos, preferem a interação face a face.

O objetivo da décima segunda pergunta foi avaliar a importância que as redes sociais têm para os alunos do Centro Universitário.

12) De que forma as redes sociais são importantes para vocês?

Resposta: As redes sociais são um meio de inclusão no grupo social, facilitam a interação e a conexão com os atores sociais integrantes da comunidade acadêmica.

A seguir, apresentam-se as análises dos resultados, com base, principalmente, nas teorias de Simmel, Goffman, Levy e Castells, sem desconsiderar, portanto, que possam existir outras abordagens que justifiquem os resultados aqui alcançados.

²¹ A comunicação síncrona caracteriza-se por ser uma comunicação que ocorre exatamente ao mesmo tempo, simultânea. Dessa forma, as mensagens emitidas por uma pessoa são imediatamente recebidas e respondidas por outras pessoas. A comunicação assíncrona ocorre em momentos diferentes, o emissor não está em contato com o receptor no mesmo momento. (<http://www.educabrasil.com.br/comunicacao-sincrona/>)

5.2 Grupo focal: pré-análise e exploração do material

Como afirmou Bardin (2011), a técnica de análise de conteúdo prevê a sua estruturação em três etapas: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados. Aqui, apresentam-se as duas primeiras etapas.

O Quadro 4 organiza as verbalizações do grupo focal por semelhanças. Considera-se aqui, como semelhança, aqueles termos ou expressões mais presentes no contexto verbalizado. Essas semelhanças corresponderão aos temas na etapa de exploração do material

Quadro 4: Organização dos dados degravados

Semelhanças	Verbalizações do Grupo Focal
Interação	Mais cara a cara. Cara a cara é o jeito mais certo de falar. Tem gente que prefere redes sociais. Presencial permite maior aprofundamento das relações. Redes sociais permite o início da interação. Redes sociais deixa as pessoas mais à vontade. Presencial permite observar as expressões corporais. Os sentimentos são percebidos pela interação presencial. Presencial aproxima mais as pessoas. Presencial estimula espontaneidade. Mediada por computador permite o anonimato. Interações presenciais mostram como as pessoas realmente são. Não precisa de espaço geográfico nas relações mediadas por computador. A presencial imprime maior grau de confiança. A intimidade aumenta nas relações presenciais. Mediada por computador não garante a integridade das informações. Mediada por computador dificulta a caracterização real do ator. As mensagens mediadas por computador são mais subjetivas e podem ter diversos tipos de interpretação. Nas relações presenciais é mais fácil reconhecer o outro.
Conteúdos transacionados	Nas redes sociais virtuais é mais fácil iniciar relações. As relações mais superficiais são realizadas por meio de interações mediadas por computador. Relações profissionais são mais utilizadas por mediação por computador. Para relações e interações que dependam de maior grau de confiança, prefere-se a interação presencial. A interação presencial é melhor para relações mais aprofundadas, como a afetiva (amorosa e amizade). Para o desenvolvimento cognitivo, a interação mediada por computador é de primeira escolha. Quanto maior o nível de afinidade e proximidade, maior a interação presencial. Assuntos sigilosos ou sensíveis são tratados presencialmente.
Ferramentas tecnológicas	WhatsApp. Facebook. Tinder. Skype. Jogos eletrônicos.
Tempo de conexão	O dia inteiro. Menos em sala de aula. Para apoiar os estudos em sala de aula. Durante o intervalo. Para realizar pesquisas na faculdade e em casa. No trabalho e na faculdade. A todo momento. Difícil não acessar. Faz parte da vida.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os Quadros de 5 até 8 correlacionam as categorias de análise definidas para este estudo em função do tema gerado pelas variáveis verbalizadas semelhantes apresentadas no Quadro 4. As transcrições estão enumeradas de R1 a R36 para facilitar a rastreabilidade nas análises do estudo.

Quadro 5: Matricial das categorias de análise – Interação

Categoria de Análise: TIPOS DE INTERAÇÕES SOCIAIS UTILIZADAS PELOS ATORES	
Descrição: Tipos de interações sociais utilizadas para relacionamentos entre os discentes, definidos pelo nível de uso da interação, ou seja, mediada por computador ou mediada presencial.	
Temas	Transcrições
Interação	<p>R1: Mais cara a cara, eu prefiro principalmente cara a cara do que pela internet.</p> <p>R2: Acho que cara a cara é o jeito mais certo de falar, porque às vezes pelo Facebook você pode ser uma pessoa e cara a cara é outra.</p> <p>R3: Tem gente também que tem dificuldade de falar cara a cara e prefere usar as redes sociais. Pode ficar mais à vontade para falar e pode ser mais tímido cara a cara, daí pode se soltar mais pelas redes sociais.</p> <p>R4: Mas quando você conhece a pessoa via rede social para poder conversar cara a cara já é mais difícil. Eu mesmo já tive alguns casos que fui conhecer a pessoa na rede social só que cara a cara a gente falava só “oi” e nada mais, só que na Internet a gente conversa.</p> <p>R5: Cara a cara é mais certeza.</p> <p>R6: às vezes a pessoa está falando uma coisa tranquila e quando você vai ler você está achando que ela está falando errado com você. No Facebook a gente discute às vezes porque você acha que está falando normal com a pessoa e a pessoa está achando que você está com raiva dela, do jeito que você escreveu.... Se colocar em caixa alta já era...</p> <p>R7: A mensagem não tem a expressão da pessoa.</p> <p>R8: Na rede social é mais fácil porque você fala com a pessoa, manda a mensagem, aí ela fala alguma coisa e você olha assim e tem tempo para você responder, pensar em alguma coisa melhor.</p> <p>R9: Pode acontecer de pessoalmente, na sala você puxar um assunto para falar sobre matéria ou professor e posteriormente pela mídia social você começar realmente o que você queria.</p> <p>R10: Sim, mas pra aproximar mesmo seria mais presencial, pra criar intimidade. Talvez assim, se fosse caso de distância, ia usar mais a rede social, mas caso não seria presencial.</p> <p>R11: E ainda mais, tem a incompreensão. Várias vezes, os assuntos são mal interpretados pelo whatsapp, porque lá não tem o tom. Muitas vezes, estou brincando ali e a pessoa está tipo: “nossa está falando sério”, então eu fico: “meu deus do céu, vou ter que me retratar por tudo? Complicado demais, prefiro a comunicação presencial, deixa as pessoas mais próximas. Eu penso que, é uma coisa que até já escrevi uma vez, a comunicação por redes sociais apesar de ter o objetivo da globalização de aproximar mais a as pessoas, na verdade está</p>

distanciando mais elas. Enquanto você está lá mexendo no celular, você poderia estar conversando, falando sobre seu dia. Eu penso que ela ao mesmo tempo que vem pra ajudar, também atrapalha.

R12: Comigo presencial, porque eu sou muito comunicativo sou muito crítico, eu sempre estou conversando com as pessoas. Eu conheço praticamente quase todo mundo da sala e converso praticamente com todo mundo, mesmo que não tenha intimidade com todos. Então meu relacionamento com eles é mais presencial e também local. Quando eu estou na faculdade, porque quando eu estou fora da faculdade eu não converso com a maioria das pessoas.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 6: Matricial das categorias de análise – Conteúdos transacionais

Categoria de Análise: CONTEÚDOS TRANSACIONADOS NAS INTERAÇÕES MEDIADAS POR COMPUTADOR.

Descrição: Tipos de ferramentas da tecnologia da informação e comunicação utilizadas para interação social mediada por computador.

Temas	Transcrições
<p>Conteúdos transacionados</p>	<p>R13: Sim, por exemplo, teve uma garota que eu me aproximei, não cheguei a namorar ela. Hoje, eu conheço o real dela, mas o que aconteceu ela se apresentou como Juliana, uma menina branca, de olhos verdes e cabelo liso, aquela coisa linda. Ai, eu fui me aproximando e prestando atenção um pouco mais e fui percebendo algumas inconsistências nas conversas, aí falei com ela: “você está escondendo alguma coisa?”, aí ela se revelou. O nome dela era Barbara, era negra, cabelo afrozaio e tals. Mas ela tinha um problema com ela, se achava feia</p> <p>R14: Isso, só quando é impossibilitado pela distância, por exemplo, no desenvolvimento de um aplicativo que tem gente na Austrália, na Rússia, aí é valido porque não tem como ir na Austrália constantemente.</p> <p>R15: Para iniciar um namoro, é mais fácil presencialmente.</p> <p>R16: É mais fácil. Acho que varia de como você conheceu a pessoa. Se foi a partir de um amigo, você já vai cara a cara pra conversar, mas se foi uma pessoa que você conheceu totalmente aleatória, viu ela na comunidade e falou “oi”, pela mídia social é mais fácil.</p> <p>R17: Ela se achava feia, não se achava aceitável. E a outra menina era menina popular da escola, e ela queria essa menina, queria ser ela. Pra galera me aceitar tenho que ser ela. Quando fui ver a garota falei ela: “cara, como tu se acha feia guria? Tu é mó bonita, gata, e você se acha feia? Se aceita, pó”. Hoje ela mora na Bahia e tal, fazendo medicina e teve um desenvolvimento impressionante, hoje se comunica muito mais do que se comunicava antes, mas não conseguia se aceitar, através da rede social conseguiu mascarar essa crise que tinha dentro dela.</p> <p>R18: Bom eu nunca namorei assim a distância, só presencial.</p> <p>R19: a interação, por exemplo, apresentamos nosso último trabalho de projeto 3 e nós usamos um ferramental que usa a interatividade do código, ela apresenta todo o fluxo o código e as pessoas tão ali alterando esse simultaneamente. O próprio google docs, que você está alterando o documento do world e o outro já está vendo, quer dizer que essa interação que tem nas ferramentas de trabalho é parecida para interações sociais. Por exemplo, a galera quer marcar um churrasco e coloca no google e passa as informações. Quer dizer é um meio pra você ter um fim melhor, que tipo</p>

assim, se você foca rede social só como fim é uma desvantagem, mas se usa como meio, aí sim.

R20: Essa questão de namorar ela acaba acontecendo você querendo ou não. Porque você manda um elogio, você comenta algo na foto que ela publicou no Facebook. Ali é um charlate, ali é um flerte, ali é um jeito de namorar, você está conquistando, não adianta. Porque o que acontece, pelo menos pra mim é assim, a rede social é boa pra se aproximar da pessoa, mas eu vou ver ela, mas não vou ver ela sempre, então por não vê ela sempre eu vou deixar de me comunicar com a pessoa.

R21: Eu também concordo com ele, porque pra conhecer e interagir pode ser, mas pra conhecer melhor tem que ser presencial. Para se aprofundar mesmo, tem que ser presencial.

R22: Também concordo com ele, pra marcar alguma coisa ou até por urgência, tipo eu quero falar com ela alguma coisa que tem que ser pra agora, mas se for uma coisa mais íntima, aí tem que ser presencial.

R23: Exato, o cara que brincava, que zuava, com as mesmas conversas. Porém, nas redes sociais eu conheci muito fake. A galera falava que era uma coisa, mas na vida real não era totalmente. Porque altera as identidades, se você começa a prestar atenção tem uma tendência de comportamento.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 7: Matricial das categorias de análise – Ferramentas tecnológicas

Categoria de Análise: FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS DE INTERAÇÃO SOCIAL

Descrição: Aprofundamento e tipo de conteúdos transacionados nas interações mediadas por computador.

Temas	Transcrições
Ferramentas tecnológicas	<p>R24: WhatsApp, Facebook, Messenger, Telegram, Instagram, Twitter. Snapchat</p> <p>R25: Uso demais. Whatsapp, grupos para fazer trabalhos fica mais fácil organizar, marcar um dia para vir aqui (faculdade) fica mais fácil.</p> <p>R26: É, mais antigamente acontecia também, com o MSN a gente usava a webcam, mas mesmo assim você não estava frente a frente com a pessoa.</p> <p>R27: Em grandes distâncias eu acho, por exemplo, uma pessoa que mora no Ceará ou no Rio e outra que mora aqui em Brasília para se comunicar pelo computador ou até pelo Skype, no caso é bem melhor porque não tem a possibilidade de ir lá, né? Em uma distância longa assim.</p> <p>R28: Foi uma experiência engraçada, porque assim, você olha por foto, você olha pelo Skype e ela parecia uma pessoa diferente. Ai quando você encontra pessoalmente, você diz: “caramba, vei ela é diferente.</p> <p>R29: Um assunto que eu acho que talvez seja relacionado a conhecer pessoas, e algo que acontece muito na atualidade, é conhecer pessoas através de jogo. Tem muita gente que se conhecem por causa de jogo, inclusive eu conheço pessoas que eu nunca vi na vida, que são amigos que tenho há tipo 10 anos.</p>

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 8: Matricial das categorias de análise – Tempo de conexão

Categorias de Análise: TEMPO DE CONEXÃO EM REDES SOCIAIS PARA INTERAÇÃO, NOS ESPAÇOS ACADÊMICOS E EM OUTROS ÂMBITOS SOCIAIS

Descrição: Tempo dedicado para conexão à rede mundial de computadores, considerando os diferentes contextos sociais dos acadêmicos participantes da pesquisa.

Temas	Transcrições
Tempo de conexão	<p>R30: Ah, o dia todo a gente faz isso também, né? No intervalo.</p> <p>R31: Eu uso mais ou menos umas 10 horas por dia. (Risadas).</p> <p>R32: Porque mesmo quando eu não, estou, de fato concentrado naquilo. Eu “to” em um canal de áudio conversando com alguém, enquanto faço outra coisa, então...</p> <p>R33: Sim, todo dia. Já está na rotina.</p> <p>R34: Você perde um pouco a noção, de quanto tempo tá passando enquanto você tá...</p> <p>R35: Sim. Então nesse caso eu acho mais fácil. Mas para um namorado ao vivo e todo dia, é melhor você conversar com a pessoa.</p> <p>R36: Eu acho que não uso muito não, assim se for no geral, umas duas horas porque normalmente trabalho muito, né?</p> <p>R37: Eu mexo muito. O computador mesmo eu uso mais pra faculdade. No geral é mais televisão e Netflix.</p>

Fonte: Dados da pesquisa.

CAPÍTULO V

6 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os dados gerados por meio da aplicação da técnica de pesquisa por grupo focal, como ainda se faz a sua discussão fundamentada no referencial teórico definido para este estudo, buscando a sua interpretação.

Aqui, espera-se alinhar os resultados alcançados com a teoria que fundamenta este estudo, com vistas à busca de justificativas teóricas que corroborem, ou não, com as perspectivas em pesquisa, considerando os conceitos de interação social cunhados por Thompson (1988), os quais sejam: “interação presencial”, (ii) “interação mediada” e (iii) “quase interação mediada”.

Os resultados foram organizados em categorias que passam a compor os tópicos deste capítulo.

O primeiro tópico apresenta os tipos de interações sociais utilizadas para relacionamentos entre os discentes, definidos pelo nível de uso da interação, ou seja, mediada por computador ou mediada presencial.

O segundo tópico aborda, em caso de preferência de interação mediada por computador, qual rede social seria a mais utilizada pelos atores.

O terceiro tópico relata os conteúdos transacionados nas interações sociais mediadas por computador.

O quarto tópico discute o tempo de conexão às redes sociais para interação, nos espaços acadêmicos e em outros âmbitos sociais.

Por fim, no último tópico, são discutidos os resultados apresentados com a devida fundamentação teórica, acerca da sociabilidade e identidade juvenil, de modo a dar sentido e significado aos dados gerados.

6.1 Tipos de interações sociais utilizadas pelos atores

A primeira categoria a ser analisada são os tipos de interações sociais, tendo em vista que, embora os pressupostos deste estudo coadunem com as considerações de Levy (1999), bem como Castells (1999), que apontam que as relações em redes constituem a sociedade e que a TIC é agente essencial neste processo, as respostas alcançadas, em sua maioria, durante aplicação do grupo focal, apontaram que, para o ambiente e público estudados, a interação presencial ainda supera aquela mediada por computador, no que diz respeito ao aprofundamento da interação.

Para caracterizar esta preferência pela interação presencial, quando se trata de relação mais aprofundada, apresentam as posições R20, R21 e R22.

R20: Essa questão de namorar ela acaba acontecendo você querendo ou não. Porque você manda um elogio, você comenta algo na foto que ela publicou no Facebook. Ali é um charlate, ali é um flerte, ali é um jeito de namorar, você está conquistando, não adianta. Porque o que acontece, pelo menos pra mim é assim, a rede social é boa pra se aproximar da pessoa, mas eu vou ver ela, mas não vou ver ela sempre, então por não vê ela sempre eu vou deixar de me comunicar com a pessoa.

R21: Eu também concordo com ele, porque pra conhecer e interagir pode ser, mas pra conhecer melhor tem que ser presencial. Para se aprofundar mesmo, tem que ser presencial.

R22: Também concordo com ele, pra marcar alguma coisa ou até por urgência, tipo eu quero falar com ela alguma coisa que tem que ser pra agora, mas se for uma coisa mais íntima, aí tem que ser presencial.

Esta constatação é sustentada por Goffman (2011) que aponta que a interação presencial permite maior aproximação das relações, tendo em vista o simbolismo, as expressões e os comportamentos dos atores sociais.

O avanço tecnológico e a configuração da sociedade do conhecimento parecem desafiar os meios tradicionais de interação social, estruturando novas formas de sociabilidades.

O ciberespaço toma, então, proporções que delimitam gerações e trazem a Internet como importante canal de comunicação e participação. Por outro lado, percebe-se uma dicotomia entre a hipótese de que os jovens em situação de graduação preferem estabelecer suas relações sociais aprofundadas preferencialmente pela interação presencial, segundo os dados revelados por esta pesquisa, e o fato do grupo focal da presente investigação ser constituído por

acadêmicos dos cursos de tecnologia. Os aspectos citados confirmam as apreensões de Goffman (1974) para indutor de interação.

Esta percepção parece, ainda, coadunar com a perspectiva de Thompson (1995), quando coloca que o interacionismo simbólico compreende práticas interacionais por experiências mediadas, visto que “os indivíduos são continuamente confrontados com novas possibilidades, seus horizontes estão continuamente se alargando, seus pontos simbólicos de referência estão continuamente mudando” (THOMPSON, 1995).

É oportuno ampliar a discussão, vez que, como aponta Simmel (2006), o contato social permite que o indivíduo exerça uma influência recíproca sobre o outro. Portanto, há uma troca de influências entre os atores sociais, quer seja por meio físico ou por meio digital, mas fica evidente que, como ressalta o autor, as interações sociais, em sua maioria, possuem um caráter conflituoso, pois são derivadas de interesses individuais, o que favorece a sociedade, pois, ao solucionar a situação conflituosa, por meio da negociação, há uma sofisticação do indivíduo como parte da uma unidade coletiva. Os conflitos existentes nas interações iniciadas no ambiente virtual são mitigados quando ocorre a interação presencial.

Isso é evidenciado pelo grupo social estudado, tendo em vista que a opção pela interação presencial se dá, muitas vezes, como forma de mediar conflito, já que a desconfiança com relação ao outro é uma constante nas relações mediadas por tecnologia, como evidenciam as respostas abaixo:

R2: Acho que cara é o jeito mais certo de falar, porque às vezes pelo Facebook você pode ser uma pessoa e cara a cara é outra.

R5: Cara a cara é mais certeza.

R11: [...] Várias vezes, os assuntos são mal interpretados pelo whatsapp, por que lá não tem o tom.

Por outro lado, alguns entrevistados expressaram que a interação mediada por computador é melhor, pois a conversa flui com mais facilidade, ao contrário da presencial.

Percebe-se que, independente do tipo de interação, há a sociabilidade, pois a forma constitui seu próprio conteúdo, com finalidade em si mesmo, conforme elucida Simmel (2006).

Os discentes se identificam como elemento de seu grupo social e o pertencimento ao grupo ocorre nas interações sociais, independentemente da forma como elas ocorrem, ou seja, de forma presencial ou a distância. Movidos por seus diversos interesses, os indivíduos pertencentes ao grupo social de alunos de cursos de tecnologia, da instituição estudada, apresentam, em suas falas, o sentimento e a satisfação de estarem socializados, o que demonstra a sociação, como definido por Simmel (2006), em qualquer meio de interação social.

Outro ponto importante a ser destacado é a compreensão da noção de face, como empréstimo e não uma característica intrínseca, unilateral e sem a concordância dos outros participantes na interação, como bem define Goffman (2014). O estudo demonstra que a opção pela interação presencial ocorre exatamente pela necessidade dos atores tomarem emprestada essa percepção sobre o outro, estreitando o relacionamento entre a face e a interação social, o que é evidenciado pela resposta R7 do grupo que “a mensagem não tem a expressão da pessoas”.

Como os interesses são diversos, os atores sociais utilizam estratégias diversas para que suas ações sejam bem sucedidas, especialmente quando há interesse sexual ou de namoro, como ficará demonstrado na discussão dos conteúdos transacionados, sendo que é possível iniciar a interação por meio virtual, mas os passos seguintes para sua concretização ocorrem na interação presencial.

É fundamental compreender as principais ferramentas tecnológicas utilizadas pelo grupo social, em suas interações sociais, o que se fará a seguir.

6.2 Ferramentas tecnológicas de interação social

Considerando as categorias de análise deste estudo, no que se referem ao nível de uso de redes sociais no ambiente acadêmico, todos os participantes do estudo têm acesso e usam sistematicamente as redes sociais virtuais, as quais sejam, de forma predominante, o Facebook e o Instagram.

Ainda, o aplicativo de mensagens Whatsapp tem predominância em seu uso pelo grupo social, sendo citado 51 vezes durante a realização do grupo focal, sendo um instrumento muito usual dos atores envolvidos.

Por outro lado, há o uso dos espaços colaborativos acadêmicos do Centro Universitário, como blog de turma e Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Ainda assim, considerando os resultados do grupo focal, para o grupo estudado, as redes sociais virtuais não parecem ser o principal meio de interação para os participantes da pesquisa. Outros tipos de ferramentas tecnológicas são adotados pelos participantes deste estudo, tais como narrados por R24 e R28, além de R29.

R24: WhatsApp, Facebook, Messenger, Telegram, Instagram, Twitter, Snapchat

R28: Foi uma experiência engraçada, porque assim, você olha por foto, você olha pelo Skype e ela parecia uma pessoa diferente. Ai quando você encontra pessoalmente, você diz: “caramba, vei ela é diferente.

R29: Um assunto que eu acho que talvez seja relacionado a conhecer pessoas, e algo que acontece muito na atualidade, é conhecer pessoas através de jogo. Tem muita gente que se conhecem por causa de jogo, inclusive eu conheço pessoas que eu nunca vi na vida, que são amigos que tenho há tipo 10 anos.

É preciso observar que as relações sociais ganharam uma dimensão diferente com o advento da tecnologia da informação, partindo-se da premissa de que o palco onde se desenrolam as relações sociais pode ser chamado de território. Pergunta-se: Hoje, com esta forte tendência das relações sociais acontecerem no cyberspaço, nas redes sociais virtuais, qual é a relação entre os discentes da instituição de ensino e o espaço onde acontecem as suas interações sociais? Antes de enveredar pelos conceitos de cyberspaço e cyberterritório, é preciso trazer para o contexto a definição de relação social de Weber (2000).

Nota-se que a definição de Weber dialoga com Levy, pois o uso do cyberspaço como ferramenta que possibilita as relações sociais é perfeitamente utilizável. Segundo Levy (1999), o cyberspaço é um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias de computadores.

As redes sociais virtuais, para este estudo, apresentaram elementos de ressignificação. Ora, se temos plataformas virtuais como canais (meios) de interação, em algum momento, o público estudado as considera como ambiente de interação. Tal especulação vai ao encontro do resultado deste estudo que apontou que uma das redes sociais dos participantes da pesquisa são os jogos *on-line*. Considerando que os jogos *on-line* são ambientes de imersão e que a interação se dá pela apropriação de uma persona – uma personagem virtual – cabe compreender como os estudantes se reconhecem neste processo de interação.

É imprescindível, também, compreender a pós-modernidade, com veloz expressão comunicativa. A fluidez e a mobilidade dos fluxos humanos permitem que o jovem interaja socialmente de forma menos reprimida em seu grupo social do que no meio familiar, como observa Marques (1996). A sua identificação, compreensão e aceitação pelo grupo legitimam o seu próprio sentimento e visão de mundo.

Dessa forma, a interação mediada por tecnologia possibilita vários instrumentos de comunicação, sendo utilizados conforme o interesse da pessoa no ato da interação, podendo ser de ordem pessoal, profissional, estudantil ou sexual. Por frequência de uso, as ferramentas mais usuais são: o WhatsApp, Facebook, Tinder, Instagram, Twitter, Messenger.

Para uma interpretação das interações sociais existentes no grupo social pesquisado, é necessário identificar e compreender os conteúdos que são transacionados nas interações mediadas por computador, vez que, como emergem nas respostas, as interações sociais, normalmente, se iniciam no ambiente digital para se concretizar na forma presencial.

6.3 Conteúdos transacionados nas interações mediadas por computador

No que se refere à estrutura social, está pode parecer inalterada, muito embora o grupo pesquisado não se apresente e se caracterize diretamente nas primeiras interações sociais. Ou seja, como para Giddens (2005), a estrutura social não consiste apenas em conjuntos aleatórios de eventos ou ações; existem estruturas que regularizam os comportamentos e são reestruturadas a todo o momento. Nesse sentido, para este estudo, a interação mediada por computador pode até reestruturar o comportamento dos participantes da pesquisa, mas não parece ser determinante para isto.

Considerar as relações sociais configuradas pela pluralidade dos agentes (WEBER, 2000) implica em dizer que os resultados deste estudo possam diferir do que é esperado pelo senso comum. Algumas narrativas presentes no processo de grupo focal apontam para considerações que fogem do senso comum; isso, em decorrência da resposta consensual de que o grupo estudado tem preferência pela interação presencial, mesmo sendo um grupo jovem com forte conhecimento em TIC,

porque a mediação por computador, para eles, parece superficial, principalmente, nos primeiros contatos.

Entretanto, para interações mais aprofundadas, ou específicas – como relacionamento, por exemplo – as aplicações tecnológicas são utilizadas por facilitarem o processo de interação. A própria elaboração – ou reelaboração – do modo de pensar e agir, assim como apontou Levy (2004), pode explicar tal aderência às TICs para facilitar a interação em determinadas circunstâncias sociais. Trata-se de novas experiências que influenciam e são influenciadas pelo meio tecnológico.

Como Simmel (2006) aponta, a própria tecnologia não é social, vez que ocorre a sociação exatamente quando os indivíduos isolados são transformados em um conjunto de seres que se relacionam com e para o outro. Estas relações necessitam de um conteúdo oriundo de seus interesses que podem ser “sensuais ou ideias, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou tecnológicos” (SIMMEL, 1993, p. 166).

Os conteúdos transacionados entre os atores sociais definem a sua identidade cultural, como apresentado por Hall (2006), em que configura o sentimento de pertencimento a culturas, sendo que a cultura é o resultante da criação humana (CAMARGO, 2016).

O grupo focal evidenciou que os atores sociais utilizam a interação mediada por tecnologia essencialmente para: i) interesse sensual; ii) desenvolvimento de produto tecnológico; e iii) trabalho acadêmico.

Portanto, os conteúdos transacionados objetivam essencialmente namoro ou algum tipo de trabalho a distância, mas em menor grau. As respostas abaixo evidenciam essa percepção.

a) Interesse sensual

R13: [...] Teve uma garota que eu me aproximei...

R15: Para iniciar um namoro.

R20: Essa questão de namorar ela (sic) acaba acontecendo você querendo ou não...

b) Trabalho a distância

R14: [...] no desenvolvimento de um aplicativo que tem na Austrália, Rússia...

c) Trabalho acadêmico

R19: [...] apresentamos nosso último trabalho de projeto 3 e nós usamos um ferramental que usa a interatividade do código...

Além disso, observa-se que as interações sociais, por meio de tecnologia, também são calcadas em mentiras e zombarias, gerando desconfiança, como apontado anteriormente, havendo uma deturpação da sua identidade social real, como evidenciado na resposta abaixo:

- [...] O cara que brincava, que zuava, com as mesmas conversas. Porém, nas redes sociais eu conheci ele muito fake [...] porque altera as identidades ...

Isso coaduna com Recuero (2010) que afirma que os atores sociais podem acreditar em informações falsas, com juízos de valor nem sempre verdadeiros. Esse é o maior desafio das redes sociais, que não sofrem limitação de tempo e espaço, rompem fronteiras e podem provocar a falsificação das identidades sociais.

Vale ressaltar que a rede, como destaca Castells (1999), que permite a socialização e sociabilidade definida por Simmel, impacta na reconfiguração dos grupos sociais, passando de uma configuração de massa para uma segmentada, com pequenos grupos com interesses diversos. Neste estudo, há a constatação que o grupo de discentes possui interesses fragmentados, quer seja de ordem sensual, profissional ou acadêmica. Mas, a interação social existente entre eles mantém a sua socialização, mesmo que, muitas vezes, a desconfiança do meio virtual leve à interação social presencial.

6.4 Tempo de conexão em redes sociais para interação, nos espaços acadêmicos e em outros âmbitos sociais

Considerando as inferências resultantes da análise de conteúdo, observa-se que os respondentes permanecem, de forma geral, a maior parte do dia, conectados à Internet por meio de dispositivos de tecnologia da informação e comunicação. Tal constatação pode ser retratada pelos R31, R32 e R35:

R31: Porque mesmo quando eu não, estou, de fato concentrado naquilo. Eu "to" em um canal de áudio conversando com alguém, enquanto faço outra coisa, então...

R32: Sim, todo dia. Já está na rotina.

R35: Eu acho que não uso muito não, assim se for no geral, umas duas horas porque normalmente trabalho muito, né?

Destaca-se a utilização de jogos *on-line* para a interação social entre os jogadores, considerando, inclusive, novas formas de representação social, quando se propõe o uso de personagens para a atuação nos jogos. Neste caso, configura a *persona*, como definida por Gonçalves (1999), que é a identidade de papel, evocando a expor os elementos de subjetividade e ocultação de outros elementos (MAFFESOLI, 2000).

Percebe-se que a sociabilidade também possui uma dimensão virtual, transcendendo o tempo e o espaço, como alerta Castells (2008). Pode-se observar esta questão na resposta do grupo focal ao apontar que, mesmo a interação social realizada em que um dos atores sociais está desconectado, ela será estendida até o momento em que ele se conecta para interagir. Isso, ainda, possibilita a reflexão acerca da interação, favorecendo a ponderação e a assertividade da resposta.

R8: Na rede social é mais fácil porque você fala com a pessoa, manda a mensagem, aí ela fala alguma coisa e você olha assim e tem tempo para você responder, pensar em alguma coisa melhor.

Essa forma assíncrona de interagir rompe a necessidade de interação em tempo real e no mesmo espaço físico, sendo mantida a sociabilidade por meio da interação social mediada por tecnologia.

6.5 Considerações acerca da sociabilidade e identidade juvenil identificadas

De forma geral, os resultados revelam que, para o grupo estudado, a representação do indivíduo permanece a mesma, sendo ela a interação presencial ou a mediada por computador.

Tal constatação vai ao encontro das perspectivas de Goffman (2002), quando afirma que a representação do indivíduo se caracteriza pela sua presença, pelos componentes do grupo social e pelo ambiente em que se encontram. Ou seja, tanto a interação presencial quanto aquela mediada por computador podem sofrer influências do ambiente. Mas, a representação do outro pode permanecer a mesma.

Pela perspectiva de Bauman (2005), a identidade cultural não se vincula somente a um conjunto de valores, como: a música, a culinária, ao modo de se vestir, a religião e as tradições, para caracterizar um indivíduo ou grupo social que ele pertença.

Sobre a sociabilidade e identidade juvenil, percebe-se que, assim como Silva (2010), as tecnologias da informação e de comunicação alteram o cotidiano das pessoas, com especial enfoque no universo juvenil.

Busca-se, então, refletir sobre a importância dos espaços virtuais para a construção das sociabilidades dos jovens, que exploram outras formas de comunicação e participação, que passam a se comportar também em comunidades virtuais e que atribuem a estruturação e sedimentação das comunidades face-a-face.

Por outro lado, as redes sociais virtuais não pareceram determinantes para a configuração da interação dos respondentes deste estudo, muito embora sejam agentes atuantes em universo tecnológico, seja na academia ou em outros âmbitos sociais.

O grupo estudado se caracteriza como uma tribo urbana, assim conceituada por Maffesoli (2000), pois possuem uma identificação comum. Há rituais e estilo de vida bem definido, percebendo os mesmos gostos e forma de agir, tanto cultural ou socialmente. São jovens conectados a novas tecnologias, que interagem por meio de redes sociais e que consomem produtos culturais e de lazer típicos do espaço-tempo em que vivem.

O que se destaca como resultado da pesquisa é que, mesmo com uma identidade social que se configura condizente com a fluidez da pós-modernidade apontada por Bauman (1999), o grupo social estudado surpreende com a preferência por interação social presencial. Ora, esperava-se uma opção por interações virtuais, tendo em vista o consumo diário elevado de internet, pois eles estão conectados a maior parte do dia.

Fica também bastante evidente que há uma desconfiança das personas apresentadas no meio virtual, sendo necessária a confirmação da identidade social do indivíduo com o encontro físico, em que a interação presencial permite a confirmação presencial do conceito de fachada apresentado por Goffman (2011), que somente é percebido no contato particular. As fachadas criadas pelos atores são resultado da interação social.

A cultura digital está presente e é marcante no grupo pesquisado. Todavia, ela é mesclada, principalmente quando há interesses sensuais ou eróticos pela confirmação física da identidade e persona criada virtualmente.

A rede transcende tempo e espaço, como afirmado por Castells (1999), sendo o símbolo da pós-modernidade. O grupo demonstra que o uso das redes sociais é uma prática constante e sem possibilidade de rompimento, o que, de fato, pode ser uma tendência ao infinito, conforme discute Acioli (2007). A rede social comporia, então, a sua identidade social? Alunos de tecnologia seriam usuários incansáveis de redes sociais? O uso das redes sociais seria para qualquer propósito? Estas questões norteiam de forma mais ampla o debate.

A pesquisa aponta que a rede social não se encerra em si mesma. Ela transaciona conteúdos de cunho pessoal, profissional e acadêmico, mas precisa da chancela da interação social presencial para alguns conteúdos, especialmente os de ordem sensual ou erótica. Apesar do uso constante das redes sociais, ainda há a valorização do contato pessoal, ocorrendo até uma percepção pessimista de uso, como na R11:

Muitas vezes, estou brincando ali e a pessoa está tipo: “nossa está falando sério”, então eu fico: “meu deus do céu, vou ter que me retratar por tudo? Complicado demais, prefiro a comunicação presencial, deixa as pessoas mais próximas. Eu penso que, é uma coisa que até já escrevi uma vez, a comunicação por redes sociais apesar de ter o objetivo da globalização de aproximar mais a as pessoas, na verdade está distanciando mais elas. Enquanto você está lá mexendo no celular, você poderia estar conversando, falando sobre seu dia. Eu penso que ela ao mesmo tempo que vem pra ajudar, também atrapalha.

Portanto, a identidade social destes jovens universitários está em construção, não sendo possível afirmar, no momento, que são seres digital, imersos completamente na cultural digital, apresentada por Castells (2008). Há uma mente coletiva composta por um conjunto de cérebros, que se relacionam no meio virtual, mas que ainda precisam do processo de interação presencial para fortalecer os laços e o vínculo entre os nós da rede.

Balestro (2004) aponta a rede como acesso ao conhecimento. Sem dúvida, o estudo aduz a esta constatação, pois há conteúdos transacionados com o propósito de desenvolvimento de conhecimento e produtos tecnológicos, como também para troca e interação entre os alunos para realização de atividades acadêmicas, sendo que a mediação pelas redes sociais favorece a interação entre os indivíduos e dá maior fluidez à realização das ações necessárias para o atingimento coletivo dos objetivos acadêmicos.

Por fim, fica claro que existe, entre os jovens universitários, o uso de diversas ferramentas tecnológicas de interação, sendo, inclusive, a sua popularidade bastante flexível, com modismo no uso e com propósitos bastante diversos. Aplicativo de namoro, como o *Tinder*, é bastante usado, mas sempre com muita desconfiança da persona virtual, devendo ser verificado no encontro *in loco* a real identidade social da pessoa. Um aplicativo que se destaca é o *WhatsApp* que é bastante popular pela fácil interação com troca de mensagens, áudios e vídeos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi observar como se dá a interação presencial e a mediada por computador em um ambiente educacional, considerando um grupo formado por acadêmicos de cursos superiores da área de TIC.

Para tanto, desenhou-se uma trajetória metodológica qualitativa que contou com a aplicação da técnica de grupo focal, de modo a apreender as considerações subjetivas sobre preferência e comportamento em interação social presencial e mediada por computador do grupo estudado.

Os participantes da pesquisa compunham um grupo de acadêmicos dos cursos de graduação nas áreas e tecnologia de uma Instituição de Educação Superior Privada de Brasília.

Os resultados revelaram que, para o grupo estudado, a interação mediada por dispositivos de TIC ainda é preponderante, pelo menos para aproximações iniciais. Quando se especificam os tipos de relações, como as amorosas, por exemplo, as aplicações tecnológicas contribuem para o aprofundamento das relações. Mesmo assim, de forma específica, a interação presencial é de preferência dos participantes da pesquisa.

Outra constatação interessante é o uso de jogos *on-line* como redes sociais, visto que este tipo de recurso demanda posicionamentos interativos distintos, como imersão em ambientes virtuais e atuação com personagens específicos. Assim, para trabalhos futuros, sugere-se o aprofundamento deste tema, visto as peculiaridades de interação em ambientes simulados que podem influenciar no comportamento dos participantes.

Os resultados evidenciam uma questão central que é a necessidade de mesclar a interação social mediada por tecnologia com a interação presencial, vez que para estreitar as relações e construir confiança entre os atores sociais ainda é necessário o encontro presencial.

No meio virtual, constrói-se uma persona, como aponta Maffesoli (2000), que pode representar uma identidade social do indivíduo no grupo que pertence. Todavia, essa persona pode se configurar em uma elaboração falsa, sendo, de fato, um enredo

imaginário (GONÇALVES, 1999), com a ocultação de elementos da subjetividade da pessoa.

Seria esta dicotomia uma crise de identidade dos estudantes pesquisados no seu grupo social? Ela estaria, de acordo com Hall (2006), perdendo o seu sentido de si estável, ocorrendo o duplo deslocamento ou a própria descentralização do sujeito? Sem dúvida, há uma descentralização deste indivíduo, do seu lugar no mundo social de si mesmo. Ele está pressionado por ser aceito no grupo, por interagir virtualmente, mesmo que de forma superficial e efêmera, além de ter que estar constantemente conectado para construir a sua própria identidade social.

Entretanto, por outro lado, ele sabe que muitas interações sociais virtuais são realizadas com personas construídas de forma idealizada, que não sobrevivem no meio social real. Assim, ele se vê forçado a buscar a confirmação da identidade da persona criada no meio digital, o que somente é possível na interação social presencial. Contraditório, mas evidenciado na pesquisa.

Esse é o universo psicológico deste grupo, bem como a sua construção como ator social no mundo pós-moderno. É fundada na tecnologia como ferramenta de interação social, mas apenas inicial, sendo necessário um segundo nível de interação, mais profunda, que é a presencial. Esse sujeito sociológico está envolvido na complexidade da pós-modernidade e não tem uma identidade fixa ou permanente. Ele é fluído, fragmentado e se transforma constantemente, sendo impactado diuturnamente pelos sistemas sociais que o cercam.

Em outro diapasão, a pesquisa revela também que há uma preocupação deste grupo social com notícias falsas, perfis fictícios em redes sociais, dissimulação e uso indevido das ferramentas tecnológicas de interação, sendo este um grande problema social da humanidade em tempos hodiernos. A necessidade de filtros adequados e de certeza das identidades das personas parece contribuir para a preferência por interações sociais presenciais.

Essas são as considerações desta pesquisa. Mas, o tema não se encerra em si mesmo, vez que ainda existem lacunas a serem preenchidas por novos estudos, especialmente se realmente há uma crise identitárias dos jovens universitários, quais sejam suas causas e consequências.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Sonia. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. **Informação & Informação**, Londrina, v.12, n. esp., 2007.

BALESTRO, M. V.; ANTUNES JUNIOR, J. A.V, LOPES, M.C.; PELLEGRIN, I. A Experiência da Rede Petros-RS: uma estratégia para o desenvolvimento das capacidades dinâmicas. **Revista de Administração Contemporânea**, Edição Especial, 2004.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Vidas desperdiçadas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-graduados em Sociologia Política**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.68-80, 02 jan. 2005. Semestral. Disponível em: <HTTP://www.ufsc.br>. Acesso em: 15 nov. 2017.

BOYD, Danah. (b) **Social Network Sites**: public, private, or what? Knowledge Tree 13, May. 2007. Disponível em: <http://www.danah.org/papers/KnowledgeTree.pdf>. Acessado em: jul. 2017.

_____. Social network sites as networked publics: affordances, dynamics, and implications. In: **Networked self: identity, community, and culture on social network sites** (ed. Zizi Papacharissi), 2010, p. 39-58.

_____. GOLDER, S., LOTAN, G. Tweet, tweet, retweet: conversational aspects of retweeting on twitter. **Proceedings of HICSS-43**. IEEE:. January 5-8, 2010.

CAMARGO, Orson. Cultura. **Brasil Escola**. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cultura-1.htm>. Acesso em: 04 de jul. 2016.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARVALHO JUNIOR, José Murilo. Por uma cultura digital participativa. In: SAVAZONI, Rodrigo (org); COHN, Sérgio (org). **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/documents/10877/0/cultura-digital-br+2.pdf/9d6734d4-d2d9-4249-8bf5-d158d019ba6d>. Acesso em: 21 maio 2016.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. A ação em rede na implementação de políticas e programas sociais públicos. **Rede de Informações do Terceiro setor**, Rio de Janeiro, abr. 2003. Disponível em: <http:// http://www.lasociedadcivil.org/wp-content/uploads/2014/11/a_ao_em_rede_na_implementao.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. Creativity, Innovation and Digital Culture.: A Map of Interactions. **Telos: Cadernos de Comunicação e Inovação**, Madri, v. 77, 01 out. 2008. Trimestral.

Disponível em: <<https://telos.fundaciontelefonica.com/telos/arTICsulocuaderno.asp@i darTICsulo=3.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHEPE, Lucélia Moreira; ADAMATT, Diana Francisca. Estudo sobre interação de idosos em Redes Sociais Digitais. **Informática na Educação: teoria e prática**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p.177-198, jul. 2015. Semestral.

COULON, A. **A escola de Chicago**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

COSTA, Larissa et al. **Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização**. Brasília: WWF-brasil, 2003.

CRESWEL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Leandro Lima da. **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

DUBAR, Claude. **Socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ELLISON, N., STEINFELD & LAMPE, C. The Benefits of Facebook “Friends:” social capital and college students’ use of online social network sites. **Journal of Computer Mediated Communication**, Volume 12, Issue 4, pages 1143–1168, July 2007.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

FONTES, Breno. **Tecendo redes, suportando o sofrimento: sobre os círculos sociais da loucura**. Sociologias, [s.l.], v. 16, n. 37, p.112-143, dez. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/15174522-016003705>> Acesso em: 12 jul. 2014.

IERVOLINO, SA.; PELICIONI, MCF. **A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde**. Rev Esc Enf USP, v. 35, n.2, p.115-21, jun, 2001.

GDF. CEDEPLAN. Pesquisa distrital por amostra de domicílios do Distrito Federal (PDAD/DF) 2015/2016 Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2016/PDAD_Taguatinga_.pdf>. Acesso em: ago. 2016.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento presencial. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

_____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural da pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2006.

KUROSE, James F.; ROSS, Keeith W. **Redes de computador e a internet**: uma abordagem top-down. 6. ed. São Paulo: Pearson Education, 2013.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2004.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MARQUES, J. (1996). Estilos de relações interpessoais na adolescência. Porto Alegre, **Psico**, 27, (1), 23-27. Pesquisa Brasileira de mídia 2015. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: jul. 2017.

PERES, Fabio de Faria et al. **A sensibilidade de Simmel**: notas e contribuições ao estudo das emoções. RBSE 10 (28): 93-120, ISSN 1676-8965, abril de 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Ciber. Cultura).

_____. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. Contribuições da análise de redes sociais para o estudo das redes sociais na internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Revista Fronteiras** (Online): Vol. 16, p.1, 2014. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/fronteirasrecuero2014.pdf>>. Acesso em: jun. 2016.

SIMMEL, G., A natureza sociológica do conflito, in Moraes Filho, Evaristo (org.), **Simmel**. São Paulo, Ática, 1983.

_____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

UNGAR, M. T. (2000). The myth of peer pressure. **Adolescence**, 35 (137), 167-180.

VIZER, Eduardo Andrés. **A trama (In) visível da vida social: comunicação, sentido e realidade**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4. ed. Brasília: Unb, 2000.

APÊNDICE I - Degravação do grupo focal

Gravação 4

Professor: Bom dia, estamos iniciando a gravação do primeiro grupo focal da dissertação de mestrado.

Professor: Como vocês interpretam a interação social entre vocês? Fazem mais utilizando a rede social ou fazem falando um com o outro, ou seja, cara a cara?

Resposta 1: Mais cara a cara, eu prefiro principalmente cara a cara do que pela internet.

Resposta 2: Acho que cara a cara é o jeito mais certo de falar, porque às vezes pelo Facebook você pode ser uma pessoa e cara a cara é outra.

Resposta 3: Tem gente também que tem dificuldade de falar cara a cara e prefere usar as redes sociais. Pode ficar mais à vontade para falar e pode ser mais tímido cara a cara, daí pode se soltar mais pelas redes sociais.

Resposta 4: Mas quando você conhece a pessoa via rede social para poder conversar cara a cara já é mais difícil. Eu mesmo já tive alguns casos que fui conhecer a pessoa na rede social só que cara a cara a gente falava só “oi” e nada mais, só que na Internet a gente conversa...

Professor: Por que você acha que teve essa dificuldade na hora que você foi fazer a interação cara a cara?

Resposta 1: Porque você está acostumado a conversar com a pessoa só virtualmente, então você imagina que a pessoa é de um jeito. Só que quando você vai ao cara a cara, você também fica com vergonha da pessoa achar que você não é daquele jeito que você falou que era. Às vezes acontece.

Professor: Então você usou na rede social características que não são características suas na presencial?

Resposta 1: Não, usei a mesma característica, só que mesmo assim a gente fica meio apreensivo.

Professor: Você não dá nenhuma melhorada?

Resposta 1: Isso há um tempo atrás. Hoje em dia sou mais cara a cara mesmo.

Professor: Você já fala o que você é.

Resposta 1: É, eu já falo normal.

Resposta 2: Eu sou um pouco semelhante a ele. Quando eu não conheço a pessoa, acho mais fácil conversar pela mídia por causa da timidez. Só que com amigos meus eu prefiro cara a cara. Só que mesmo assim eu uso mais mídia por causa de distância, dificuldade de estar junto das pessoas para isso. E com a mídia, cada um na sua casa e a gente consegue se comunicar todo dia.

Resposta 3: Acho que é o gênero né. Homem com homem tanto faz, a gente conversa tanto em rede social quanto.... Agora quando é com mulher, ai já....

Professor: Como é quando é com mulher? Qual a diferença que tem?

Resposta 1: Não, porque homem você conversa pela rede social, você conversa na vida normal. Agora se você está conversando com a menina, querendo sair ou alguma coisa, ai quando é cara a cara você já fica mais apreensivo, fica com medo de dar errado.

Professor: Para começar o namoro é melhor fazer o contato pela rede social?

Resposta 1: Para começar é melhor pela rede social, para conhecer um pouco da pessoa antes de chegar cara a cara.

Professor: É mais fácil?

Resposta 1: É mais fácil. Acho que varia de como você conheceu a pessoa. Se foi a partir de um amigo, você já vai cara a cara pra conversar, mas se foi uma pessoa que você conheceu totalmente aleatória, viu ela na comunidade e falou "oi", pela mídia social é mais fácil.

Professor: O que vocês acham que é mais fácil? Pela rede social ou cara a cara?

Resposta 1: Eu acho na rede social.

Resposta 2: Na rede social é mais fácil porque você fala com a pessoa, manda a mensagem, aí ela fala alguma coisa e você olha assim e tem tempo para você responder, pensar em alguma coisa melhor.

Professor: Então você elabora mais o que vai falar?

Resposta 1: É, cara a cara você tem que (inaudível).

Professor: E como é em termos de emoção? De perceber o sentimento da outra pessoa, a emoção? Você sente a diferença cara a cara e...

Resposta 1: Cara a cara é mais certeza.

Resposta 2: Às vezes a pessoa está falando uma coisa tranquila e quando você vai ler você está achando que ela está falando errado com você. No Facebook a gente discute às vezes porque você acha que está falando normal com a pessoa e a pessoa está achando que você está com raiva dela, do jeito que você escreveu.... Se colocar em caixa alta já era...

Resposta 3: A mensagem não tem a expressão da pessoa.

Professor: Então no cara a cara você tem a expressão de cada um.

Resposta: Sim.

Professora: Só uma pergunta, imagina que vocês conhecem uma garota aqui na faculdade, sua colega de sala. Vocês ficariam assim por ela, e aí? Inicialmente o primeiro contato é físico, ela está na sua sala, mas você está interessado nela. Como você vai fazer essa ponte para se aproximar dela?

Resposta 1: Sem conhecer ela?

Professora: Isso, você olhou, gostou, mas vocês não se conhecem. Como você vai se aproximar dela?

Resposta1: Entrar em um grupo de trabalho ... (inaudível).

Resposta 2: Pode acontecer de pessoalmente, na sala você puxar um assunto para falar sobre matéria ou **Professor** e posteriormente pela mídia social você começar realmente o que você queria.

Resposta 3: Tem até mulheres que falam “ah na rede social você fala comigo, mas chega na rua, na escola...”

Professora: Então vai fazer parte dessa geração em algum momento vocês solicitarem o Facebook dessa garota e aí vocês vão se aprofundar nesse possível relacionamento pela rede social.

Resposta 1: Sim.

Professora: Vocês investigariam a vida dela? Olhariam fotos, amigos, endereço?

Resposta 1: Sim, acho que todo mundo faz isso.

Resposta 2: A primeira coisa que acontece é saber se tem namorado ou não.

Resposta 3: Ver se tem amigo em comum.

Professor: Deixa eu perguntar uma coisa: E com os colegas e as colegas da faculdade, vocês usam a rede social ou fazem só interação presencial?

Resposta 1: Uso demais. WhatsApp, grupos para fazer trabalhos fica mais fácil organizar, marcar um dia para vir aqui (faculdade) fica mais fácil.

Já teve alguma vez confusão pela interpretação errada do que você botaram na rede social? De vocês colocarem um negócio e a pessoa achar que é outro...

Resposta 1: No geral ou na faculdade?

Professor: No geral

Resposta 1: no geral sim, mas na faculdade é porque é mais formal né.

Professor: Com os colegas da faculdade vocês são mais formais.

Resposta: Isso. Já aconteceu de colocar uma letra de música, a pessoa achar que é uma indireta para ela e aí começa a conversa.

Professor: E na opinião de vocês, vocês viveriam sem a rede social para se comunicar?

Resposta 1: Sim, acho que sim.

Resposta 2: Seria mais difícil aumentar o ciclo social, mas é possível.

Professor: Porque por exemplo na minha época não tinha rede social e a gente se relacionava igual.

Resposta 1: Se é uma pessoa que sabe lidar muito com as outras pessoas acho que não seria problema não, agora para quem tem mais dificuldade, ai já...

Professor: Então essa interação mediada pelo computador facilita para quem é tímido, por exemplo. Facilita a pessoa se abrir mais.

Resposta 1: Eu acho que mesmo pra quem é extrovertido, aumenta o ciclo social dela.

Professor: O que vocês acham que essa interação pelo computador permitem que vocês com mais facilidade, se abram mais?

Resposta 1: Porque a gente não está próxima da pessoa, né. Tá distante, ai você se sente mais confortável.

Professor: Quer dizer, você não estando olhando para a pessoa, você se sente mais à vontade?

Resposta 1: Depende da pessoa, né? Se for uma pessoa que eu já conheço não tem problema nenhum, agora se é quando estou conhecendo a pessoa, me sinto mais à vontade no início falando na internet.

Professor: Você tem a sensação de que o computador a escondendo você, é isso?

Resposta 1: Não, você tem mais tempo para pensar no que responder.

Professor: Sim, mas de qualquer forma essa intermediação pessoa-computador-pessoa, você se sente mais seguro? Do que você estar pessoa-pessoa. É isso?

Resposta 1: Sim, você se sente mais seguro.

Professor: E se for pelo Skype? Videochamada.

Resposta 1: é, mais antigamente acontecia também, com o MSN a gente usava a webcam, mas mesmo assim você não estava frente a frente com a pessoa.

Professor: Quer dizer que mesmo usando vídeo, você fica mais seguro usando o computador.

Resposta 1: Eu tinha uma namorada que eu conheci ela por uma amiga minha, então eu comecei falando pelo celular. Ai foi falando, falando, daí quando conheci ela bem melhor a gente alguns dias conversávamos pelo Skype também tranquilamente, sem nenhum problema.

Professor: Tá, mas eu falo assim, uma coisa é você estar teclando com a pessoa lá no chat, outra coisa é se você tiver uma Videochamada. Aí eu pergunto: Se for uma Videochamada, ou seja, você está vendo a outra pessoa do outro lado. Você se sente diferente do que se tivesse presencial? O que vocês acham?

Resposta 1: Eu acho que com a câmera é mais semelhante ao presencial.

Professor: Você consegue perceber as expressões?

Resposta 1: Um pouco mais.

Professor: Então na opinião de vocês, usando a câmera é praticamente igual a presencial? Ou não?

Resposta 1: Igual não é, mas é o mais próximo.

Resposta 2: Qualquer coisa você pode pausar, falar que parou de funcionar. (risos)

Professor: Ai você tem esse recurso pra ajudar nessa interação, né? Da uma pausada, se caiu a luz, volta de novo.

Resposta 1: Acontece.

Professor: Me fala quais são os aplicativos que vocês usam para a interação social.

Resposta 1: WhatsApp, Facebook, Messenger, Telegram, Instagram, Twitter.

Professor: Tinder da vida, não tem também? Gente, eu estou fora do mercado há muito tempo, essa parte de aplicativos eu não conheço, vocês podem falar.

Resposta 1: Tem o Discord.

Professor: Esse é pra que?

Resposta 1: Canal de voz e mensagem. Tem o Snapchat, que é de vídeos rápidos.

Professor: E apaga... E aquele negócio de deu match? Vocês não conhecem?

Resposta 1: Conheço, mas não uso

Professor: Qual é então?

Resposta 1: Snapchat

Professor: Snapchat, aquele negócio de match?

Resposta 1: Não, o Tinder.

Professor: Vocês querem falar mais alguma coisa? Pode falar à vontade. Estamos aqui pra gente bater papo. Veja bem, vocês devem ter a idade dos meus filhos mais ou menos. E apesar de eu estar estudando, não posso botar um tinder no meu celular, se não minha mulher me mata. Mesmo se eu falar que é pra pesquisa, não posso.

Resposta1: Ainda mais Tinder que é o mais cabuloso.

Resposta 2: Um assunto que eu acho que talvez seja relacionado a conhecer pessoas, e algo que acontece muito na atualidade, é conhecer pessoas através de jogo. Tem muitas gente que se conhecem por causa de jogo, inclusive eu conheço pessoas que eu nunca vi na vida, que são amigos que tenho há tipo 10 anos.

Professor: Então o jogo está sendo usado também como uma ferramenta de interação

Resposta: Sim.

Professor: Isso é interessante, conta mais um pouco pra gente sobre isso

Resposta 1: Tem como jogar com voz também, você vai jogando e falando.

Resposta 2: Sim, várias ferramentas.

Professor: E aí vocês marcam o encontro presencial depois para se conhecer?

Resposta 1: as vezes tem eventos assim...

Resposta 2: Eu tenho amigos que eu conheci ano passado, que eu tinha conhecido há uns 3 anos atrás jogando e no ano passado conheci eles pessoalmente.

Professor: E aí, teve alguma diferença?

Resposta 1: Com eles não, porque eu jogava há tanto tempo com eles que a gente já se conhecia bastante. Mas eu tenho amigos que jogo vez ou outra, que eu acredito que pessoalmente eu não estaria com tanta afinidade quanto eu estou por causa do jogo.

Professor: E ninguém aqui usa perfil fake?

Resposta 1: Eu já namorei uma menina que o perfil dela era fake no Orkut.

Professor: E aí, como foi? Quando você viu ela cara a cara?

Resposta 1: Ela era bonita também, mas ela usava uma outra foto.

Professor: E como foi quando você foi namorar ela?

Resposta 1: Não, ela era de outro estado.

Professor: Ah, então você não viu ela pessoalmente?

Resposta 1: Depois a gente começou a conversar por MSN que tinha a web cam e aí a gente namorou um tempinho pela internet.

Professor: Mas só namorou pela internet? Não teve nenhum contato físico?

Resposta 1: Não, era muito longe.

Professor: O que vocês acham que muda no geral na nossa interação quando a gente começa a usar esses meios? Igual o **Professor** Luiz falou, há um tempo atrás a gente

só se comunicava pessoalmente, por telefone e por carta que também era um tempo demorado. Até o tempo mudou, porque agora as mensagens são instantâneas. O que vocês acham que muda quando começa a usar de uma forma massificada esses meios?

Resposta 1: Acho que essa tecnologia faz a gente viver mais rápido. Tudo acontece mais rápido, a resposta é mais rápida e a gente consegue se integrar em comunidades diferentes ao mesmo tempo.

Resposta 2: Acho que diminui um pouco a interação entre as pessoas.

Professor: Então influencia negativamente na interação?

Resposta 1: Acho que influencia com certeza

Professor: Vocês fazem isso? Vocês diminuíram a interação? Na minha época a gente reunia e jogava na rua. Jogava Bete, garrafão...

Resposta 1: Criança, na tecnologia de tablet, faz a mesma coisa.

Professor: Então vocês acham que é.... mudou a interação.

Resposta 1: Mudou muito. A infância de antigamente pra de hoje mudou muito.

Professor: A infância de vocês mudou? Ou não chegou a mudar?

Resposta 1: Hoje eu saio bem menos do que saia antes.

Professor: É? Porque você supre essa relação por meio do computador em casa.

Professor: Vocês conseguem ter uma ideia de quanto tempo vocês passam utilizando o computador por dia?

Resposta 1: Eu mexo muito. O computador mesmo eu uso mais pra faculdade. No geral é mais televisão e Netflix.

Professor: Não, vamos refazer a pergunta da **Professora**. Usar para se comunicar. Não usar para fazer trabalho de TI, porque isso aí é a nossa área. Usar para se

comunicar com os outros: Facebook, Snapchat, WhatsApp. Quanto tempo mais ou menos?

Resposta 1: Eu acho que não uso muito não, assim se for no geral, umas duas horas porque normalmente trabalho muito, né?

Professor: Por dia?

Resposta 1: Eu uso mais ou menos umas 10 horas por dia. (Risadas)

Homem: 10?

Resposta 2: Porque mesmo quando eu não, estou, de fato concentrado naquilo. Eu “to” em um canal de áudio conversando com alguém, enquanto faço outra coisa, então...

Resposta 3: A galera de TI tem que ficar no “pc” mesmo.

Professor: Não, mas veja bem, eu quero saber fazendo uma interação social. E não trabalhando no computador, porque aí é claro que “num” tem. Interação social, você tá conversando com alguém, você tá no chat, tá mandando imagem, você tá trocando figurinha.

Resposta 1: Ah, o dia todo a gente faz isso também, né? No intervalo...

Professor: Sim, pera aí, mas “vamos” lá. Vou definir de novo, que você fica tipo assim. Tá você fica o dia todo, mas fica 10 minutos agora, 10 minutos ali, 10 minutos ali. No total, você fica mais ou menos 2 horas por dia, você fica 10...

Resposta 1: Umas 3...

Professor: 3.

Resposta 1: O dia de interação assim com outra pessoa é duas horas.

Professor: 2?

Resposta 1: Fico umas 8 horas...

Professor: 8 horas? Tá. “Eaí”, vocês dois ficam mais tempo, 10, 8 horas. Vocês não sentem falta de falar com as pessoas ao vivo? Ou não tem oportunidade... como é que é isso?

Resposta 1: Eu prefiro muito mais quando eu “to” junto com a pessoa de fato. Só que muitas vezes, por exemplo, o amigo meu “está” trabalhando, ou vou estar fazendo outra coisa, às vezes, eu vou estar fazendo o projeto “TCC”, então a solução que a gente tem é, só, a conversa via mensagem. Porque é algo que dá pra fazer ao mesmo tempo que você está fazendo sua atividade principal.

Resposta 2: É... a mesma coisa a gente, sente falta de “tá” perto, mas daí usa esses canais como.... Pra suprir.... A falta da pessoa.

Professor: Deixa eu ver se eu entendi então. Então.... Na opinião de vocês, a interação mediada pelo computador, né? Ela ajuda a você manter contato com a pessoa, embora não seja o contato que vocês queriam.

Várias pessoas: Isso.

Professor: É isso? Então, como você não tem condições de tá, presencial com pessoa, você usa a rede social para manter o contato, então.... “tá” ajudando?

Várias pessoas: Inaudível.

Resposta 1: Não pode ficar junto dá pessoa, mas pode manter aquele contato.

Professor: Tá, mas você já chegou a perceber que a noção do tempo e espaço mudou pra vocês? Ou não?

Resposta 1: Não...

Resposta 2: A internet passa rápido...

Professor: Ou não mudou? Que que vocês percebem?

Resposta 3: Você perde um pouco a noção, de quanto tempo tá passando enquanto você tá....

Professor: Deixa eu explicar melhor, com exemplos. Se você tem, uma amiga ou uma namorada que mora na Austrália. Quando você tá na interação social, o espaço interfere?

Resposta 1: Pode tá em qualquer lugar do mundo, que você pode se comunicar com ela.

Professor: Vocês percebem essa diferença? “Tá” na casa de vocês, pode conversar com um cara dá Austrália, cara do Japão, dos Estados Unidos.

Resposta 1: Quando eu era mais novo eu não tinha contato com os meus parentes de outras cidades... assim.... hoje em dia, eu recebo mensagem da minha tia todo dia de manhã cedo(risadas).

Homem: Hoje você pode falar. Então, essa noção de tempo e espaço, você mesmo disse, posso fazer duas coisas ao mesmo tempo. Né isso? Se eu não tivesse esse meio para intermediar, você não “ia” conseguir. Então muda. Tá, agora, pra gente encerrar. Como é que é, o relacionamento de vocês com a faculdade? Com a instituição, faculdade, usando os meios de comunicação que a faculdade dispõe. Por exemplo: Quais são os meios que você tem pra se comunicar com a faculdade?

Resposta 1: Blog.

Professor: BLOG!

Resposta 1: Portal aluno.

Resposta 2: Moodle...

Professor: O site! É o Moodle também. Tá, como é que é esse relacionamento? É ruim? Tem coisa boa? Tem coisa ruim? Liberado, pra falar “mermo”.

Resposta 1: É.... O blog no geral ele é bom. A gente é que é relaxado as vezes, porque eu não sou muito de olhar o blog. Exemplo: Tem **Professor** que, eu cheguei aqui na aula e eu descobri que ele não ia vim no dia, e ele falou um dia antes que não ia poder vim.

Professor: Qual é a?

Resposta 1: A gente as vezes não é ligado com o blog.

Professor: Deixa eu perguntar: existe uma regra, tipo o **Professor** poder falar pra vocês o “acessa o blog todo dia”, tem isso?

Várias pessoas: Inaudível.

Resposta 2: Não é uma regra, mas eles mandam dar uma olhada.

Homem: Eles avisam?

Resposta 3: É avisam, depende do **Professor**.

Resposta 4: É, depende.

Professor: Mas pelo menos uma vez no curso ele fala?

Resposta 1: No começo do curso.

Professor: Começo do curso?

Resposta 2: Eu acho que isso é mais obrigação do aluno, acho que mesmo que o **Professor** não fale é obrigação do aluno estar olhando o blog.

Professor: Ok, mas a gente precisa saber o seguinte: O **Professor** fala?

Resposta 1: Sim.

Professor: O coordenador entra na sala e fala também?

Resposta 1: Não fala com tanta frequência.

Várias pessoas: Inaudível.

Professor: Tá.

Resposta 1: Acho que esse é o problema, tem que ter mais frequência de mensagens, notícias.

Professor: Tá, mas vocês entendem, que vocês estão na educação superior? Cada um, é responsável...

Várias pessoas: Sim.

Resposta 1: Eu acho que o blog podia ser.... Quando o **Professor** mandar uma mensagem da turma....

Professor: Tipo mandar um e-mail pra vocês?

Resposta 1: Um e-mail seria bom, porque tem matéria que, o Moodle mesmo eles fazem. Quando eles vão fazer uma matéria, “Oh, tá encerrando”, eles mandam pra você, mandam no Moodle e no e-mail. Aí a pessoa.... Porque o e-mail a gente olha todo dia.

Professora: Isso inclusive, é, se vocês me permitem. É uma coisa que eu perguntei para os meus alunos. Se no aplicativo, vocês podem baixar o aplicativo, não é? Da faculdade....

Resposta 1: Sim

Professora: Para acompanhar, vocês têm esse aplicativo?

Várias pessoas: Não.

Professor: Pode baixar no celular, vocês sabiam disso?

Professora: Os meus alunos que têm esse aplicativo instalado no celular, eles falaram que tem campo para notificação. Eu sou uma **Professora**, por exemplo, que atualiza o blog, toda semana. Eu sempre coloco lá “Essa semana o conteúdo é isso”, um pedacinho do plano de ensino. E eles falaram que tem essa possibilidade de notificação, então eles recebem uma notificação, um “pop up” mesmo, de que, uma mensagem nova da **Professora** Marina Marques.

Resposta 1: Eu tinha um celular que era “Android”. Aí, o aplicativo pra “Android”, tinha muita restrição. Tinha coisa que eu não conseguia ver, tipo, minhas turmas, que aí você olha o geral, né? Igual no site. Aí você vai lá, tinha minhas turmas. Eu não conseguia achar isso no Android, quando lançou, né? Quando lançou o aplicativo eu já baixei. Agora no IOS é bem melhor, no Iphone.

Professor: Tá, beleza. Então vocês conhecem como canal de comunicação: Blog, o Moodle e o?

Resposta 1: O site também?

Professor: O site! Tá, e os outros meios de comunicação tipo: o CAA, coordenação....

Professora: Secretaria....

Professor: Secretaria. Vocês usam.... Ouvidoria! Vocês conhecem a ouvidoria?

Várias pessoas: Inaudível.

Professor: Sabe o que é ouvidoria?

Resposta 1: Para reclamação?

Professor: Não?

Resposta 2: Para fazer reclamações....

Professor: Sugestões também. Não só reclamações, sugestões também. CPA, vocês sabem que existe o CPA? Comissão Própria de Avaliação. Quando vocês fazem aquele questionário, que vale hora complementar, e o aluno não faz. Ali é um canal de comunicação. Muita coisa é modificada por aquilo ali. Você fala "Ah, mas isso aqui "tá" ruim, ou tem que botar...Sei lá, "a biblioteca tem que funcionar até às 10 horas da noite". Coloca ali, manda na ouvidoria, que aquilo chega até a gente. E a gente providencia, claro se estiver dentro das condições. Entenderam?

Resposta 1: Aquele dia mudou, por causa disso também. Os representantes das turmas foram... tem muita mudança ainda.

Professor: Tá, pergunta: Como é que vocês se sentem em relação a essa comunicação? É difícil? É fácil? Como é que é?

Resposta 1: Com o CAA?

Professor: Com o CAA.... Com coordenação, com **Professor**, com blog, como é que é? Tem alguma dificuldade?

Resposta 2: Eu acho a comunicação simples. Só que eu acho que o único problema é a divulgação. Quando tem, por exemplo, eventos como esse mesmo. Acho que tinha que ser mais divulgado para o aluno, mas a parte de a gente fazer sugestão, reclamação, resolver algum problema no CAA por exemplo. Eu acho isso bem simples. Sempre que eu vou, eu consigo resolver rápido.

Resposta 3: Tranquilo, eu também acho simples, mas também eu uso muito porque eu moro perto e prefiro ir pessoalmente resolver meus problemas.

Resposta 4: Têm algumas coisas que a gente não consegue. Eu fiquei sabendo esses dias agora, que teve uma, não sei se é pra ir para o exterior. Teve um concurso só que ninguém sabia.

Professor: Pois é, mas isso aí foi publicado no site várias vezes.

Resposta 1: Mas muita coisa do site podia ir para o blog

Professor: Eu acho que isso aí também foi para o blog.

Resposta 2: Eu olhei, só fiquei sabendo que teve.

Professor: Mas então, deixa eu entender. Como é que seria o ideal para vocês?

Professora: É, nesse caso por exemplo, o que seria o ideal para que essa divulgação chegasse até vocês.

Resposta 1: Eu acho que os dois pontos mais importantes dessa divulgação é: Ter mais atualizações de mensagens no blog. E aqueles murais que ficam em cada campus mesmo.

Professor: Vocês leem os murais?

Resposta 1: Eu leio muito.

Várias pessoas: Inaudível.

Professor: Aquele mural que tem lá na porta da “ETEC” que tem lá um monte de informações. Vocês vão lá e leem?

Várias pessoas: Lá onde fica os estágios, né?

Professor: Isso. Então no geral vocês estão satisfeitos com a comunicação entre alunos e faculdade

Várias pessoas: Sim.

Professor: Ou não? Atende a vocês? Tá, agora vocês têm que se ligar mais. Vou dar o exemplo “pra” vocês. É.... eu sou avaliador do “MEC”, o pessoal do “MEC” falou assim “tem que acessar o portal do “eMEC”. Então é uma rotina, chego de manhã cedo no computador, acesso o “eMEC”. Aí vou almoçar, quando eu volto do almoço, acesso o “eMEC”, antes de ir embora, eu vou lá e acesso o “eMEC”. Entendeu? Eu acho que vocês têm que criar uma rotina assim. Aí vocês nunca vão perder. Porque o coordenador e o **Professor**, eles usam o que? Usam o blog. Né? No site é mais “pra” quando é evento externo. Por exemplo: Vocês sabem que vai ter o “SQL Saturday” em agosto?

Resposta 1: Sim....

Professor: Já foi “pro” site e vai de novo. Mas vai ter o “SQL Saturday”

Várias pessoas: Inaudível.

Resposta 1: Têm muitas coisas que a gente não vê, e fica tudo lá em mensagens. E às vezes a gente entra lá...

Professor: Quando é coisa a gente sempre bota lá “pra” voltar.

Várias pessoas: Inaudível.

Professor: Gente, então, muito obrigado a todos. Tem aí o pão de queijo e o cafezinho para vocês tomarem. É.... “num” doeu, não “rancou” pedaço de ninguém.

Várias pessoas: Inaudível.

Professor: Mas assim, é bom porque a gente fica sabendo.... Não é sempre que a gente consegue ficar sabendo a opinião de vocês. Né? Então isso é importante por quê? Porque a gente fica sabendo de uma forma direta, que “que tá” passando na cabeça de vocês, beleza? Muito obrigado então, depois vou dar a relação “pra” Jéssica, pra ela lançar lá, as horas complementares, tá?

Gravação 5

Professor: Pessoal, então primeira pergunta que eu faço para vocês em relação ao nosso tema que esse aqui é segundo grupo focal. Bom, vocês utilizam aplicativo de rede social para interagir entre vocês?

Resposta 1: Sim como por exemplo WhatsApp, que é um meio comunicativo que é mais rápido e a gente não precisa ficar entrando com senha, você praticamente entra com o número, no caso o número da pessoa, é mais fácil.

Resposta 2: A qualquer momento você pode entrar em contato com a pessoa, quando ela estiver *on-line*, é um acesso mais rápido, além do Whatsapp utilizo também o Facebook, Messenger. Quase não ligo mais.

Professor: Você não usa telefone mais?

Resposta 1: Completamente em ligação não, só em caso de marcar consulta que precisa ligar eu preciso ligar mesmo e esse tipo de coisa. Ligar no trabalho para avisar que vai chegar atrasado. Aí sim, mas eu comecei a ligar no trabalho e avisar que ia chegar atrasado no trabalho por causa que a gente tem um rede social do trabalho, mas minha chefe acabou me chamando e falou assim: não avisa pelo WhatsApp liga para a gente para avisar que vai chegar atrasado.

Professor: É, porque o WhatsApp é uma comunicação assíncrona, ou seja, você joga lá e a pessoa quando for ver ela vai te responder. Então normalmente eu também faço isso com meus dois filhos, porque meus filhos têm mania de ficar mandando mensagem no WhatsApp e eu não fico olhando o WhatsApp toda hora então eu falo: quando é alguma coisa urgente me liga. Porque o WhatsApp é assim, você manda lá a comunicação e tem gente que manda a comunicação e quer que a pessoa fique o tempo todo no WhatsApp e não funciona assim, mas tudo bem.

Professor: vocês tem entre vocês, primeiro, entre vocês do curso de TI na faculdade, vocês se comunicam de que forma? Muito usa WhatsApp, Facebook ou muitos falam frente a frente, como vocês fazem?

Resposta 1: No meu caso eu utilizo o WhatsApp e converso pessoalmente também. Essas duas maneiras. Não tem só um nem outro, não.

Resposta 2: Mas isso é muito relativo porque a gente pode usar o WhatsApp só quando a gente não vê a pessoa. Na faculdade a gente não tem essa convivência de trabalhar junto, o tempo todo, o dia inteiro, então a gente se fala mais pessoalmente a trabalho pra ir fazer a mesma coisa.

Resposta 3: E também quando a gente não tem o tempo, a gente usa o WhatsApp para poder se comunicar melhor e também fazer os trabalhos, dividir os trabalhos. Porque a pessoa não tem tempo para vir né mas a gente tem como se comunicar com ela e falar “Ah fulana, vamos fazer isso e tal e tal” atualizar, fica melhor pra todo mundo.

Resposta 3: É basicamente isso no nosso trabalho né, quando “tá” na faculdade a gente interage pessoalmente. Mas por exemplo quando “tá” em casa tem que usar o WhatsApp porque não tem como a pessoa vir às vezes na faculdade. Eu pelo menos uso o WhatsApp para me comunicar com os amigos.

Pergunta 1: Mas a sua pergunta foi: você quer saber se a gente usa mais a rede social ou a gente conversa mais pessoalmente.

Professor 1: Isso, aqui na faculdade qual vocês fazem mais?

Resposta 1: Ah, a gente conversa mais pessoalmente.

Resposta 2: Tanto pessoalmente quanto no WhatsApp.

Professor: Não, o que você faz mais? Aqui na faculdade você se comunica com o pessoal no WhatsApp mais do que falando? Isso que eu quero saber.

Resposta 1: Pessoalmente.

Professor : Tá, e fora da faculdade?

Várias pessoas: WhatsApp (risos)

Professor: Por que vocês usam o WhatsApp?

Resposta1: Para manter contato porque... Não tem muito o que dizer sobre.

Resposta2: Cada um mora longe, não tem aquele convívio, somente pelo custo.

Resposta3:Resumindo, hoje em dia a facilidade da informação está alta, a distância hoje em dia não é mais um problema. Hoje eu posso falar com um tio meu que mora nos Estados Unidos, a gente não precisa mais mandar mensagem ou tele mensagem como o telegrama, né? Se bem que existe o aplicativo Telegram.

Professor: Tá, então quer dizer que o conceito de espaço e tempo mudou.

Resposta 1:Com certeza.

Professor: Você pode fazer duas coisas ao mesmo tempo?

Resposta 1:Não.

Professor: Não?

Resposta 1:Sim, hoje com a tecnologia posso estar cozinhando e falando ao telefone

Resposta 2:Acho que depende de cada pessoa né. Tem pessoas que não conseguem ficar ligada em várias coisas ao mesmo tempo.

Professor: Então quer dizer que tem gente que consegue e gente que não consegue.

Resposta 1:Exatamente.

Professor: Depende de cada um. Tá, e para namorar o que vocês acham, veja bem, é mais fácil namorar pelo Facebook, pelo WhatsApp ou por esse aplicativos ou namorar pessoalmente?

Resposta 1:Pessoalmente.

Resposta 2:Por redes sociais fica uma coisa fria, a gente não sabe o que a pessoa sente através dos aplicativos.

Resposta 3: Fica muito artificial. Os “emoticons” só são para aliviar a pressão feita.

Professor: O que é “emoticons”?

Resposta 1:Expressão que a gente utiliza na vida real expressar o sentimento.

Professor: Aqueles bonequinhos, aquelas imagens... Ali vocês tentam expressar o sentimento por aquele... Tá.

Resposta 1: É, tipo assim a rede social para quem “tá” solteiro, vai encontrar uma pessoa, certo? Mas o contato pessoal é muito melhor que o contato...

Professor: Qual é os aplicativos que têm no mercado pra fazer esse...

Resposta 1: Ah, o Tinder.

Professor: Só o Tinder?

Pergunta 1: De relacionamento?

Professor: É.

Resposta 1: O Happen, Tinder, Facebook também.

Resposta 2: Badoo, né.

Resposta 3: É o Badoo.

Professor: Se eu tivesse solteiro, na pista o que era mais fácil para mim?

Professora: O que vocês aconselhariam para eu arrumar uma namorada.

Resposta: Se você for uma pessoa tímida o celular é a melhor opção.

Professora: Celular?

Resposta 1: Aplicativos (inaudível).

Professor: Por que você acha que é melhor?

Resposta 1: Porque nesse meio social, lá no site pessoas que estão com o mesmo interesse que você.

Professor: Então a rede social canaliza...

Resposta 1: Hoje em dia tem o famoso like, se a pessoa der like em você e você der like nela, vocês já entram em contato.

Professor: É o match né?

Resposta 1: Sim. Então nesse caso eu acho mais fácil. Mas para um namorado ao vivo e todo dia, é melhor você conversar com a pessoa.

Professor: Então é melhor a rede social só para você encontrar alguém.

Resposta 1: Isso em sites de relacionamentos.

Professor: Isso, você encontrou alguém, em um site de namoro desses ou um aplicativo de namoro, é só pra encontrar. Encontrou, viu que deu certo ai parte para o presencial.

Resposta 1: Sim.

Professor: Ou não?

Resposta 1: Não, olha....

Professor: Fala o que você acha.

Resposta 1: Em alguns casos dá certo e em outros não. Até mesmo pode acontecer uma discussão caso você já está namorando e tem esse aplicativo acontece muito...

Professor: Tá, mas acontece a briga por que? Porque já estou namorando com a pessoa e continuo com o aplicativo no meu telefone?

Resposta 1: Sim.

Professor: Isso quer dizer que estou caçando mais gente?

Resposta 1: A partir do momento que você começa a namorar, você não usa mais o aplicativo.

Professor: É porque isso não é do meu tempo, estou fora do mercado há um tempão já. 29 anos fora do mercado, então isso ai eu não conheço, mas estou conhecendo agora. Outra pergunta: vocês quando estão na rede social, fizeram o perfil e tal, vocês botam o perfil exatamente igual ao que vocês são na vida real, ou dão uma floreada, melhoram... Como vocês fazem?

Resposta 1: Quando eu era jovem eu modificava bastante, mas agora não, agora eu coloco quem eu sou.

Professor: Por que você modificava antes e agora não modifica mais?

Resposta 1: Tipo, a idade, era muito jovem e eu colocava a idade um pouco maior porque as pessoas tinham um pouco de preconceito.

Professor: “Perai” que eu preciso entender isso aqui direito. Então quer dizer que quando você era mais novo, você não se reconhecia...

Resposta 1: Tipo, eu tinha 17 anos e colocava 19. Eu acho que eu não tendo meu dente, as pessoas tinham muito preconceito com a minha idade.

Professor :Mas e agora não tem?

Resposta 1: Não, eu acho que as pessoas preferem as pessoas mais novas.

Professor: Ah então mudou a percepção? Agora a pessoa quer gente mais nova... Então agora você coloca a realidade do que você é. Sua identidade é a mesma realidade e no mundo virtual.

Resposta 1: Sim.

Resposta 2:No meu caso eu nunca menti, eu só não colocava todas as informações.

Professor: “Tá”, então você omitia?

Resposta 1:Sim, eu omitia.

Professor: Por que você omitia?

Resposta 1: Omitia porque tem muita gente perigosa nesse mundo né, a gente não pode espalhar todas as informações da nossa vida pra quem a gente não conhece.

(Inaudível)

Professor: Então o teu era problema de segurança.

Resposta 1: É.

Resposta 2: Meu problema é igual ele falou aqui, né. Problema de segurança também. Porque as vezes você conhece lá, a pessoa e ela não é desse jeito. Você se encontra com a pessoa presencial e ela não é desse jeito assim.

Professor: Mas “eai”, o que você sente quando você tá com um relacionamento lá na rede social, a pessoa tem um perfil e quando você vai encontrar é outra coisa, “eai”?

Resposta 1: É porque tipo, por exemplo: no face coloca uma imagem lá que não é ela, talvez, ia ser outra pessoa, “Fake” né, e quando vai se encontrar pessoalmente....

Professora: E “aí”?

Resposta 1: Acho que um exemplo que todo mundo já passou aqui uma vez na vida.

Resposta 2: É seguro, né começar assim (inaudível)

Professora: Mas e ai, você vai embora?

Professor: Da uma disfarçada...

Resposta 1: Fica pra conversar com a pessoa e depois ali, ali no dia mesmo você conversa com a pessoa, mas depois....

Resposta 2: Só que nesse caso tem a Gestão da Segurança da Informação, né. Porque se a pessoa mente as informações dela, pode ser considerado um crime. Não?

Professor: É, mas ai a gente....

Resposta 1: A gente tá entrando em outro tópico.

Professor: É. (risos)

Resposta 1: Detalhes também sobre as redes sociais. Nunca menti quem eu era, porem hoje em dia eu não coloca mais informações pessoais, por questão de segurança. Eu deixo só o básico mesmo.

Professor: Sim, mas o que você coloca lá é verdade?

Resposta 1: É verdade, nunca coloquei nada falso e essas coisas não, sempre foi...

Professor: Já aconteceu contigo de encontrar alguém que não era aquela que “estava” lá na rede?

Resposta 1: Fake? Já. Aconteceu tipo uma solicitação no Facebook, eu sempre olho pra ver se é verdade e tal, quando é “Fake” assim eu tenho um pouco de conhecimento, né. Ai eu não aceito não. Eu sempre procuro aceitar quem mais eu conheço porque eu convivo com muitas pessoas.

Professora: Vocês vivem esse mundo, nós vivemos, no geral esse mundo mediado pelos aplicativos que estão no computador, qual a preferência de vocês? Interação imediata ou presencial?

Resposta 1: Presencial.

Resposta 2: Presencial é melhor.

Professora: Por quê?

Resposta 1: Porque você conhece a pessoa ne, porque lá pela internet você não conhece a pessoa.

Professor: O que é o “conhecer a pessoa”?

Resposta: Saber o que ela está sentindo, e ai através de uma tela não dá pra sentir. Ela pode falar qualquer coisa pra você e você define se pode acreditar ou não. Eu acho que presencial você consegue realmente conhecer a pessoa.

Professora: E mesmo reconhecendo que presencial é melhor, por que nós utilizamos tanto a mediada?

Resposta 1: Imagino que é por causa da distância. Justamente a distância. Porque se não fosse a distância a gente não ia precisar....

Professora: A distância?

Resposta 1: É.

Professora: Beleza. Um caso clássico que virou até coisas que a gente vê (inaudível) famílias no restaurante, todo mundo usando o celular.

Resposta 1: É.... Sai duas amigas e quando a gente sai com os amigos, eles ficam conversando lá e quase não aproveitam aquele encontro porque ficam conectado lá na rede.

Professora: E ai de novo, minha pergunta. Se nós aqui enquanto grupo, reconhecemos que presencial é melhor, porque a gente precisa e utiliza tanto a mediada?

Resposta 1: Eles são sociáveis e não são sociáveis com quem está à frente. Eles preferem o aplicativo em si.

Professor: Eles só? A gente nunca fez isso?

Resposta 1: Claro, mas... Em primeiro lugar, tem certos lugares que eu me encontro, que eu não quero conversar com as pessoas que estão na minha frente, eu quero conversar com as pessoas que estão no aplicativo.

Professor: E o que vocês acham que falta nessa interação mediada por computador para ela ficar legal pra você, 100%? Falta alguma coisa ou do jeito que está, “tá” boa?

Resposta 1: Se melhorar mais a interação com o usuário vai ser pior, porque vai passar mais tempo no aplicativo. Mas a sua pergunta eu não entendi muito bem, você “tá” perguntando o que falta pra gente passar mais tempo ou o que falta pra melhorar?

Professora: Melhorar.

Resposta 1: Acho que o sinal, a rede (risos) acho muito fraca.

Professor: O que tem na interação mediada que não tem na presencial? E o que tem na mediada que não tem na presencial?

Resposta 1: O contato.

Professor: Mas o que é o contato?

Resposta 1: Justamente a presencial. A gente não vê a expressão da pessoa facilmente.

Professor: Então na mediada você não vê a expressão, não vê os símbolos que a pessoa faz para transmitir os sentimentos.

Resposta 1: A expressão que ela manda por “emoticons” é a que a gente imagina que ela está fazendo.

Professor: Vou fazer uma pergunta: e se fosse “Skype”? Ou um “Telechat”, eai?

Resposta 1: É a mesma coisa que eu disse, é o contato.

Professor: Mesmo sendo vídeo não é igual?

Resposta 1: Não.

Professor: Não dá pra perceber?

Resposta 1: Ele pode estar fazendo um personagem também pelo vídeo.

Professor: Não, aí a gente entra em outro conceito que é o conceito de papel. Cada um tem um papel. Mas eu falo assim: você numa vídeo conferencia, numa tele mensagem. Você está falando com ele pelo computador, mas está vendo ele, é diferente de estar presencial?

Resposta 1: Sim.

Professor: Vocês não conseguem perceber 100% do que ele está sentindo?

Resposta 1: Não.

Resposta 2: Não.

Resposta 3: Não.

Professora: Mas melhora?

Professor: Do que teclando? Por “emoticons”?

Resposta 1: É, evita digitar né.

Professor: Não, você perceber emoção pelo “emoticons”, certo? E se for no vídeo, melhora ou piora? Ou é a mesma coisa do que no “emoticons”?

Resposta 1: Não, melhora.

Professor: Mas não é igual presencial?

Resposta1: Não, não é igual.

Professor: Acessa o Facebook todo dia?

Resposta 1: Sim, todo dia. Já está na rotina.

Resposta 2: Essa questão do aplicativo, eu usava na primeira versão. Sempre usava. Mas depois mudaram pra outra versão e eu parei de mexer.

Professor: Ficou difícil de mexer?

Resposta 1: Achei e desinstalei, agora uso pelo site normal.

Pergunta 1: Você “tá” dizendo o aplicativo do blog, né?

Resposta 1: É.

Resposta 2: Já no meu caso eu olho pelo navegador. Eu não baixo o aplicativo.

Professor: Por que?

Resposta 1: É porque estou acostumado, preferencia mesmo. De colocar o link.

Professor: Dizer pra vocês pessoal, é questão de costume, já falei pro outro grupo. Eu sou avaliador do MEC, então eles disseram o seguinte: olha, vocês tem que entrar no eMEC, que é o site do MEC todo dia. Eu entro 3 vezes por dia. Quando eu chego e ligo o computador, a primeira coisa que faço: entro no eMEC, depois só almoço, entro no eMEC e antes de ir embora, entro no Emec. É rotina, então tem que fazer isso no blog também. Não leva nem 5 minutos. Se não faz igual ao outro aqui: “ah me dei mal, o **Professor** avisou no blog um dia antes e eu vim...”

Resposta 1: E eu vim pra aula mas não teve aula.

Resposta 2: Mas já teve **Professor** que avisou no dia. Ele não avisou um dia antes, com antecedência, ai a gente chegou aqui e não tinha aula.

Professor: Sim, tem casos que é imprevisto, não da pro cara avisar com antecedência. Mas agora quando é uma coisa prevista, aí o cara tem que avisar com antecedência para os alunos não virem aqui a toa.

Resposta 1: Mas como você falou isso é isso mesmo, uma rotina, a gente tem que entrar sempre no blog pra ver se está atualizando.

Professor: Claro, igual presencial. No presencial vocês vão perguntar até entender, certo? A distancia também. Então pra vocês de maneira geral, atende. Vocês preferem, voltando, presencial que vocês conseguem observar a reação das pessoas e como a pessoa “tá” reagindo ao que você “tá” falando. E a vantagem da mediada pelo computador é que você não tem problema de tempo e nem de distância.

Resposta 1: É, exatamente.

Resposta 2: Isso que você falou de “prefere” isso em caso de relacionamento, é um caso.

(várias pessoas falando) agora para namorar, convívio, amizade, família.

Professor: Mas para trabalho não?

Professor: Para trabalho, não. Para trabalho é o mediado.

Resposta 1: Isso.

Professor: Ou seja, aquilo que depende mais de sentimento.

Resposta 1: Isso.

Resposta 2: Da mesma forma quando se trata da faculdade. (Inaudível) eu ia preferir escrever pelo blog, eu acho que é mais a distância mesmo que...

Resposta 3: Sentimento, presencial, família amigos, esse tipo de coisa.

Professor: Você tem irmão?

Resposta 1: Tenho.

Professor: Você nunca “tá” no quarto e tecla com seu irmão no outro quarto?

Resposta 1: Não, raramente.

Resposta 2: A gente conversa pelo WhatsApp quando “tá” longe. Dentro de casa é presencial.

Resposta 3: Acontece isso lá em casa. A minha mãe tem uma conta e eu escrevo pra ela: “traz um copo d’água pra mim?”.

(Risos)

Professora: “Tá” vendo? Pois é, esse é o ponto que é interessante observar. O grupo reconhece que a presencial é mais importante, mas por que a mediada é tão utilizada?

Pergunta 1: O fácil acesso? Rapidez?

Resposta 1: Rotina.

Professor: Ah, então pra você ser aceito no seu grupo social você tem que usar isso, senão você não é aceito, é excluído. Tipo, se você não utilizar o WhatsApp, não consegue se comunicar com ninguém.

Resposta 1: É, você não fica atualizado do que está acontecendo naquele momento.

Professor: Então o grupo meio que força você a utilizar aquela tecnologia, é isso?

Resposta 1: É, meio que uma rotina já. Você tem que estar usando esse aplicativo pra você interagir com a gente.

Resposta 2: Não é que não é aceito, é o único meio que tem disponível.

Professora: A sua opinião também é a mesma deles?

Resposta 1: A mesma também, tipo antigamente carta e essas coisas você sempre entregava pessoalmente, hoje não, a gente tem o e-mail e essas coisas. Hoje em dia virou um padrão.

Resposta 2: Só uma coisa, uma pergunta que sempre passou pela minha cabeça, todo dia é que: Se a tecnologia veio pra atrapalhar a gente. Porque hoje em dia é tudo fácil. A gente vai até no shopping e come fácil, não precisa fazer a comida. Então eu penso que a rapidez atrapalha ou ajuda.

Professor: Por que atrapalha?

Resposta 1: Atrapalha porque a gente quer o convívio e por causa desse meio fácil, a gente não tem (inaudível).

Professor: Mas, veja bem, se a tecnologia te dá mais tempo, por que você não usa esse tempo que sobra para o convívio?

Resposta 1: Então, mas aí que “tá”, a gente....

Resposta 2: Acaba utilizando mais essas tecnologias e aí você tem aquilo que você não tem.

Resposta 3: Você tem aquilo que você usa na tecnologia.

Professor: Então a culpa, eu acho que não é da tecnologia, a culpa é nossa. A gente que não “tá” sabendo usar a tecnologia. Porque, por exemplo, se você não precisar mais sair de casa e ir até o banco, esperar na fila pra pagar o boleto... Esse tempo que você ia levar até lá sobrou pra você, não sobrou?

Resposta 1: Sobrou.

Resposta 2: Sobrou, mas você vai utilizar com tecnologia novamente.

Professor: Mas aí é você, entende? É, você, não é a tecnologia. Porque eu posso pegar esse tempo que eu não fui lá e conversar com a minha filha.

Resposta 1: Acho que é questão de pessoa para pessoa.

Professor: Sim, claro, mas eu falo assim: a gente não pode colocar a culpa na tecnologia. A tecnologia veio pra ajudar, porque olha quanto tempo você economiza.

Resposta 1: Mas isso que você falou é uma analogia. A mesma coisa do carro, quem é que vai de carro? Não cara, ande. Acidente, essas coisas.

Professora: Mas eu entendo que você fala que essa questão da rapidez, é mais uma reflexão, “tá”? Saindo um pouco do escopo do grupo, mas de fato essa rapidez que a tecnologia traz pra nossa vida, a gente acaba querendo ter em tudo. Então eu quero que meu relacionamento seja rápido, eu quero que tudo seja rápido e acelerado, assim

como eu tenho na tecnologia. Exemplo claro, básico que costuma acontecer: Você manda um e-mail para a pessoa, aí você manda um WhatsApp pra avisar que mandou o e-mail pra pessoa, 5 minutos depois, liga para perguntar pra pessoa se ela viu o “WhatsApp” onde ela dizia que mandou o e-mail.

Professor: Ou então você manda o WhatsApp e daqui a pouco “tá” mandando aquelas interrogações.

Professora: Só não chama a atenção porque não tem o mecanismo de chamar a atenção igual tinha no “MSN”, né.

Resposta 1: Isso é verdade, a pessoa visualizou e você acaba tomando um sentimento pra si “nossa, visualizou e não respondeu?”.

Professora: E a gente cria esse mecanismo de rapidez e isso pra tudo. Então de fato tem um efeito sobre a gente que é interessante. Não é exatamente o escopo, mas eu acho interessante quando você traz essa questão. E outro ponto também que faz a gente observar é isso né, como a gente está se relacionando com a tecnologia. Por isso eu frisei com vocês: todos nós reconhecemos que a presencial ainda é a mais importante para todos nós, mas a gente continua utilizando e muito a mediada. Então tem aí uma importância, tem uma facilidade. Tanto que vocês falaram que a é fácil porque é mais rápido, é cômodo, porque isso está inserido socialmente, e as pessoas fazem isso ou vão ficar fora né, dos grupos e enfim.

Resposta 1: Acho que isso a gente pode ver na nossa infância. Na minha infância a gente brincava na rua, hoje em dia meu primo pega um tablet e fica lá horas. A geração nasceu com o mundo na tecnologia, que está avançando cada dia mais.

Professor: Hoje você não usa mais o caderno de telefone, e nem bota o telefone na cabeça, isso aqui passou a fazer parte do seu corpo. Antigamente você guardava o telefone na cabeça, hoje está tudo aqui. O máximo que eu guardo é o número da patroa.

Resposta 1: O telefone fixo de casa...

Professor: Não, se eu não guardo o da patroa eu apanho. É o único também, o dos filhos eu não sei, sei o meu e o dela. Acabou.

Resposta 1: Quando a bateria acaba na rua, a gente fica desesperado.

Professor: Acabou um pedaço de mim. Ou então vou dizer: Entrei aqui e esqueci o celular em casa...

Resposta 1: Acabou o dia...

Professor: Isso ai gente, muito obrigado. Foi bacana essa nossa conversa, não tirou o pedaço de ninguém. Vocês tomaram o café e comeram o pão de queijo? “Tá” quentinho (risos) eu tenho a agradecer à vocês, e assim, é importante essa conversa porque a gente tem a oportunidade de saber o que está passando entre vocês e as vezes vocês chegarem e conversarem com o diretor é difícil.

Resposta 1: É verdade.

Professor: Então aqui a gente “tá” batendo um papo tranquilo, fiquem tranquilos, nem sei o nome de vocês mais, já até esqueci.

Despedidas.

Gravação 6

Professor: E aí, presencial é mais fácil você acha?

- Comigo presencial, porque eu sou muito comunicativo sou muito crítico, eu sempre estou conversando com as pessoas. Eu conheço praticamente quase todo mundo da sala e converso praticamente com todo mundo, mesmo que não tenha intimidade com todos. Então meu relacionamento com eles é mais presencial e também local. Quando eu estou na faculdade, porque quando eu estou fora da faculdade eu não converso com a maioria das pessoas.

Professor: Não conversa?

-Com a maioria deles não. Converso com poucos e com esses poucos sim me comunico por meio do WhatsApp.

Professor: Então quer dizer que você prefere a comunicação presencial, você tem alguma dificuldade com essa comunicação intermediada pelo computador?

-Não, mas me comunico diretamente não é à toa que faço parte de vários grupos.

Professor: AH, então tu usa também?

-Uso, mas é igual você falou, referente a faculdade é mais presencial. Enquanto eu estou na faculdade eu consigo me comunicar com todo mundo, quando eu estou fora quase não tenho contato, mas quando eu tenho algum contato, ai sim é por um meio intermediário.

– Eu também, a comunicação é presencial, ainda mais quando estou na faculdade, mas também em relação a comunicação pelo WhatsApp, eu também uso porque tem o grupo da turma. Os grupos de trabalhos, para trabalhos em grupo, quando a gente precisa se comunicar e não está na faculdade. Contudo, maior parte é presencial quando está na faculdade, mas também uso pra me comunicar

-A minha também é presencial, converso direto com meus amigos, difícil falar com eles por WhatsApp, a não ser que seja algo assim...

Professor: Porque você não usa o WhatsApp?

- Não é porque eles estão aqui na faculdade, quase eu nunca falo.

Professor: Você não tem o problema da distância, não é isso? Seria usar o WhatsApp se tivesse problema de distância, ne?

- É

Professor: Então perto você prefere presencial? Sabe dizer porque você prefere presencial? Já percebeu porque isso?

- Não...

Professor: Nunca percebeu?

- No meu caso por causa da criação. Fomos criados sem tecnologia, eu fui criado no meio de menino descalço nas favelas. Não é uma coisa normal ficar falando direto com os outros e ficar falando por meio de telefone

Professor: Tá, mas assim, isso é bom ou é ruim?

- Presencial você se comunica melhor, ne.

Professor: Porque?

- Porque você já se expressa e tem o retorno imediato. Então a interação já é outra

-Porque então você mostra pra pessoa o que tu está sentindo, é isso?

-É, tem o tom de voz e a expressão facial.

Professor: No presencial, né?

- É isso é mais complexo, porque o WhatsApp realmente é para mensagens curtas ou por voz, né. Agora, quando você tem um bate papo mesmo com a pessoa, assim de 20 minutos, no WhatsApp fica meio difícil.

- E ainda mais, tem a incompreensão. Várias vezes, os assuntos são mal interpretados pelo WhatsApp, porque lá não tem o tom. Muitas vezes, estou brincando ali e a pessoa

está tipo: “nossa está falando sério”, então eu fico: “meu deus do céu, vou ter que me retratar por tudo? Complicado demais, prefiro a comunicação presencial, deixa as pessoas mais próximas. Eu penso que, é uma coisa que até já escrevi uma vez, a comunicação por redes sociais apesar de ter o objetivo da globalização de aproximar mais a as pessoas, na verdade está distanciando mais elas. Enquanto você está lá mexendo no celular, você poderia estar conversando, falando sobre seu dia. Eu penso que ela ao mesmo tempo que vem pra ajudar, também atrapalha.

Professor: Quando você acha que a comunicação a comunicação Intermediada pelo computador ajuda?

- Em grandes distâncias eu acho, por exemplo, uma pessoa que mora no Ceará ou no Rio e outra que mora aqui em Brasília para se comunicar pelo computador ou até pelo Skype, no caso é bem melhor porque não tem a possibilidade de ir lá, né? Em uma distância longa assim.

Professor: Ok, mas aí tem outra pergunta: quando você se comunica só pelo WhatsApp você está só teclando e no máximo que você coloca é aqueles emoticons, pra você dizer alguma coisa. Agora quando você está com Skype, você está vendo a pessoa. Isso é igual é diferente como quando você tivesse presencial, você percebe alguma coisa?

- É diferente, é melhor também. Por exemplo, eu desde 2010...

Professor: Espera, não entendi, quando está com a câmera é melhor que o WhatsApp ou melhor que o presencial?

- Que o WhatsApp.

- Acho q nenhuma comunicação consegue superar o presencial, porque o que acontece quando você está com o Skype, por exemplo, eu desde 2010 comecei a usar chat, porque eu comecei assistir anime e participar de chats. O que acontece é que tinha galera do Brasil inteiro e de outros países, conheci galera de Portugal, Japão, Estados Unidos e tal. Aí, todo mundo ligava o Skype e começava a conversar,

brincar, fazia radio *on-line*, etc. Ai a gente ria, via a galera lá e era uma coisa muito mais próxima, me prendia mais em casa. Só pelo fato da proximidade pela câmera.

Professor: Mas não igual a presencial?

- Não jamais, e gera até problemas também. Porque quanto mais você fica na frente do computador, usando as redes sociais, parece que você se distancia das pessoas próximas a você. Isso aconteceu comigo, pelo menos, porque minha comunicação com minha família diminuiu, a comunicação com meus amigos, que eu saia todo fim de semana, também diminuiu, pelo fato de eu estar sempre ligado, preso a aquela comunicação intermediada. Então quer dizer estava me afastando das pessoas da minha vida.

Professor: E pra namorar?

-Eu já namorei a distância também, então tenho todas as experiências.

Professor: E aí?

- Cara foi tenso, tive 3 namoradas a distância.

Professor: E aí, você foi encontrar com elas?

- Apenas uma em São Paulo.

Professor: E aí, como é que foi?

- Foi uma experiência engraçada, porque assim, você olha por foto, você olha pelo Skype e ela parecia uma pessoa diferente. Ai quando você encontra pessoalmente, você diz: "caramba, vei ela é diferente.

Professor: Então mesmo tendo um vídeo e foto, a pessoa no presencial é diferente, ela não conseguiu expressar a identidade dela por completo?

- Tem um ditado popular que diz: quer conhecer uma pessoa come um quilo de sal com ela, porque um quilo de sal demora 6 meses pra acabar, enquanto um quilo de arroz leva menos de um mês, então quer dizer que eu mesmo tendo WhatsApp dela, e namorando ela por 2 anos e meio e, teve coisa que só conheci convivendo com ela nos 6 dias. Então pensei: "nossa será que vou querer casar com essa pessoa?". Mas

enfim, até a forma física dela, o corpo dela, você via por foto ai era diferente. Ela arrumada, eu tinha uma visão a respeito dela, tinha uma imagem dela. Contudo, a imagem por meio de fotos do computador ainda é distorcida, não te passa nitidamente o que a pessoa é. Quando você encontra, você enxerga a rugas, os pés de galinha, você enxerga tudo.

-Eu nunca namorei por Skype, mas creio que seja da mesma forma.

Professor: Mas tu já usou pra conhecer alguém e depois engatar um namoro?

- Já usei pra me aproximar de alguém, só que foi da mesma forma, quando eu fui conhecer não era aquela coisa que estava descrita. No caso, o que usei foi o Tinder. Lá tem uma foto, uma biografia, mas quando você chega lá a verdade é diferente.

Professor: Mas você colocou a verdade sobre você no Tinder?

- Coloquei.

Professor: Mas colocou toda a verdade?

- Não toda, ne.

Professor: Você usou então outra identidade, é? A virtual?

- Não é porque...

Professor: Não estou falando com você que é outra pessoa, o que estou falando é que, como é seu nome?

- Douglas

Professor: Então o Douglas da vida real e o Douglas do Tinder. Tinha dois Douglas ou era o mesmo?

- Era o mesmo, só que um pouco diferente.

Professor: Então não era o mesmo. Se era um o mesmo um pouco diferente, então não era o mesmo, você tinha mudado algumas características.

-Isso, tinha mudado.

Professor: Você também quando montou o perfil mudou algumas características?

- Não, eu sempre gostei muito e ser autêntico, sabe? Ser o que eu sou, não importa se é por rede social.

Professor: Qual seu nome?

-Joel.

Professor: Então o Joel era o mesmo lá da redes sociais?

- Exato, o cara que brincava, que zuava, com as mesmas conversas. Porém, nas redes sociais eu conheci muito fake. A galera falava que era uma coisa, mas na vida real não era totalmente. Porque altera as identidades, se você começa a prestar atenção tem uma tendência de comportamento.

Professor: O que tu acha leva uma pessoa a montar um fake?

-Crise de identidade. Ela não consegue se aceitar, ela acha que as pessoas não gostam dela do jeito que ela é.

Professor: Aí, ela cria uma identidade virtual.

- Sim, por exemplo, teve uma garota que eu me aproximei, não cheguei a namorar ela. Hoje, eu conheço o real dela, mas o que aconteceu ela se apresentou como Juliana, uma menina branca, de olhos verdes e cabelo liso, aquela coisa linda. Ai, eu fui me aproximando e prestando atenção um pouco mais e fui percebendo algumas inconsistências nas conversas, aí falei com ela: “você está escondendo alguma coisa?”, aí ela se revelou. O nome dela era Barbara, era negra, cabelo afrozão e tals. Mas ela tinha um problema com ela, se achava feia

Professor: Então ela criou uma outra identidade?

- Ela se achava feia, não se achava aceitável. E a outra menina era menina popular da escola, e ela queria essa menina, queria ser ela. Pra galera me aceitar tenho que ser ela. Quando fui ver a garota falei ela: “cara, como tu se acha feia guria? Tu é mó bonita, gata, e você se acha feia? Se aceita, pó”. Hoje ela mora na Bahia e tal, fazendo medicina e teve um desenvolvimento impressionante, hoje se comunica muito mais

do que se comunicava antes, mas não conseguia se aceitar, através da rede social conseguiu mascarar essa crise que tinha dentro dela.

- Bom eu nunca namorei assim a distância, só presencial.

Professor: Mas nem pra conhecer?

-Não, pra mim tem que ser presencial.

Professor: É? Old style, estilo antigo, ne?

- É pra mim tem que chegar, não dá pra ser nada a distância assim não.

Professor: Mas você não usa as redes sociais nem pra se aproximar? Imagina que você gosta de uma menina aqui na faculdade, como você e aproximaria dela?

- Eu iria presencial.

Professor: A mais em algum momento você iria pedir o Facebook, o WhatsApp? Ai você utilizaria pra puxar papo, pra dar um bom-dia?

- Sim, mas pra aproximar mesmo seria mais presencial, pra criar intimidade. Talvez assim, se fosse caso de distância, ia usar mais a rede social, mas caso não seria o presencial.

Professor: O que vocês enxergam como vantagem nessa comunicação intermediada pelo computador? WhatsApp, Facebook. Qual a vantagem isso trouxe pra vocês? Trouxe alguma vantagem, ou não trouxe?

- Trouxe claro,

Professor: Por exemplo?

- a interação, por exemplo, apresentamos nosso último trabalho de projeto 3 e nós usamos uma ferramental que usa a interatividade do código, ela apresenta todo o fluxo o código e as pessoas tão ali alterando esse simultaneamente. O próprio google docs, que você está alterando o documento do world e o outro já está vendo, quer dizer que essa interação que tem nas ferramentas de trabalho é parecida para interações sociais. Por exemplo, a galera quer marcar um churrasco e coloca no google e passa

as informações. Quer dizer é um meio pra você ter um fim melhor, que tipo assim, se você foca rede social só como fim é uma desvantagem, mas se usa como meio, aí sim.

Professor: aí no caso você estaria usando a rede social como meio de comunicação?

- Acho que a maior vantagem que existe na rede social é isso, a facilitação da comunicação em todos os ambientes seja de trabalho ou social.

Professor: mas só nisso, o fim não? Ou seja, usar a rede social pra namorar não, só se for pra brigar, marcar encontro e etc., mas pra namorar não?

- Essa questão de namorar ela acaba acontecendo você querendo ou não. Porque você manda um elogio, você comenta algo na foto que ela publicou no Facebook. Ali é um charlate, ali é um flerte, ali é um jeito de namorar, você está conquistando, não adianta. Porque o que acontece, pelo menos pra mim é assim, a rede social é boa pra se aproximar da pessoa, mas eu vou ver ela, mas não vou ver ela sempre, então por não vê ela sempre eu vou deixar de me comunicar com a pessoa, Não! EU vou usar a rede social.

Professor: Você está dizendo que usa pra comunicar?

-Pra mim a maior vantagem da rede social é isso: comunicar.

Professor: mas para na comunicação se quiser aprofundar ai tem q ser presencial. Aprofundar essa relação, quero dizer assim: você começou na rede social, conversou, conheceu, mas agora se quiser aprofundar ai tem q ser presencial.

- tem que ser presencial. Porque existe o tato

- eu também concordo com ele, porque pra conhecer e interagir pode ser, mas pra conhecer melhor tem q ser presencial. Para se aprofundar mesmo, tem que s presencial

- também concordo com ele, pra marcar alguma coisa ou até por urgência, tipo eu quero falar com ela alguma coisa que tem que ser pra agora, mas se for uma coisa mais íntima, ai tem que ser presencial.

Professor: Agora mudando o assunto, como é a realidade de vocês com a faculdade? Tipo os canais que a faculdade oferece pra vocês, atende? Tipo quais são canais: site, blog, ouvidoria. Então vocês se sentem satisfeitos com isso ou não? Achem que tem algo a melhoras?

- eu acho que atende bem aquilo que a gente quer, no caso o site da faculdade, o próprio portal do aluno, que a gente pode ver as notas, se comunicar com os **Professor**. Acho que atende bem a parte de comunicação da faculdade.

Professor: e a parte do CAA e os serviços, o CAF, ouvidoria?

- eu nunca tive contato

Professor: vocês sabem pra serve a ouvidoria?

- talvez para reclamações!

Professor: para reclamações e sugestões. CPA? Comissão própria de avaliação, que faz aquele questionário que ninguém gosta de preencher, que vale 5 horas. Ali é um canal de comunicação com a faculdade. Mas você acha que funciona pra vocês, vocês acham que podia melhorar, vocês sentem alguma distância?

- Não eu acho que pelo menos os **Professores** do nosso curso, de tecnologia, são bem interativos. Acho essa uma característica muito boa. O Elton, o Ricardo, o Renato, o João Evangelista, o Eduardo são brincalhões e bem de boa. Tem o Denis também. Eles sempre estão ali, são sempre muito preocupados. Essa questão de comunicação e interatividade na faculdade em relação ao corpo docente é algo bem interessante e que acontece com muita facilidade.

-Então essa comunicação com a faculdade é boa atende o que vocês querem?

-Sim, até porque minha comunicação com a faculdade pelas redes sociais é mínima. O que eu uso mesmo é o blog.

Professor: está, mas atende pra você? Atende suas necessidades, tipo o site?

-O site eu quase nunca uso, usava mais no começo.

Professor: Você sabe que tem aplicativo que você pode baixar no seu celular por meio do nosso portal?

-Sei, sei. Baixei, mas ele parou de funcionar eu não sei o que aconteceu.

-É aquele aplicativo é horrível.

Professor: Porque ele é horrível?

- É as vezes está com a internet até boa, ai ainda assim diz que a rede não está disponível.

- A interatividade também é ruim, eu prefiro entrar no blog.

Professor: Então o blog é legal?

-É, eu prefiro entrar no blog ou no site do que no aplicativo.

- Eu já te desisti do aplicativo, já instalei e exclui.

- Eu também instalei e exclui, por essa situação.

Professor: Perai, como é?

- Eu ainda tenho ele, mas por causa das notificações, pra algumas coisas aparecerem.

Professor: então essa funcionalidade valeu pra você?

-E, essa valeu pra mim.

- Já pra mim não vale, porque não gosto de receber notificação nenhuma, porque fico agoniado, então eu tiro notificação do Facebook, WhatsApp e tudo. Porque vejo que tem quando eu entrar, não ser forçado pelo aplicativo a entrar.

Professor: Outra pergunta pra vocês: esses aplicativos de namoro Tinder e tal, já usaram?

- Eu já usei. Agora não uso mais.

Professor: Happn também ne? Qual o que tem o negócio do match?

- É o Tinder.

Professor: Agora tu não usa mais, porque? Arrumou uma namorada?

-Arrumei não, mas parei de usar porque tem muito fake e também muitas vezes você entra com uma proposta e não consegue.

Professor: Ta, e agora quero sinceridade, algum de vocês já fez perfil fake?

-Já, pra sacanear a galera eu já fiz isso umas 3 vezes.

Professor: Mas você sabia que estava colocando fake? Porque tem gente que tem a vida real e tem um fake virtual.

- Não, eu sabia. Fazia pra sacanear os caras mesmo, porque criava lá um perfil mó bonitinho, na época era o Orkut, então criava a página e um MSN certinho, aí falava que era mó gatinha e tal, adicionava os cara. Aparecia altos pederasta pesado, os cara querendo as menina lindinha de 15 anos. Os cara já apareciam sem camisa na webcam, quando eu ligava tinha umas cara bem negão, ai o cara me via e começava a me xingar, ai eu: “ahh seu otário caiu na piada.” Isso era muito engraçado. Eu fazia algo parecido no omegli, porque lá era gente do mundo todo acessando por meio da webcam, ai você entra na webcam e todo mundo te vê. Aí você deixava lá ligado, a quando você via uma tela escura pode ter certeza que tem alguma besteira. Mas era engraçado, você coloca o nome de uma menina lá, ai a galera fica: “quero ver você”, mas ai te vê e fica “ahhhhh”.

Professor: Que aplicativo é esse?

- Chama omegle

Professor: está, a mais uma pergunta. Então vocês vem vantagem nessa interação com o computador mas ela é limitada, na verdade quando é pra tratar de relacionamento mais profundo é presencial. Mesmo vocês sendo da área de tecnologia, pra vocês é isso?

- Isso, só quando é impossibilitado pela distância, por exemplo, no desenvolvimento de um aplicativo que tem gente na Austrália, na Rússia, aí é valido porque não tem como ir na Austrália constantemente.

Professor: Então pra trabalho é valido, pra uma comunicação também é boa, mas para um relacionamento mais profundo não funciona.

- Isso.

-O slogan do omegle é “talk to strangers”, fale com estranhos.

-Tudo que a mãe fala pra não fazer.

- Teve uma situação muito engraçada nisso ai, 4 mexicanos falando comigo, foi muito engraçado.

Professor: Só mais uma pergunta, a mesma pergunta que fiz pro ouro grupo: a gente entende então que há comunicação, mas que a comunicação presencial ainda é melhor que a mediada. Mas então porque a gente usa tanto a mediada? Porque que a gente vive numa era que as pessoas usam tanto a mediada mesmo reconhecendo que a presencial é melhor?

-Porque as pessoas querem resolver as coisas de forma imediata, sem sair de casa, sem se deslocar.

- isso é culpa da minha geração. Minha geração tem isso

Professor: Ah então você tem que usar pra está dentro da geração? Você tem que usar porque todo mundo usa?

- É porque hoje, por exemplo, eu faço parte da igreja. Ai, por exemplo, toda comunicação do nosso grupo é por WhatsApp. Pra passar os recados, pra marcar encontro é por WhatsApp, e ainda assim é difícil. Quando eu excludo o WhatsApp, que eu tenho essa mania de excluir o WhatsApp, o Facebook pra ter meu momento a sós, no qual eu busco uma construção espiritual, o pessoal fala: meu o que você está fazendo? para de besteira. Ou seja, te coloca como uma quadrado, segregado, um excluído, alguém que não quer seguir a tendência.

Professor: Ou seja, você está fora da tribo?

- É, falam q isso mano, isso é pra trabalho tem que saber usar. As pessoas falam você tem que dominar e não deixar ser dominado, mas a maioria que fala é dominada pelo

aplicativo. Até a comunicação com a própria família é por meio do telefone, acham melhor do presencial, mas porque somos uma sociedade imediatista, e tudo tem q ser resolvido logo, que é o conceito de internet, pois com a internet a pessoa te responde com rapidez, e não responde assim com rapidez pra você não serve. Então se não for imediata aquela comunicação pra você não serve. Então, as pessoas usam muito isso por causa disso, porque elas não sabem mais esperar. Essa é minha opinião, porque há 30 ou 40 anos atrás você tinha que esperar uma carta chegar, isso levava dias, meses, logo a galera era mais paciente. Além disso, como eu estou inserido no contexto cristão esse conceito de imediatismo é um, contudo ele está inserido.

Professor: Ou seja, teu grupo social, no caso o da igreja, faz com eu você use mesmo não querendo, porque se você não usar você não se comunica.

-Sim. Até porque sou pregador, então toda a minha agenda é montada por meio do meu aplicativo. Então, as pessoas me procuram, perguntam da disponibilidade e eu gerencio por meio do aplicativo. As pessoas já não ligam, elas não vão a sua casa, elas não ligam no seus telefone residencial, elas querem mandar uma mensagem no WhatsApp que é um jeito fácil. Então a gente usa mais pela facilidade.

-A mesma coisa comigo também, porque o meu serviço tem o grupo do pessoal do trabalho, que usa pra dar aviso, pra marcar alguma coisa. Logo, eu uso muito mais por isso, porque se faz necessária essa interação por aplicativo.

- Também tem algumas coisa que a gente tem resolver pelas redes sócias, porque pra marcar algo, tipo geralmente o pessoal me convida assim: vamos ao cinema? Ai tem que se pelo aplicativo, porque até eu encontrar eles pode levar uns dois três dias, e por ali fica mais cômodo.

-Sem dúvida a rede social facilitou a comunicação. Mas pelo o que eu entendi de vocês é algo superficial, pra aprofundar deve ser presencial

Professor: É isso que o Joel trouxe, então, ne? É um meio pra atingir um fim. Ai então ela é válida?

- Sim, se ela é usa como fim ela te faz segregar, te faz ser distante. Um grande problema na nossa área de tecnologia é isso porque você as vezes fica tão focado no código que perde a interação com a s outras pessoa.

-É, tem que lembrar pra quem você está fazendo o código

-É tipo a falta de interação nas coisas não nos fazem muito diferente dos animais

- É, e tipo até jogo, jogos *on-line* tem interação.

Professor: Ah então vocês também usam o jogo pra interação pra conhecer pessoa?

-não, eu não. Mas tipo muitas vezes as pessoas ficam só no jogo, ai só conhece pessoas jogando e ai acabam deixando as relações pessoais de lado.

Professor: Vocês consideram isso prejudicial, ou tudo bem? A pessoa ter uma vida mais virtual do que a vida real?

- É prejudicial.

Professor: Mesmo estando na área de TI? Sabe porque pergunto isso, porque agora a gente vive o momento dos e-games, né? Estão sendo televisionados, coisa que não acontecia até ano passado, ou seja, os campeonatos estão sendo televisionados e estão ganhando repercussão nacional e internacional e isso envolve muita grana. Domingo mesmo, a equipe de CS ganhou de novo em primeiro do mundo, e a gente vive essa era do e-sports, mas pra isso as pessoas vivem uma vida mais virtual do que uma vida real. Vocês sendo da área consideram isso prejudicial?

- a pessoa pode ter a felicidade que ela quiser em um jogo. O jogo te oferece um monte de felicidade. Você pode até ter uma mente mais desenvolvida e tal. Existe galera, que não posso contar o nome, que não posso falar porque o que fazem é crime, mas tipo os cara são muito bons no computador e fazem coisa que impressiona, mas qualidade de vida é péssima. Todo mundo é gordo, só come fast food, não respira um ar. São todos com uma tendência de serem mais mal humorados.

- Afeta comunicação não interage com outras pessoas, só fica ali focado no computador na e realidade *on-line*.

- Isso pra mim é o pior

-muitas vezes não interage nem com a própria família, isso pra mim isso afeta a vida

- Isso na caso se for exagerado, porque eu jogo e não é exagerado. Mas alguns usam o jogo pra fugir da realidade.

-Eu por exemplo tinha o interesse de ser psicólogo, antes de fazer TI, e por eu ter esse desejo de ser psicólogo eu sempre conversava muito com a galera. Falava com eles e sabia muito dos problemas do pessoal, meu chat era lotado de gente relatando os problemas. A maioria do pessoal que está enfurnado em Facebook, WhatsApp, jogo o dia todo geralmente é cheio de problema. Geral cheio de problema com a família e frustrado emocionalmente. Tem cada relato bizarro, sabe, é galera com trauma. O povo fala muito quanto mais eu conheço as pessoas mais eu amo os animais, mas isso é totalmente desconexo. O animal é irracional, ele vai reagir de forma instintiva, não é porque ele te ama não, é porque é doméstico ele está acostumado. Mas vai fazer isso com o leão, senão tratar domesticamente ele vai ser selvagem, mesmo que cuide dele domesticamente ele vai ser selvagem, ele vai te atacar. As pessoas têm medo de se relacionar com outras, esse é um problema. Elas preferem uma coisa mais superficial, porque o contato expõe, ele mostra quem eu sou e quando demonstro quem eu sou, eu tenho medo de mostrar

-Quer dizer que na rede social você tem controle da sua imagem e da sua identidade

- é lá eu só mostro o que eu quero mostrar.